

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade De Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social

Luciano Silveira Coelho

RISCANDO O ASFALTO: disputa, participação e aprendizagem no rolimã



Belo Horizonte
2022

Luciano Silveira Coelho

RISCANDO O ASFALTO: disputa, participação e aprendizagem no rolimã

Versão Final

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Müller.

Belo Horizonte

2022

C672r
T

Coelho, Luciano Silveira, 1982-

Riscando o asfalto [manuscrito]: disputa, participação e aprendizagem no rolimã / Luciano Silveira Coelho. - Belo Horizonte, 2022.

163 f.: enc., il.

Inclui bibliografia.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Fernanda Müller.

1. Educação -- Teses. 2. Infância - Aspectos sociais -- Teses. 3. Aprendizagem -- Teses. 4. Cultura -- Teses. 5. Sociologia urbana -- Teses. 6. Lazer - Aspectos sociais -- Teses.

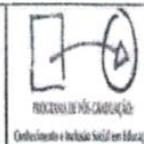
I. Müller, Fernanda. II. Título. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 306.4812

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica.



ATA DA DEFESA DE TESE DO ALUNO LUCIANO SILVEIRA COELHO

Realizou-se, no dia 04 de novembro de 2022, às 15:00 horas, em plataforma virtual, a 897ª defesa de tese, intitulada *Riscando o asfalto: disputa, participação e aprendizagem no rolimã*, apresentada por LUCIANO SILVEIRA COELHO, número de registro 2019650422, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Fernanda Muller - Orientador (UFMG), Prof(a). Cleriston Izidro dos Anjos (UFAL), Prof(a). Emilene Leite de Sousa (UFMA), Prof(a). Jose Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG), Prof(a). Maria Cristina Soares de Gouvêa (UFMG).

A Comissão considerou a tese:

A tese foi aprovada

A banca reconhece o ineditismo do tema e a contribuição do estudo das crianças na perspectiva intergeracional.
Recomenda-se a publicação na forma de artigos.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança de título de tese para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 04 de novembro de 2022.

Prof(a). Fernanda Muller (Doutora)



Documento assinado digitalmente
FERNANDA MULLER
Data: 07/11/2022 18:47:20-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof(a). Cleriston Izidro dos Anjos (Doutor)



Documento assinado digitalmente
CLERISTON IZIDRO DOS ANJOS
Data: 10/11/2022 13:03:36-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof(a). Emilene Leite de Sousa (Doutora)



Documento assinado digitalmente
EMILENE LEITE DE SOUSA
Data: 10/11/2022 17:59:46-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof(a). Jose Alfredo Oliveira Debortoli (Doutor)

José Alfredo O. Debortoli

Prof(a). Maria Cristina Soares de Gouvêa (Doutora)

Maria Cristina Soares de Gouvêa

DEDICATÓRIA

À Maju e Camila, amores incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo aos meus companheiros do movimento do rolimã.

Ao Estevam, por viabilizar minha inserção no contexto de pesquisa e pelo suporte ao longo de todo o processo de trabalho de campo.

À equipe Sapolândia e seus pilotos Duas Rodas, Léo Vagalume, Batata, Senhor Rogério, Bichão, Gedial e Professor Pardal pelas experiências inesquecíveis nos rolês e corujões.

Aos pilotos Henrique, Gardner, Thammer e Rodrigo pelas longas e produtivas conversas sobre a história do movimento do rolimã na RMBH.

Às agremiações “Rolimãs das Gerais” e “Rolimã BH Minas” pela participação em seus grupos de mensagens e nos eventos de rolimã.

Ao Cristiano, João, Maurício e Miriam por me oportunizarem a experimentação de seus singulares e alegóricos carrinhos de rolimã.

Ao Herbert, Juliana, Davi, Estevam, Daiane e Paulo pela confiança e o consentimento para participação de seus filhos e filhas nessa pesquisa.

Ao Bernardo, Arthur, Benício, Beatriz, Eduardo, Richard, Matheus, João e demais crianças que me revelaram os dados mais precisos dessa pesquisa.

Gostaria de registrar também minha enorme gratidão às pessoas da comunidade acadêmica que acolheram a mim e a este trabalho.

Aos meus colegas Túlio Campos, Aline Gomes, Luciana Bizzotto, Joelma de Cerqueira, Lucas Martins, Fábio de Freitas e Lisa Feital pela partilha e companheirismo nessa jornada formativa.

Ao professor e artista Igor Maciel, pela belíssima tela feita exclusivamente para a capa deste trabalho.

Ao arquiteto e professor Samy Lansky por ter produzido uma pesquisa de doutorado que foi uma das grandes inspirações desse trabalho e pela parceria nos eventos que organizamos.

À professora Andrea Moreno e ao Professor Ademilson Soares pela disponibilidade e pelas orientações sobre os procedimentos administrativos e éticos da pesquisa.

Ao professor Levindo Diniz Carvalho pelo trato atencioso e pelo aprendizado oportunizado em diversas ações compartilhadas, inclusive como avaliador do trabalho.

Aos professores Cleriston Izidro dos Anjos, Otávio Henrique Ferreira da Silva e à professora Emilene Leite de Sousa pela generosidade em avaliar o presente trabalho.

À professora Maria Cristina Soares de Gouvea por me receber em seu grupo de pesquisa e viabilizar a minha entrada nos estudos sobre as relações entre crianças e as cidades.

À professora Ana Maria Rabelo Gomes pela presença enriquecedora na banca de qualificação e, sobretudo, ao longo de toda a minha trajetória formativa no mestrado e doutorado.

Ao meu amigo e professor José Alfredo de Oliveira Debortoli por sempre me receber de braços abertos e me abrir portas, desde a graduação.

À minha orientadora, professora Fernanda Müller, pela paciência, franqueza, generosidade e companheirismo ao longo desse árduo, mas enriquecedor, processo de doutoramento.

Por fim, agradeço à minha família.

À Danielle, por ser minha irmã e meu porto seguro.

Ao João, por ser pra mim, o pai que desejo ser pra minha filha.

À Jussara por ter abdicado de suas ambições e anseios e se doado integralmente à tarefa de ser minha mãe. Mesmo sem seus abraços, sei que continua cuidando de mim. Te amo!

EPÍGRAFE

Para ir à lua

Enquanto não têm foguetes
para ir à Lua
os meninos deslizam de patinete
pelas calçadas da rua.

Vão cegos de velocidade:
mesmo que quebrem o nariz,
que grande felicidade!
Ser veloz é ser feliz.

Ah! se pudessem ser anjos
de longas asas!
Mas são apenas marmanjos.

Cecília Meireles

RESUMO

O objetivo desse estudo foi compreender quem são os sujeitos, lugares e aprendizagens concernentes aos eventos de carrinho de rolimã da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Esse trabalho foi concebido a partir dos princípios conceituais e metodológicos da etnografia, que prezam por um trabalho de campo denso e longo, por um contínuo e necessário exercício da alteridade, pela abertura às novas técnicas e instrumentos de pesquisa e também pela disposição de ir além da observação e transformar suas próprias experiências em campo em dados científicos. Por isso, foi de suma importância me apropriar de tais conceitos, me inspirar em outras etnografias e, a partir daí, construir estratégias e fazer as escolhas mais apropriadas ao contexto dos eventos de carrinho de rolimã. O trabalho de campo foi desenvolvido majoritariamente nos “encontros” da Praça do Papa, no Bairro Buritis e na Esplanada do Estádio Mineirão. No entanto, para conhecer de forma mais ampla os eventos e iniciativas relacionadas ao rolimã na RMBH, foi preciso conhecer também outras localidades onde eventos caracterizados como “rolês”, “corujões” e “gp’s” aconteciam. Em momentos e com frequências distintas, foram 46 excursões ao campo, de setembro de 2019 a junho de 2022, em eventos que duravam entre duas a três horas. As primeiras impressões indicavam que o movimento do rolimã na RMBH se tratava de uma ação ampla, coesa e coordenada de um grupo de pessoas em torno de um mesmo propósito. Com uma permanência prolongada em campo, encontrei um movimento marcado por disputas, interesses e apropriações múltiplas que limitam, ao mesmo que conformam, uma comunidade de prática (LAVE e WENGER, 1991). Nesse cenário, homens e mulheres, adultos e crianças, aprendizes e veteranos, participam, constituem e são constituídos (LAVE, 2019) por uma prática polissêmica, contraditória e invariavelmente situada. Por isso, “brincar”, “andar” ou “pilotar” um carrinho de rolimã são habilidades que não se estabelecem por um acúmulo de representações mentais que se convertem em movimentos corporais, mas por uma agência perceptiva, através de um processo de educação da atenção (INGOLD, 2000). Sem a pretensão de forjar análises conclusivas e totalizantes, o presente estudo se soma a um amplo e contemporâneo campo de pesquisa que vem construindo

compreensões mais acuradas sobre as diversas formas de ser e estar das crianças nos contextos urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Aprendizagem, Cultura, Carrinho de Rolimã, Cidade.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand who are the subjects, places and learning concerning the trolley events in the Metropolitan Region of Belo Horizonte (RMBH). This research was conceived from the conceptual and methodological principles of ethnography, which value a dense and long-lived fieldwork, a continuous and necessary exercise of alterity, an openness to new research techniques and instruments and also a willingness to go beyond the observation and transform their own field experiences into scientific data. Therefore, it was extremely important for me to appropriate these concepts, to be inspired by other ethnographies and, from there, to build strategies and make the most appropriate choices in the context of the events of the trolley car. The fieldwork was developed mainly in the “meetings” of Praça do Papa, in Buritis neighborhood and in Esplanade of Mineirão Stadium. However, to learn more about the events and initiatives related to trolley in the RMBH, it was also necessary to know other places where events characterized as "rolês", "corujões" and "gp's" took place. At different times and with different frequencies, there were 46 field trips, from September 2019 to June 2022, in events that lasted between two and three hours. The first impressions indicated that the trolley movement in the RMBH was a broad, cohesive and coordinated action of a group of people around the same purpose. With a prolonged stay in the field, I found a movement marked by disputes, interests and multiple appropriations that limit, while shaping, a community of practice (LAVE and WENGER, 1991). In this scenario, men and women, adults and children, apprentices and veterans, participate, constitute and are constituted (LAVE, 2019) by a polysemic, contradictory and invariably situated practice. For this reason, “playing”, “ride” or “pilot” a trolley are skills that are not established by an accumulation of mental representations that are converted into body movements, but by a perceptive agency, through a process of education of attention (INGOLD, 2000). Without pretending to forge conclusive and totalizing analyses, the present study adds to a broad and contemporary field of research that has been building more accurate understandings about the different ways of being children in urban contexts.

KEYWORDS: Childhood, Learning, Culture, Carrinho de Rolimã, City.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue comprender quiénes son los sujetos, los lugares y los aprendizajes sobre los acontecimientos del carritos de rolíma en la Región Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Este trabajo fue concebido desde los principios conceptuales y metodológicos de la etnografía, que valoran un trabajo de campo denso y longevo, un continuo y necesario ejercicio de alteridad, una apertura a nuevas técnicas e instrumentos de investigación y también una voluntad de ir más allá de la observación y transformar sus propias experiencias de campo en datos científicos. Por lo tanto, fue sumamente importante para mí apropiarme de estos conceptos, inspirarme en otras etnografías y, a partir de ahí, construir estrategias y tomar las decisiones más adecuadas en el contexto de los acontecimientos del tranvía. El trabajo de campo se realizó principalmente en los “encuentros” de la Praça do Papa, en el barrio Buritis y en la Explanada del Estadio Mineirão. Sin embargo, para conocer más sobre los eventos e iniciativas relacionadas con rolimã en la RMBH, también fue necesario conocer otros lugares donde ocurrieron eventos caracterizados como "rolês", "corujões" y "gp's". En diferentes horarios y con distintas frecuencias, se realizaron 46 viajes al campo, desde septiembre de 2019 hasta junio de 2022, en eventos que duraron entre dos y tres horas. Las primeras impresiones indicaron que el movimiento rolimã en la RMBH fue una acción amplia, cohesionada y coordinada de un grupo de personas en torno a un mismo propósito. Con una prolongada estancia en el campo, encontré un movimiento marcado por disputas, intereses y múltiples apropiaciones que limitan, a la vez que configuran, una comunidad de práctica (LAVE y WENGER, 1991). En este escenario, hombres y mujeres, adultos y niños, aprendices y veteranos, participan, constituyen y son constituidos (LAVE, 2019) por una práctica polisémica, contradictoria e invariablemente situada. Por ello, jugar, conducir o piloto un carrito de rolíma son habilidades que no se establecen por una acumulación de representaciones mentales que se convierten en movimientos corporales, sino por una agencia perceptiva, a través de un proceso de educación de la atención (INGOLD, 2000). Sin pretender forjar análisis conclusivos y totalizadores, el presente investiga se suma a un amplio y contemporáneo campo de investigación que viene construyendo comprensiones más certeras sobre las diferentes formas de ser y estar de los niños en contextos urbanos.

PALABRAS CLAVE: Infancia, Aprendizaje, Cultura, Carrinho de Rolimã, Ciudad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meu carrinho de rolimã	42
Figura 2 - Sétima Edição do Mundialito de Rolimã do Abacate.....	49
Figura 3 - Aquecimento do Mundialito de Rolimã do Abacate na Virada Cultural	50
Figura 4 - Capa do perfil do grupo “Rolimã das Gerais”	52
Figura 5 - Capa do perfil do grupo “Rolimã BH Minas”	53
Figura 6 - Imagem aérea da Praça Papa e do percurso dos carrinhos de rolimã	58
Figura 7 - Imagem aérea do Buritis e dos percursos dos carrinhos de rolimã	60
Figura 8 - Imagem aérea do Mineirão e dos percursos dos carrinhos de rolimã.....	64
Figura 9 - Retorno dos grupos ao topo da pista do Mineirão	67
Figura 10 - Imagem do trecho da pista do Mineirão com gradis.....	69
Figura 11 - Imagem aérea da Av. Américo Vespúcio e do percurso dos carrinhos...	71
Figura 12 - Imagem aérea do Morro do Cavalo e do percurso dos carrinhos	74
Figura 13 - Principais modalidades nos rolês e GP's	75
Figura 14 - Bárbara e Bruno com seus respectivos carrinhos.....	93
Figura 15 - Bruno andando de rolimã do colo da irmã e do pai.....	95
Figura 16 - Benjamin (à esquerda) e André (à direita) com seus carrinhos	98
Figura 17 - Joaquim e o carrinho de uma roda.....	104
Figura 18 - Trecho esburacado da esplanada do Mineirão	109
Figura 19 - Ilustração explicativa do “zerinho”	111
Figura 20 - Dispositivos de frenagem	112
Figura 21 - Acionamento dos dispositivos de frenagem (a) e (b)	114
Figura 22 - Força centrífuga e as alças de segurança	117
Figura 23 - Aprendizagem da prática do rolimã.....	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de excursões ao campo	40
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa	45
Quadro 2 - Síntese dos grupos de carrinho de rolimã da RMBH	55
Quadro 3 - Síntese dos eventos de carrinho de rolimã da RMBH.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

GP – Grande Prêmio

PPL - Participação Periférica Legitimada

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. PERCURSO TEÓRICO	28
1.1. Aprendizagem situada na prática cotidiana.....	28
1.2. Habilidade enquanto educação da atenção	31
2. PERCURSO METODOLÓGICO	37
2.1. Trabalho de campo	40
3. O MOVIMENTO	48
3.1. Encontros	57
3.2. Rolês	70
3.3. GP's	72
4. O ROLIMÃ E A CIDADE	79
4.1. As mulheres do(no) rolimã	80
4.2. A cidade como lugar de disputas	83
4.3. A busca por reconhecimento e legitimidade.....	87
5. APRENDENDO A BRINCAR, ANDAR E PILOTAR.....	91
5.1. Relações estruturais e cambiantes	92
5.2. Elementos indissociáveis	107
5.2.1. O Ambiente	107
5.2.2. Os Objetos	110
5.2.3. Os Sujeitos.....	118
5.2.4. O Risco	123
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	139
GLOSSÁRIO	153
ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética da UFMG.....	154
ANEXO II – Matéria sobre o encontro de rolimã do Buritis	159
ANEXO III – Repercussão internacional da Copa Sudeste de Rolimã.....	160
ANEXO IV – Repercussão midiática do acidente fatal com rolimã.....	162

INTRODUÇÃO

Compreender diferentes experiências de infâncias sempre me provocou e inspirou. Por isso, ainda como professor da Educação Básica, desenvolvi um projeto de ensino sobre jogos e brincadeiras indígenas. Essa experiência teve tanto significado profissional e pessoal, que me dispus a ir além. No mestrado, realizei pesquisa entre os Pataxó para compreender aspectos das aprendizagens das crianças naquele contexto. Conclui que as crianças Pataxó estão envolvidas diariamente em um interessante e complexo contexto que lhes proporciona inúmeras aprendizagens que independem de um ensino deliberado¹. Essa rica gama de aprendizagens ocorre graças à participação efetiva das crianças nas práticas cotidianas promovidas pela proximidade com os adultos e outras crianças e pelo acesso aos diferentes espaços da aldeia.

Na tentativa de retomar o diálogo entre os campos da Antropologia e da Educação, mas dialogando com a dinâmica urbana, proponho tratar questões afeitas às aprendizagens que emergem em contextos cotidianos e não institucionalizados. Pesquisas contemporâneas que têm buscado compreender as relações estabelecidas entre as crianças e o contexto urbano sugerem a progressiva perda de mobilidade (GUIMARÃES E LOPES, 2019), o confinamento espacial (MÜLLER, 2012) ou ausência de apropriação dos espaços públicos (DEBORTOLI et al, 2008), sobretudo entre as crianças de classes média e alta nas cidades brasileiras. Essa relação de tempo, espaço e aprendizagem em contextos urbanos foi o que me conduziu às primeiras indagações da presente pesquisa: quais os tempos, lugares e formas de apropriação que as crianças, a partir de suas diversas experiências, estabelecem com a cidade? Os espaços públicos podem ser considerados contextos de aprendizagem?

Nesse sentido, proponho tratar questões que emergem da observação do uso de alguns espaços públicos urbanos pelas crianças, para compreender os sujeitos, suas práticas e suas relações em tais contextos. Nesse sentido, volto meu olhar para algumas iniciativas de apropriação de locais da cidade de Belo Horizonte, tendo

¹ A expressão “independe de um ensino deliberado” foi utilizada em substituição ao termo “ensino informal”. O propósito é não reforçar a dicotomia entre formal e informal, que acaba por reforçar a lógica da “forma escolar” (VINCENT, LAHIRE e THIN, 2001, p.10) onde o ensino é pautado pelo princípio da impessoalidade e em tempos e espaços específicos e descontextualizados.

como mote o brincar, entendendo essa como uma prática de interesse das crianças, mas que não se restringe a elas.

Diversas iniciativas² com esse propósito podem ser observadas na capital mineira, desde eventos esporádicos organizados por escolas (CAMPOS, 2019) e também pelo poder público, até organizações não governamentais com agendas de encontros e eventos em diversos espaços da cidade. Optei por voltar minha atenção para alguns eventos de carrinho de rolimã que ocorriam na cidade. Esse contexto singular de pesquisa me provocou a pensar: quem são os sujeitos que participam desses encontros? Quais os sentidos atribuídos a esses eventos? Quais as práticas estabelecidas nesses contextos? Quais as formas de participação das crianças e adultos? Que aprendizagens podem ser observadas entre esses sujeitos?

Ao fazer referência aos contextos urbanos contemporâneos, é preciso cautela para evitar generalizações precipitadas. Em pesquisa realizada em dois bairros de Belo Horizonte, Debortoli et al (2008) chamam a atenção para as particularidades dos diferentes espaços da cidade. No bairro Belvedere, considerado um refúgio da elite econômica belorizontina, as relações adulto/criança são marcadas pelo distanciamento. Segundo os autores, a lógica dos edifícios opulentos, com diversos equipamentos de lazer, deixa em segundo plano a reunião das pessoas (DEBORTOLI et al, 2008). Sobre a apropriação do espaço público neste contexto, os autores destacam uma ausência completa de circulação de crianças. Fazendo um contraponto a isso, o bairro Confisco, constituído pela periferia deserdada da cidade, tem suas ruas como um espaço público, com possibilidade de encontro e trocas, mesmo que de forma e sentido nostálgico (DEBORTOLI et al, 2008).

Sobre esse aspecto, Müller (2012), ao analisar as visões das crianças sobre a cidade de Porto Alegre, revela algumas distinções da relação estabelecida pelas crianças com a rua. Dos três contextos pesquisados pela a autora, o bairro Bom

² O projeto “Na pracinha” é uma iniciativa de grande destaque na cidade de Belo Horizonte. Idealizado por Flávia Pellegrini e Miriam Barreto, oferece um site e perfis em redes sociais, cujo intuito é promover “reflexões sobre parentalidade, educação, saúde, e dicas culturais e de passeios em família por Belo Horizonte e região”. Além dos conteúdos virtuais, o projeto promove encontros frequentes nas praças da cidade, sempre com o monte do brincar como pano de fundo. Outra iniciativa que merece destaque é o movimento “BH pela Infância”, que visa “a reflexão sobre a cidade e a criança, integrando o debate sobre educação, cultura, alimentação, saúde e sustentabilidade”. Organizado por oito profissionais de diversas áreas (Nutrição, Jornalismo, Educação, Artes, entre outras), o movimento também possui um site e perfis em redes sociais, onde produz matérias sobre temáticas inerentes à infância, participa de seminários e promove eventos na cidade.

Jesus, marcado “pela pobreza, ruas não calçadas, casas construídas com restos de madeira e papelão”, não está associado apenas à ideia de medo e perigo:

a rua se confunde entre espaço público e extensão da casa. Para estas crianças, a rua é o lugar de encontro com os amigos, para brincar, dançar, conversar, jogar futebol. Logo, se por vezes a casa é o lugar de proteção em relação à rua, por outras, a rua é o lugar familiar, de encontro e pertencimento (MÜLLER, 2012, p. 307).

Além disso, a pesquisa de Müller (2012) coloca em relevo outro aspecto a ser considerado nas relações constituídas pelas crianças (meninos e meninas) e o seu entorno. Waldemir (10 anos), morador do Bairro Bom Jesus, demonstrou ter uma experiência mais ampla da cidade, pois estudava fora do bairro, usava o transporte coletivo e conseguia estabelecer comparação entre o seu bairro e o restante da cidade. Em contraste, Adriane (9 anos) e Élide (12 anos), apesar de terem demonstrado uma vasta apropriação do bairro, possuíam “um conhecimento limitado dos espaços fora dos limites do Bom Jesus, vivendo numa espécie de confinamento espacial” (MÜLLER, 2012, p.307). Essas distinções nas relações de gênero com o contexto urbano são enfatizadas por Perrot (2014), quando afirma que a cidade se configura como espaço sexuado, onde o domínio da vida privada é destinado às mulheres e às crianças pequenas, e a rua é compreendida como lócus masculino por excelência.

A noção de público e privado são construções sociais que marcam uma mudança gradativa, mas significativa, do *modus vivendi* das sociedades ocidentais, desde o período feudal até a Modernidade (GOMES e GOUVÊA, 2008). A presente pesquisa não tem a pretensão de trazer contribuições substanciais para o tema concernente às relações de gênero e o contexto urbano. Porém, brinquedos e brincadeiras são construções sociais e históricas que não estão apartadas de outras esferas da vida. Andar de carrinho de rolimã certamente não é uma prática esvaziada de ordenamentos e representações de gênero. Por isso, de uma maneira pontual e contextualizada, essa discussão será mais bem encaminhada no momento de análise do objeto de estudo em questão.

Além dessa e de outras nuances, em geral, a infância contemporânea está enormemente subordinada à tutela do adulto, e isso pode ser observado em diversos contextos urbanos. Em seu estudo desenvolvido com crianças que vivem em um subúrbio perto da capital dinamarquesa, Copenhague, e com crianças que

vivem em uma área rural na região nordeste do país, Christensen et al (2014) observaram que a rotina das crianças se concentra nos contextos escolar e doméstico.

Na maior parte do tempo as crianças estavam em movimento, seja em espaços fechados ou externos, em suas casas ou na escola. Enquanto algumas de suas atividades físicas eram rotineiramente organizadas e orquestradas no tempo e no espaço pelos adultos na escola, no centro de atividades extraclasse ou clubes esportivos, outras atividades eram iniciadas de forma espontânea pelas crianças ou suas famílias (CHRISTENSEN *et al*, 2014, p.704).

Nesse estudo os deslocamentos das crianças também foram observados. Os autores concluíram que diferenças geográficas (área rural e suburbana), culturas de coesão social nas famílias e padrões de emprego dos pais são significativos para se compreender como a mobilidade das crianças é construída.

Além de influências sociais, geográficas e econômicas, não é de se surpreender que fatores históricos interfiram na forma como os sujeitos, em especial as crianças, se locomovam no ambiente citadino. Ariès (1981) afirma que a criança pré-moderna gozava de uma liberdade de locomoção mais ampla. A dinâmica da vida moderna e urbana conforma uma tendência de afastamento de espaços públicos, principalmente, da rua. Sobre essa questão, o trabalho de Guimarães e Lopes (2019) é bastante revelador. Ao pesquisar a construção da mobilidade das crianças em uma cidade de médio porte do sudeste brasileiro, os pesquisadores apontam as possibilidades e os constrangimentos que se têm apresentado para elas na contemporaneidade. Entre as crianças da pesquisa, apenas 10% iam sozinhas para a escola e o discurso sobre os riscos da cidade e da rua foram marcantes (GUIMARÃES e LOPES, 2019). Consequentemente, o carro era o meio de locomoção predominante.

O grupo que tem maior mobilidade autônoma, sobretudo com o costume de andar de bicicleta, demonstrou gostar mais dessa opção. O grupo majoritário, com pouca mobilidade autônoma, prefere o carro, sendo que a justificativa sempre faz referência ao fato de que “o carro não deixa a gente cansado”, “o carro é mais rápido”, “o carro é confortável” (GUIMARÃES; LOPES, 2019, p.319).

Esse culto ao automóvel, incorporado nos hábitos e discursos das crianças, demonstra a materialização de uma forma de viver a cidade baseada em deslocamentos entre “ilhas” (ZEIHER, 2003), como a casa, a escola, o clube, a

igreja, entre outros, com pouca apropriação autônoma dos espaços públicos e uma constante vigilância alambrada. Segundo Zeiher (2003), apesar de as crianças de classe média que vivem nos grandes centros urbanos possuírem algum protagonismo no delineamento espaço-temporal de seus cotidianos (*shaping daily life*), suas escolhas estão fortemente condicionadas aos contextos familiares, socioeconômicos e estruturas urbanas em que estão inseridas.

A prática do carrinho de rolimã pressupõe não apenas o objeto e a disponibilidade de tempo, mas um local adequado para que a tal prática aconteça. Entretanto, o termo “adequado” não deve ser entendido aqui como lugar planejado e construído para tal finalidade. As ruas asfaltadas, pensadas e concebidas para o trânsito de veículos motorizados, tornaram-se locais ideais para ocorrência dessa prática, que requer um piso liso e regular. Esse fato levanta uma questão contraditória: se por um lado o asfaltamento progressivo das ruas favorece a prática do carrinho de rolimã, por outro, viabiliza a presença cada vez mais ostensiva de automóveis.

O discurso do medo e dos potenciais riscos apresentados pela cidade está amplamente disseminado na sociedade. Apesar de as crianças possuírem capacidade de criar e interpretar, sobre esse aspecto, não são alheias aos discursos dos adultos, que veem a rua como um espaço de perigo (MÜLLER, 2012). Conseqüentemente, brincadeiras e vivências lúdicas oportunizadas nesse contexto são gradativamente transformadas ou mesmo caem em esquecimento. Ainda na pesquisada realizada por Guimarães e Lopes (2019), foi possível observar a remanência de algumas dessas brincadeiras:

Apenas 10% das crianças vão sozinhas para a escola, locomovendo-se a pé ou de bicicleta. Esse é também o único grupo que afirmou já poder caminhar pelo bairro sem acompanhamento de um adulto. Essas crianças andam de bicicleta e jogam bola na rua. Além disso, uma brincadeira apareceu como preferida para esse grupo: apertar a campainha das casas circunvizinhas e sair correndo, para procurar um abrigo e não ser visto (GUIMARÃES; LOPES, 2019, p.318).

Esse sentimento oscilante entre o medo e o desejo constitui relações bem distintas entre as crianças e os espaços urbanos. Em Salvador, Pimentel (2015) construiu uma visão panorâmica das brincadeiras de rua em diferentes bairros da cidade e descreveu suas implicações para a sustentabilidade desse aspecto lúdico da cultura popular soteropolitana. Para o autor, dois fatores foram preponderantes

para existência das brincadeiras de rua nos bairros periféricos da cidade: a existência de redes sociais nas comunidades pobres que possibilitavam a improvisação dos espaços nos quais as brincadeiras ocorriam e a falta de acesso por parte de algumas crianças a espaços privativos de lazer. Sobre esses aspectos, merece especial atenção o fato de que as brincadeiras de rua ocorrem graças à mobilização de redes sociais nas comunidades, que operam as condições necessárias para que as crianças saiam às ruas. Portanto, o reconhecimento por parte dos adultos da importância das brincadeiras de rua na vida das crianças é elemento preponderante para a permanência dessas práticas lúdicas em determinados contextos sociais. Na capital baiana, o autor identificou três configurações de laços sociais na constituição dessas redes de convívio:

1) as pessoas se reúnem por laços de parentesco; 2) foram identificados laços de vizinhança; 3) há também os laços de circunvizinhança, que ampliam espacialmente as relações de proximidade entre as pessoas. Neste último caso, trata-se da participação de crianças que vêm de outras ruas ou até mesmo de outros bairros e que são filhos ou filhas de pessoas próximas de alguns dos moradores das ruas em que ocorrem as brincadeiras. Os cenários urbanos e as redes de convívio social constituem as principais bases materiais e imateriais para a realização das brincadeiras (PIMENTEL, 2015, p.709).

Apesar da existência de algumas formas de organizações sociais que ainda permitem vivências lúdicas em espaços públicos não planejados, em especial na rua, a conformação da vida contemporânea nas grandes cidades aponta para um sentido oposto. A expansão das áreas urbanas amplia e aprofunda as situações de conflito social nas formas de apropriação dos espaços públicos, sobretudo no que diz respeito à segregação dos espaços destinados à circulação social e ao lazer (PIMENTEL, 2015).

Apesar de ainda existirem contextos urbanos, como visto nos bairros periféricos de Salvador, o crescimento das cidades não é pensado para permitir o acesso e a permanência das crianças nos espaços públicos. Como consequência, a criança progressivamente tornou-se uma das principais vítimas dessa segregação socioespacial nas metrópoles modernas, resultando em casos de confinamento e controle excessivo para alguns grupos e marginalização para outros (LANSKY, GOUVÊA, GOMES, 2014).

O que se pode ver atualmente em contextos de classe média e alta é uma série de espaços especializados, construídos a partir de uma concepção adultocêntrica de controle e assepsia da infância: parques, praças, museus, *shopping centers*, espaços *kids*, dentre outros. Müller (2012) reconhece essa tendência, mas pondera que, dentro dos limites espaciais e temporais impostos pelos adultos, as crianças criam os lugares delas. A autora observa que:

uma forma de se apropriar e se fazer pertencer é dar nomes aos locais favoritos. Isso também demonstra que, apesar do planejamento cauteloso do parque pelos adultos, onde se preveem espaços próprios para as crianças, como as pracinhas de brinquedos, elas brincarão em todos os lugares e com qualquer coisa (MÜLLER, 2012, p. 313).

A autora acrescenta ainda que, independentemente de ser a rua em frente a casa, os becos, o pátio do condomínio, ou partes do parque, os lugares criados pelas crianças na cidade reafirmam as trocas entre pares, ao mesmo tempo que são tentativas de se fazerem pertencer, de se tornarem menos invisíveis e resistirem à separação do convívio social mais amplo (MÜLLER, 2012).

Essa reinvenção dos espaços e, por vezes, a subversão da lógica centrada no adulto do planejamento urbano, revela práticas e condutas muito interessantes por parte das crianças. Van Der Burgt e Gustafson (2013) estudaram as formas como as crianças e seus pais percebem, experimentam e negociam a organização dos tempos e dos espaços em seus cotidianos. Através de um estudo piloto, as autoras registraram a rotina de uma família - constituída por um pai e uma mãe (ambos com 37 anos), uma menina (12 anos) e um menino (9 anos) – moradores de um bairro de classe média, na cidade de Kungsängen, na Suécia. Enquanto a menina dedicava majoritariamente seu tempo livre às atividades institucionalizadas (ex.: equipe de futebol), seu irmão demonstrava resistência a essas formas de lazer e uma predileção por brincadeiras não estruturadas. Um dos registros dessa pesquisa revelou que:

Outra maneira criativa e eficaz pela qual Tom recria “lugares de não brincar” em “espaços para brincar” é através do uso de pátios particulares nas vizinhanças. Como observado acima, a falta de variedade nos espaços de recreação leva Tom e seus amigos a subverter algumas das regras. Cada prédio de apartamentos possui um pátio destinado aos seus respectivos moradores. Os pátios são acessíveis apenas digitando um código de acesso na portaria. Para usar atalhos nos diferentes pátios e poder jogar em mais do que apenas nos seus, Tom e seus amigos descobriram e memorizaram

os códigos de portas de cada prédio. Assim, eles criam espaço adicional para brincar (VAN DER BURGT e GUSTAFSON, 2013, p.34, Tradução própria).

Essa pesquisa mostrou ainda que as partidas de futebol da equipe de Anne, a filha mais velha, compreendia boa parte do tempo e espaço de lazer da família nos finais de semana.

Observando a organização familiar de uma perspectiva espaço-temporal, torna-se claro que as escolhas feitas no fim de semana são limitadas pela atividade de futebol de Anne, que consome boa parte do tempo comum da família, incluindo seus pais e irmão, em espaços de lazer institucionalizados (VAN DER BURGT e GUSTAFSON, 2013, p.36, Tradução própria).

Espaços planejados para o lazer, sejam eles públicos (museus, parques, praças, etc.) ou privados (clubes, bares, restaurantes, shows, etc.), ao mesmo tempo em que oportunizam, também conformam as vivências lúdicas das crianças e da família. Assim como no exemplo da família sueca, outros espaços voltados para práticas de lazer têm sido concebidos a partir de uma lógica cartesiana e adultocêntrica. Restaurantes e bares projetados ou adaptados para atender as demandas de lazer das famílias têm sido cada vez mais comuns nos grandes centros urbanos.

Karsten, Kamphuis e Remeijnse (2015) realizaram uma pesquisa em Amsterdam, na Holanda, com o intuito de compreender uma nova tendência de lazer e consumo em família em estabelecimentos como bares e restaurantes da cidade. Um dos aspectos revelados por esse estudo é que o tempo de lazer gasto com a família nem sempre pode ser classificado como lazer em família, pois o envolvimento dos pais com as crianças se difere (KARSTEN, KAMPHUIS e REMEIJNSE, 2015). As autoras classificaram esses momentos de lazer em três tipos: tempo de cuidar (*leisured caring time*), com alto envolvimento dos pais; tempo de lazer próprio (*own leisured time*), direcionado principalmente para as atividades pessoais dos pais; e tempo de lazer social (*social leisured time*), voltado principalmente para a manutenção de relacionamentos sociais além da família (com amigos, parentes e vizinhos). O estudo revelou que pouco mais de um terço das práticas observadas foram classificadas como tempo de cuidar (*leisured caring time*), isto é, lazer familiar com alto envolvimento dos pais. Esse dado mostra que, mesmo estando em um mesmo ambiente, adultos e crianças podem experimentar tempos de lazer de formas bastante apartadas. Esse dado é interessante para pensarmos

como adultos e crianças vivenciam os eventos de carrinho de rolimã. Apesar de não categorizar e quantificar essas experiências no contexto holandês, tal estudo traz indícios para a problematizar os interesses, as formas de participação e as relações estabelecidas no contexto da pesquisa em questão.

Outro ponto abordado no estudo supracitado são as adaptações dos estabelecimentos comerciais para o atendimento às “demandas do público infantil”. “As observações revelam que eles [os empresários] distinguem seus negócios, dos espaços ‘comuns’ de alimentos e bebidas, de três maneiras: espaço, objetos e cardápio” (KARSTEN, KAMPHUIS e REMEIJNSE, 2015, p.173). Essas adequações dos estabelecimentos comerciais vão desde corredores mais amplos entre as mesas, para permitir a passagem de carrinhos de bebê, passando por menus saudáveis e atrativos ao paladar das crianças, como iogurte com frutas, até a criação de parquinhos e espaços *kids*. Esses últimos são elementos muito valorizados pelos pais.

Em muitos espaços de consumo, as famílias se direcionam imediatamente para a área de recreação ou outro destino familiar indicado informalmente, principalmente na parte de trás dos estabelecimentos (KARSTEN, KAMPHUIS e REMEIJNSE, 2015, p.176).

Quando estão situados próximos aos parquinhos, os pais conseguem alternar, em um mesmo passeio em família (*family outing*), entre maneiras distintas de experimentar o lazer (*leisured caring time, own leisured time e social leisured time*). Essas intervenções espaciais em prol de uma vivência de lazer que atenda a interesses múltiplos (de adultos e crianças), me leva a questionar se elas conformam ou tencionam tais interesses. Nos espaços *kids*, *playgrounds* ou nos eventos de carrinho de rolimã, a conformação de “espaços apropriados para as crianças”, com cercas, pisos emborrachados, equipamentos de segurança, regras de uso, entre outros ordenamentos, atendem aos desejos de quem? Tal questionamento se justifica à medida que se observa diversas e sistemáticas formas de relações de poder do adulto sobre a criança, que se apresentam disfarçadamente como proteção, face às incertezas presentes no espaço da cidade. Particularmente no que se refere ao acesso pelas crianças a estes espaços, acrescenta-se a naturalização de sua incompetência em agir socialmente (MÜLLER e NUNES, 2014).

Destarte, almejo que a pesquisa em questão contribua para um campo de pesquisa que visa compreender como vêm se estabelecendo as experiências de

crianças em contextos urbanos. Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa é compreender quem são os sujeitos, lugares e aprendizagens concernentes aos eventos de carrinho de rolimã³ na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Para melhor delinear o objeto, aponto também alguns objetivos específicos: entender quem são e como se organizam os sujeitos e grupos envolvidos em tal prática; identificar quais os lugares e eventos de rolimã mais recorrentes na RMBH; analisar e compreender as relações estabelecidas entre crianças, adultos, o contexto e as coisas; descrever as formas de participação e aprendizagem das crianças com a prática do rolimã.

³ No contexto de pesquisa as expressões “carrinho de rolimã”, “rolimã” e “carrinho” são utilizadas como sinônimas. Dessa forma, ao longo do texto, a escolha por uma ou outra denominação não representa uma diferenciação conceitual ou semântica, apenas uma variação linguística para se evitar a repetição de palavras.

1. PERCURSO TEÓRICO

Apesar de existirem subcampos na Antropologia que tratam dos temas relacionados à infância (Antropologia da Criança) e à educação (Antropologia da Educação), não há uma consolidação do tema da aprendizagem, ou seja, uma Antropologia da Aprendizagem. No entanto, ao longo das últimas décadas, observa-se uma crescente aproximação do campo da Educação com as produções antropológicas contemporâneas, além de inúmeras etnografias em contextos escolares. Tal movimento tem produzido avanços e consensos, mas também tensões, potencializadas por uma lógica de compartimentação do saber que atribui à Antropologia a condição de ciência e a educação, a condição de prática (GUSMÃO, 1997). Apesar de a presente pesquisa estar situada em um Programa de Pós-Graduação em Educação, o interesse pela matriz antropológica reside, não enquanto busca metodológica, ou na eficácia do ensino, mas no que se aprende, mesmo quando não tematizado como aprendizagem (GOMES, 2007). Nesse sentido, procurei fundamentar as análises aqui propostas nas teorias da “aprendizagem situada” de Jean Lave e na “abordagem ecológica” de Tim Ingold. No presente capítulo, apresento esse quadro teórico e estabeleço algumas aproximações com o objeto de estudo em questão.

1.1. Aprendizagem situada na prática cotidiana

Ao pensarmos sobre as situações de aprendizagem as quais estamos envolvidos é comum destacarmos contextos e situações onde há um interesse deliberado em adquirir conhecimento, como escolas, universidades, cursos on-line, workshops, entre outros. Lave e Wenger (1991) propõem uma teoria sobre aprendizagem tomando como base o entendimento de que esse processo se constitui a partir das relações sociais e em diversas situações ao longo de nossas vidas. Denominada pelos autores como “aprendizagem situada”, essa teoria explora o caráter social e histórico inerente às situações de aprendizagem. Contrapondo-se a premissa que distingue teoria e prática, a aprendizagem aqui não é entendida como um processo de aquisição de conhecimentos abstratos que são transportados

a posteriori para contextos práticos. As habilidades que possuímos são frutos de um processo de envolvimento e participação nas diversas práticas sociais em nossos cotidianos.

Nesse sentido, o termo participação periférica legitimada (PPL) é cunhado por Lave e Wenger (1991) como um descritor do processo de participação e engajamento dos aprendizes nas práticas sociais. No entanto, os autores alertam para a não definição desse conceito pelo contraste - participação versus não-participação, periférica versus central, legitimada versus ilegítimada - considerando-o como um todo, pois cada um dos aspectos é indispensável na definição do outro. Esse conceito ajuda a desconstruir a ideia de que só aprendemos quando assumimos o protagonismo da cena social. Ao reconhecer a “periferia”⁴ como lugar de aprendizagem, os autores nos chamam a atenção para situações sociais que não são tradicionalmente reconhecidas como contextos de aprendizagem.

Em sua pesquisa com alfaiates na Libéria, Lave (1996) revela que momentos supostamente “informais” em nosso cotidiano podem revelar potentes situações de aprendizagem.

Ao se familiarizarem com a sequência de roupas que estavam aprendendo a fazer, os aprendizes dos alfaiates estavam aprendendo também a sequência e as relações entre informal e marginal, roupas formais e socialmente importantes, categorias sociais e ocasiões. A transformação da prática de alfaiataria ao longo da vida, a vida cotidiana como mestre e a prática de aprender a costurar eram aspectos da vida com padrões semelhantes, mas vividos de maneira diferente nas lojas de alfaiataria. Presumivelmente, essas são partes comuns de todas as práticas eficazes de aprendizagem, quebrando distinções entre aprender e fazer, entre identidade social e conhecimento, entre educação e ocupação, entre forma e conteúdo (LAVE, 1996, P.153, tradução própria).

Nessa pesquisa, Lave não apenas revela padrões e particularidades sobre as aprendizagens da alfaiataria na Libéria, mas traz reflexões e críticas sobre contextos “formais” de ensino que sistematicamente descontextualizam as práticas e não reconhecem importantes papéis (o aprendiz, que pela sua condição inicial, apenas observa) e processos (a imitação, reconhecidamente negada em contextos escolares) de aprendizagem. A assunção da periferia da cena social como um

⁴ O termo periferia foi colocado entre aspas para dar destaque e estabelecer conexão com outras duas expressões: informais e formais. Além de compor o conceito de “participação periférica legitimada”, criado por Lave e Wenger (1991), a noção de periferia tenciona e contrasta aquilo que se entende como aprendizagem em contextos formais de ensino e os contextos cotidianos informais, onde, mesmo sem um propósito deliberado, as aprendizagens acontecem.

legítimo contexto de aprendizagem está intimamente ligada ao entendimento de que as pessoas, com diferentes níveis de habilidade e responsabilidade, atuam dialogicamente em suas práticas cotidianas. Lave (1996) mostra que essa condição inicial e periférica é na verdade uma grande potencializadora do processo de aprendizagem, pois possibilita acesso ao aprendiz, mas retira dele a responsabilidade inerente à prática. Esse aspecto pode nos ajudar a entender quando e como se dá o início do processo de aprendizagem na prática do carrinho de rolimã. Quando uma criança pequena, ainda incapaz de manipular o carrinho de rolimã de forma autônoma, desce a ladeira no colo de um adulto, temos a tendência de considerar essa vivência como anterior ao processo de aprendizagem e não como seu início propriamente dito. Reconhecer essas nuances pode contribuir para uma melhor compreensão das habilidades que possuíamos e assim desconstruir discursos míopes que operam na lógica do “dom” divino ou do “talento” inerente, para explicar nossas habilidades.

Na esteira dessa discussão, a LPP nos ajuda a entender ainda as relações existentes entre a figura do veterano (*old-timers*) e do aprendiz (*newcomers*), contrariando o entendimento, quase sempre tratado nas pesquisas sobre aprendizagem, onde o primeiro ensina e o segundo aprende. Essa distinção de papéis não representa uma relação de submissão, mas de diferentes formas de participação em um processo que é relacional. Ao dissertar sobre tal perspectiva, Gomes (2007) acrescenta que:

Os diferentes membros de uma comunidade participam em modo diferenciado, mas antes de mais nada, é preciso que cada um seja reconhecido como membro – daí a sua participação ser legitimada, mesmo se periférica, pela sua ainda incapacidade de agir/interagir de outra forma (GOMES, 2007, p.5).

Essa condição necessária de coparticipação revela uma relação entre os sujeitos que nos ajuda a desconstruir o entendimento de aprendizagem como um processo interno de acumulação de conhecimentos, mas assumi-lo como um processo social que se estabelece na relação entre as pessoas e todo o contexto em que estão inseridas. Com o intuito de enfatizar esse caráter compartilhado dos diferentes sujeitos em suas aprendizagens Lave e Wenger (1991) assumem o conceito de “comunidade de prática”. Os autores definem o termo da seguinte forma:

O termo comunidade não implica necessariamente co-presença, um grupo bem identificado ou limites socialmente visíveis. Implica a participação em um conjunto de práticas das quais os participantes compartilham compreensões relativas ao que estão fazendo e o que isso significa em suas vidas e para as suas comunidades (LAVE;WENGER, 1991, p. 98, tradução própria).

Apreende-se disto então que, não são delimitações étnicas, etárias, de gênero, entre outras, que caracterizam um determinado grupo como uma comunidade de prática, mas a relação que esses sujeitos estabelecem em torno de uma determinada tarefa. Em outras palavras, as crianças, os adolescentes, os adultos, uma sala de aula, um curso de línguas, um escritório de arquitetura ou um partido político, para citar apenas alguns exemplos, não são necessariamente comunidades de prática, ainda que isso possa de fato ocorrer. É essencial que se reconheça as relações e as práticas estabelecidas em tais grupos, e isso não está dado *a priori*. O termo *prática* se refere a um fazer situado em um contexto histórico e social que dá estrutura e significado ao que se faz. Estruturas estas que não são condições invariantes que precedem e determinam a ação dos sujeitos, mas o resultado de uma variável, mas contínua, construção coletiva (LAVE; WENGER, 1991). Por isso, é preciso reconhecer cada elemento que constitui o “currículo” de aprendizagem do carrinho de rolimã. No entanto, é preciso estar atento à tentadora e equivocada tendência de se estabelecer uma estrutura curricular estanque e predeterminada. Estudar a aprendizagem da prática do carrinho de rolimã significa assumir a pluralidade desse processo e abandonar qualquer expectativa de “didatização” da prática.

Dessa forma, a teoria da aprendizagem situada educa o nosso olhar e apresenta alguns conceitos que nos ajudam a compreender processos de aprendizagem que se estabelecem nos meandros da vida cotidiana. Por isso, apresento a seguir outros conceitos que irão se somar a esses, para construir um quadro teórico potente, que possibilite abordar o objeto de estudo em questão.

1.2. Habilidade enquanto educação da atenção

Timothy Ingold reitera o entendimento sobre a aprendizagem como um processo social, que não se estabelece por um viés meramente cerebral, mas pela relação entre diversos agentes; humanos e não humanos. Assim, propõe uma matriz

teórica para a disciplina com o intuito de superar o dualismo natureza e cultura, sob a rubrica de uma “Antropologia Ecológica”.

Segundo o autor, a vida social não é referenciada a partir de categorias ou representações e sim como uma permanente coordenação de ritmos de atividades, onde a convivência em sociedade supõe um contínuo engajamento e ajuste friccional das ações cotidianas. A premissa deste entendimento passa pelo questionamento da noção de aprendizagem desenvolvida pela Antropologia Cognitiva, também conhecida como Etnociência. A solução apontada por Ingold (2000) está na superação da dicotomia entre capacidades inatas e competências adquiridas, e na assunção do termo “habilidade” para designar aquilo que entendemos como conhecimento. Para fundamentar seu argumento, o autor faz ponderações sobre a noção de transmissão de representações defendida por Dan Sperber⁵. A questão posta em destaque por Ingold (2000) é que, se o conhecimento consiste em representações mentais que povoam as mentes humanas, como estas representações são transmitidas? O argumento de Sperber (1996) citado por Ingold (2000) é que possuímos estruturas mentais concebidas geneticamente que processam as informações externas (*inputs*) que são transmitidas culturalmente. Essa concepção é posta em dúvida por Ingold (2000) ao se questionar como seriam originadas estas estruturas cerebrais.

Em outras palavras, se para cada informação externa há uma chave receptiva interna, quais seriam as chaves originárias das próprias chaves internas? Ou seja, se uma criança é capaz de guiar um carrinho de rolimã, supostamente ela possui estruturas mentais, previamente concebidas, que permitem a decodificação de mensagens externas, que culminam na ação corporal que conduz o carrinho. A partir desse entendimento, surge um problema que é análogo ao de como enviar uma mensagem em código a um receptor, sem a chave para decodificá-la. Primeiro você tem de enviar outra mensagem, que especifique a chave, mas então o receptor precisa já ter em mãos outra chave, a fim de decodificar a primeira mensagem... e assim por diante, num regresso infinito. O argumento de Ingold (2000) é que o conhecimento que possuímos não é resultado de capacidades inatas e nem de competências adquiridas, mas de habilidades que são constituídas em um processo simbiótico entre organismo e ambiente. Nossas ações não são resultados de uma

⁵ Dan Sperber é um antropólogo e linguista francês cujos trabalhos de grande relevância estão situados no campo da Antropologia Cognitiva, também conhecida como Etnociência.

conversão mental em movimento corporal, mas de uma agência perceptiva. Nesse sentido, é através de um processo de habilitação (*enskilment*), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras, não por um acúmulo de representações mentais, mas por uma “educação da atenção” (INGOLD, 2000, p.34). Esse conceito, formulado inicialmente por Gibson (1979) e utilizado por Ingold (2000) se mostra bastante potente para a pesquisa em questão. Compreender como as crianças aprendem a perceber e a se relacionar com os elementos que envolvem a prática do carrinho de rolimã [o sujeito (criança), o objeto (carrinho) e o ambiente (rua, outros sujeitos, buraco no asfalto, etc)], ou como elas educam sua atenção nesse ambiente complexo e dinâmico, pode contribuir para um entendimento mais refinado dos processos de aprendizagem da/na prática. É possível observar aqui uma estreita relação entre os conceitos de educação da atenção e de participação periférica legitimada, definida por Lave e Wenger (1991). Para que a criança seja capaz de educar sua atenção para a constituição da habilidade de conduzir um carrinho de rolimã é preciso encontrar um contexto favorável ao seu engajamento com a prática. Descer a ladeira no colo de um adulto, ter acesso a um carrinho apropriado ao seu tamanho, encontrar um declive suave para arriscar suas primeiras descidas, não se sentir pressionado por uma expectativa de performance, entre outros aspectos, podem ser definidores na constituição de uma agência perceptiva bem-sucedida.

Na esteira desta discussão, Ingold (2008) revê o entendimento sobre como percebemos o mundo e faz uma crítica deliberada à Antropologia dos Sentidos⁶. Sua argumentação inicia-se quando o autor toma como exemplo os dizeres das placas de aviso colocadas próximas às linhas de trem: “Pare, olhe e escute”. O que está implícito nesta advertência é a suposta necessidade de interromper uma atividade corporal, andar, para iniciar outras duas, olhar e escutar. Ainda fundamentado em Gibson (1979), Ingold (2008) afirma que os sistemas perceptuais não apenas se imbricam em suas funções, mas também se submetem a um sistema total de orientação corporal. Nesse sentido, olhar, ouvir e tocar não são atividades

⁶ Ingold (2008) indica que esse subcampo da Antropologia possui autores destacados como David Howes, Paul Stoller e Constance Classen, cujos trabalhos convergem para um entendimento de que as culturas podem ser comparadas em termos do peso relativo dos sentidos através dos quais as pessoas percebem o mundo à sua volta. Além desses, merece igualmente destaque David Le Breton, em especial sua obra intitulada “Antropologia dos Sentidos” onde o autor disserta que nossa condição corporal no mundo nos permite experimentá-lo com todos os nossos sentidos, que não são concebidos a partir de um imperativo biológico universal, mas constituídos socialmente, historicamente, culturalmente e individualmente.

separadas, são apenas facetas diferentes da mesma atividade: a do organismo todo em seu ambiente (INGOLD, 2008). Além disso, o que está implícito na placa da linha de trem é que a percepção é um processo que se estabelece de dentro para fora, mas como afirma Ingold (2008) a percepção não é uma operação “dentro-da-cabeça”, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo. Sua crítica refuta ainda a ideia de que as culturas podem ser comparadas, em termos relativos, aos sentidos através dos quais as pessoas percebem o mundo à sua volta. Ingold (2008) afirma que o contraste radical entre audição e visão apontados em alguns estudos⁷ da Antropologia dos Sentidos pode refletir mais sobre as preconcepções de análises antropológicas do que sobre a própria experiência sensorial dos povos pesquisados. Seguindo Gibson e Merleau-Ponty, Ingold (2008, p.29) sugere que olhos e ouvidos não devem ser entendidos como “teclados separados para o registro das sensações”, mas como órgãos do corpo como um todo, cujo movimento, dentro do ambiente, consiste na atividade de percepção. Visão e audição são meramente facetas dessa ação e a qualidade da experiência, seja ela de luz ou som, é intrínseca ao movimento corporal vinculado, em vez de possuído “depois do fato”, à mente (INGOLD, 2008). Essa relação indissociável entre movimento corporal e percepção (considerando os cinco sentidos humanos), suscita indagações interessantes para a aprendizagem da prática do carrinho de rolimã. Os praticantes experientes e aprendizes percebem o ambiente da mesma forma? Qual a influência de sentimentos como medo e confiança na percepção do ambiente (para onde olhar, o que ouvir, como tocar, etc.) e na execução do movimento corporal (como guiar, quando frear, como se posicionar, etc.)? Novamente é possível apontar pontos de encontro entre as correntes paradigmáticas defendidas por Ingold e Lave. As relações estabelecidas entre veteranos e aprendizes podem revelar processos importantes no processo de educação da atenção das crianças na prática do carrinho de rolimã. Nesse sentido, o conceito de comunidade de prática (LAVE; WENGER, 1991) enfatiza o caráter compartilhado das práticas cotidianas e coloca em dúvida a noção de um ensino deliberado e unilateral, compreendendo as aprendizagens como agências coletivas, dialógicas e miméticas.

⁷ Ingold (2008) cita os estudos de Stoller (1989), dentre os Songhay do Níger, Seeger (1975), com os Suyá do Brasil e Gell (1979), com os Umeda da Papua Nova Guiné.

Ainda sobre essa questão, Ingold recupera a noção mausseana⁸ de técnicas corporais e afirma que habilidade é uma propriedade não do corpo humano individual, como uma entidade biofísica, mas do campo total de relações construídas pela presença do organismo pessoal, indissociável corpo e mente, em um ambiente ricamente estruturado (INGOLD, 2001). Para “encorpar” seu argumento, Ingold põe em destaque dois processos que julga importantes: a observação e a imitação. O entendimento que se faz dessas ações vai além de uma mera reprodução daquilo que se pode ver o outro fazer. Observar significa perceber ativamente os movimentos do outro e imitar é alinhar essa percepção à sua própria execução prática em consonância com o ambiente (INGOLD, 2001). Nesse sentido, Ingold retoma a discussão subliminar sobre seu entendimento da aprendizagem como um processo de educação da atenção. A chave para seu desempenho fluente em uma determinada prática encontra-se na introdução dos aprendizes em contextos que oferecem potencialidades (*affordances*) para o desenvolvimento de sua percepção e ação na prática (INGOLD, 2001). Essa noção de potencialidades se revela como um importante conceito para a compreensão das relações entre os sujeitos que participam dos eventos de carrinho de rolimã. Por isso, retomando o exemplo supracitado, onde, por vezes, os adultos carregam as crianças pequenas no carrinho de rolimã, é preciso reconhecer tal situação não apenas como parte do processo de aprendizagem da prática, mas como uma atitude de reconhecimento (participação periférica legitimada) e incentivo (*affordance*) às crianças nessa prática.

A convergência dos trabalhos de Jean Lave e Tim Ingold oferece um repertório teórico bastante potente, pois descortina elementos fundantes dos eventos de carrinho de rolimã e contribui para compreensão dos processos de aprendizagem dessa prática. Lave (2019) enfatiza que as aprendizagens em que estamos envolvidos são causa e consequência das mudanças das práticas que constituem nossas vidas. Nesse sentido, o objeto de estudo a ser delineado deve ser as diversas formas de engajamento e participação das pessoas com o fenômeno aqui estudado, descentrando a análise de uma aprendizagem teorizada e assumindo a noção de participação periférica legitimada em comunidades de prática (LAVE, 2019). De uma forma complementar, a meu ver, Ingold (2010) contrapõe análises biológicas e individualistas sobre a aprendizagem que endossam a dicotomia entre

⁸ Marcel Mauss (1872-1950) foi um sociólogo e antropólogo francês. Considerado o pai da Antropologia Francesa.

capacidades inatas e competências adquiridas. Segundo o autor, as habilidades que nos constituem e nos tornam os seres que somos, capazes de pilotar aviões e carrinhos de rolimã, não se estabelecem pelo acúmulo de representações mentais que se convertem em movimento, mas por vias coletivas (entre agentes humanos e não-humanos) e situadas (em integração geográfica e histórica), através de uma educação da atenção. Tais teorias, somadas a outros conceitos e autores de forma mais pontual, serão recuperadas mais adiante nas análises desenvolvidas a partir do trabalho de campo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho foi concebido a partir dos princípios teóricos e metodológicos da etnografia. Para tanto, foi preciso assumir um trabalho de campo devidamente embasado em um repertório capaz de proporcionar uma compreensão mais refinada sobre o tema pesquisado (COELHO, 2022). Por isso, foi de suma importância me apropriar de conceitos basilares, me inspirar em outras etnografias e, a partir daí, construir estratégias e fazer as escolhas mais apropriadas para compreender os eventos de carrinho de rolimã.

A descoberta desse campo de pesquisa ocorreu em maio de 2019, nos eventos de carrinho de rolimã da Praça do Papa. Inicialmente, as razões para tal engajamento foram pessoais e não acadêmicas. Frequentemente recorria às praças e aos espaços públicos da cidade para brincar com minha filha. Em uma dessas visitas, nos deparamos com um grupo considerável de pessoas descendo em seus carrinhos de rolimã na rua fechada da Praça do Papa. Em setembro daquele ano, esse interesse se transformou no campo de pesquisa em questão. Nas pesquisas etnográficas nem sempre o sujeito pesquisador é quem delinea o objeto a ser pesquisado. Tomando por base a experiência de campo de Evans-Pritchard (1978; p. 300) com os Azande, onde afirmou que “não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Zande, mas os Azande tinham; de forma que tive de me deixar guiar por eles”, de maneira similar, os sujeitos da pesquisa me conduziram aos espaços da cidade onde a prática do rolimã se fazia presente. Ainda nos “encontros” da Praça do Papa, tomei conhecimento dos “encontros” do Mineirão. Nas primeiras excursões exploratórias nesse novo contexto, pude compreender que, além de eventos amplamente divulgados, em locais conhecidos da cidade (Praça do Papa ou no Mineirão), havia também os “rolês”, “corujões” e “gp's”, organizados por grupos mais restritos, com propósitos distintos e dinâmicas mais efêmeras. Dessa forma, um amplo e complexo campo de investigação se anunciou, com uma pluralidade de relações entre sujeitos, práticas e lugares na cidade.

Nesta trajetória de pesquisa foi preciso me aproximar de pessoas, viver experiências e compreender a importância dessas relações para a construção do objeto e do campo de pesquisa. Uma pesquisa etnográfica que se recusa a aceitar a universalidade dessa mediação, que reduz o significado a crenças, dogmas e

certezas, será empurrada para a armadilha de ter de acreditar ou nos significados nativos, ou nos seus próprios, pois não é de crença que se trata, mas de experiência, conceitos e teorias (WAGNER, 1981).

Não é sabido ao certo o quanto é possível apreender, compreender e revelar os saberes da vida singular dos sujeitos da pesquisa, mas para tal tarefa, é preciso um investimento fundamental no trabalho de campo. Essa escolha pressupõe um exercício de alteridade, princípio que orienta, inflete, mas também limita a prática etnográfica (GOLDMAN, 2006). Por isso, pesquisar um fenômeno social, considerando todos os sujeitos envolvidos, pressupõe considerar e ouvir as crianças. Essa tarefa é pertinente e necessária, mas revela inúmeras particularidades. Como o pesquisador invariavelmente é um adulto, o desafio reside, primeiramente, no fato de que pesquisamos crianças, sendo adultos (PIRES, 2007). Etnografar *com* e *sobre* as crianças, entre si e na relação com os adultos, em suas experiências com o carrinho de rolimã, foi um exercício de olhar para tal prática por outra ótica; pelo ponto de vista das crianças. Esse deslocamento pressupõe uma disposição de perceber o mundo por outra perspectiva, sem me esquecer de que lugar estava falando.

Esse acesso ao que as crianças têm a nos revelar acontece mediante autorização de seus pais ou responsáveis e, sobretudo, do aceite e da empatia que construímos com as próprias crianças. Em sua pesquisa de doutorado com as crianças Capuxu, do sertão paraibano, Sousa (2014) relata sua laboriosa tarefa de aproximação com Ítalo, um menino muito arredio e desconfiado, mas que exercia um importante papel de liderança entre as crianças daquele contexto. Depois de inúmeras tentativas frustradas, a antropóloga conseguiu, com muita habilidade e assertividade, ser aceita pelo menino. Nos eventos de rolimã, as descidas e disputas entre carrinhos eram o mote perfeito de aproximação com as crianças. No entanto, para se estabelecer um diálogo ou um contato mais prologando com os meninos e meninas, foi preciso também construir uma relação de confiança com seus pais. Esse foi um dos grandes desafios, pois a efemeridade do campo exigia escolhas rápidas e acertadas sobre “quando” e “de quem” me aproximar. Com a evolução do trabalho de campo, essa necessária relação de empatia com os adultos e com as crianças foi se pavimentando. Isso foi ficando mais evidente ao final do período de trabalho de campo. Joaquim (6 anos), por exemplo, só tinha autorização para descer a pista do Mineirão até o final do percurso, de onde o olhar de quem está na largada

não alcança, se estivesse em minha companhia. Após cada descida, retornávamos ao topo da ladeira em passos lentos, regados por uma fértil e agradável conversa. Certa vez, sua mãe me confidenciou que se sentia mais aliviada nos encontros em que eu estava presente, pois sabia que seu filho estaria mais seguro. É possível que os adultos nos abram portas e nos deem acesso de uma forma protocolar e cerimoniosa. Entre nós, isso pode ocorrer, mesmo que não haja uma relação sincera e empática, mas com as crianças, raramente isso acontece. Se nós pesquisadores não formos capazes de acessar plenamente as crianças, de forma verdadeira e afetuosa, nossa aceitação em campo não se dará por completa.

Ademais, foi preciso ir além daquilo que pudesse ser observado, para descrever a experiência compartilhada em campo daquilo que me afetava, do medo ao êxtase, passando por incertezas e também por descobertas. A construção dessa alteridade inerente à pesquisa etnográfica não significa assumir o ponto de vista do outro, nem mesmo tornar-se nativo, mas ser afetado pelas mesmas forças que os afetam (FAVRET-SAADA, 2012). Essa condição de ser afetado e de perceber aquilo que não se revela aos olhos se estabelece pela convivência propiciada pelo trabalho de campo. Por estarem todos (pesquisador e sujeitos) “afetados”, cria-se uma situação de “comunicação involuntária” entre eles, que constitui a condição de possibilidade do trabalho de campo e da etnografia (GOLDMAN, 2008, p.9). Ao pesquisar com/os sujeitos, suas práticas e os sentidos estabelecidos nos eventos de carrinho de rolimã, não bastou observar, foi preciso estar, arriscar e experimentar as sensações proporcionadas nas incontáveis descidas com os carrinhos de rolimã. Como diria Goldman (2006), é na disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano, com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa, que emerge o texto etnográfico.

Tal ofício, afirma DaMatta (1978, p.4), se estabelece de forma artesanal e paciente, dependendo essencialmente de humores, temperamentos e fobias oriundas das relações humanas e, sobretudo, do exercício fundamental de transformação do “exótico em familiar e do familiar em exótico” que se constitui, grosso modo, o “*anthropological blues*”⁹. Peirano (1993) acrescenta ainda que a pesquisa etnográfica depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, de suas opções teóricas, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das

⁹ Expressão que DaMatta (1978) atribui à antropóloga Jean Carter Lave, que a teria cunhado em uma carta enviada durante um trabalho campo.

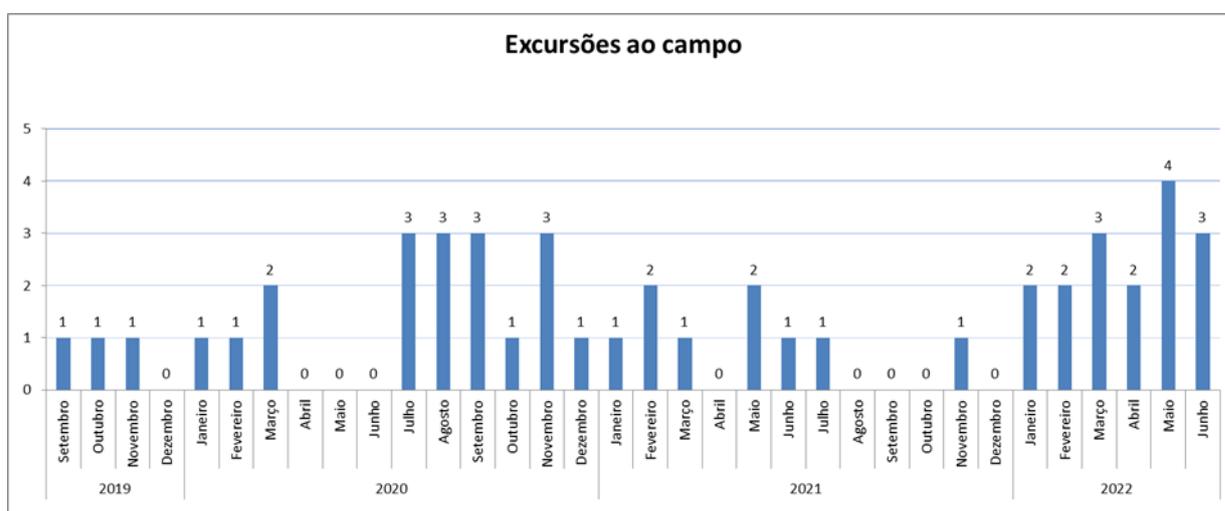
imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e sujeitos de pesquisa. A autora destaca que aprender a fazer pesquisa de campo é uma tarefa que não é ensinada, porque o local mais adequado para aprender a fazê-la seria o próprio campo. Considerando que os contextos, práticas, sujeitos e objetos (coisas) de cada pesquisa apresentam singularidades, foi preciso estabelecer estratégias, instrumentos e formas de registro mais apropriados a investigação em questão.

2.1. Trabalho de campo

O trabalho de campo foi desenvolvido majoritariamente em três contextos: na praça do Papa, no bairro Buritis e na esplanada do estádio Mineirão. No entanto, para conhecer de forma mais ampla os eventos e iniciativas relacionadas ao rolimã na RMBH, foi preciso conhecer também em outras localidades onde eventos caracterizados como “rolês”, “corujões” e “gp's” aconteciam, tais como a rua dos Americanos, Avenida Américo Vespúcio, o Morro 27 e o Morro do Cavalo Doido.

Em momentos e com frequências distintas, foram 46 excursões ao campo, de setembro de 2019 a junho de 2022, em eventos que duravam entre duas a três horas.

Gráfico 1 - Número de excursões ao campo



Fonte - Próprio autor

A grande ameaça colocada ao trabalho de campo foi a pandemia do Coronavírus. Como pode ser visto no Gráfico acima, o período de menor frequência de excursões ao campo se deu de abril a junho de 2020, quando havia um grande temor e incerteza sobre a doença, mas o número de mortes e a taxa contágio ainda não eram altos e de junho a dezembro de 2021, período mais letal da pandemia no país¹⁰.

Esse período também coincidiu com uma significativa redução no quórum dos eventos de carrinho de rolimã. Mesmo com a melhoria do cenário epidemiológico, o retorno aos eventos de rolimã não se deu de forma imediata. Além do temor pelo contágio da doença, as consequências socioeconômicas da pandemia foram fatores predominantes para a dificuldade de retorno, pois o desemprego e a falta de recursos financeiros para se deslocar pela RMBH foram os motivos mais citados pelos participantes das equipes e grupos relacionados ao rolimã para não comparecerem aos eventos.

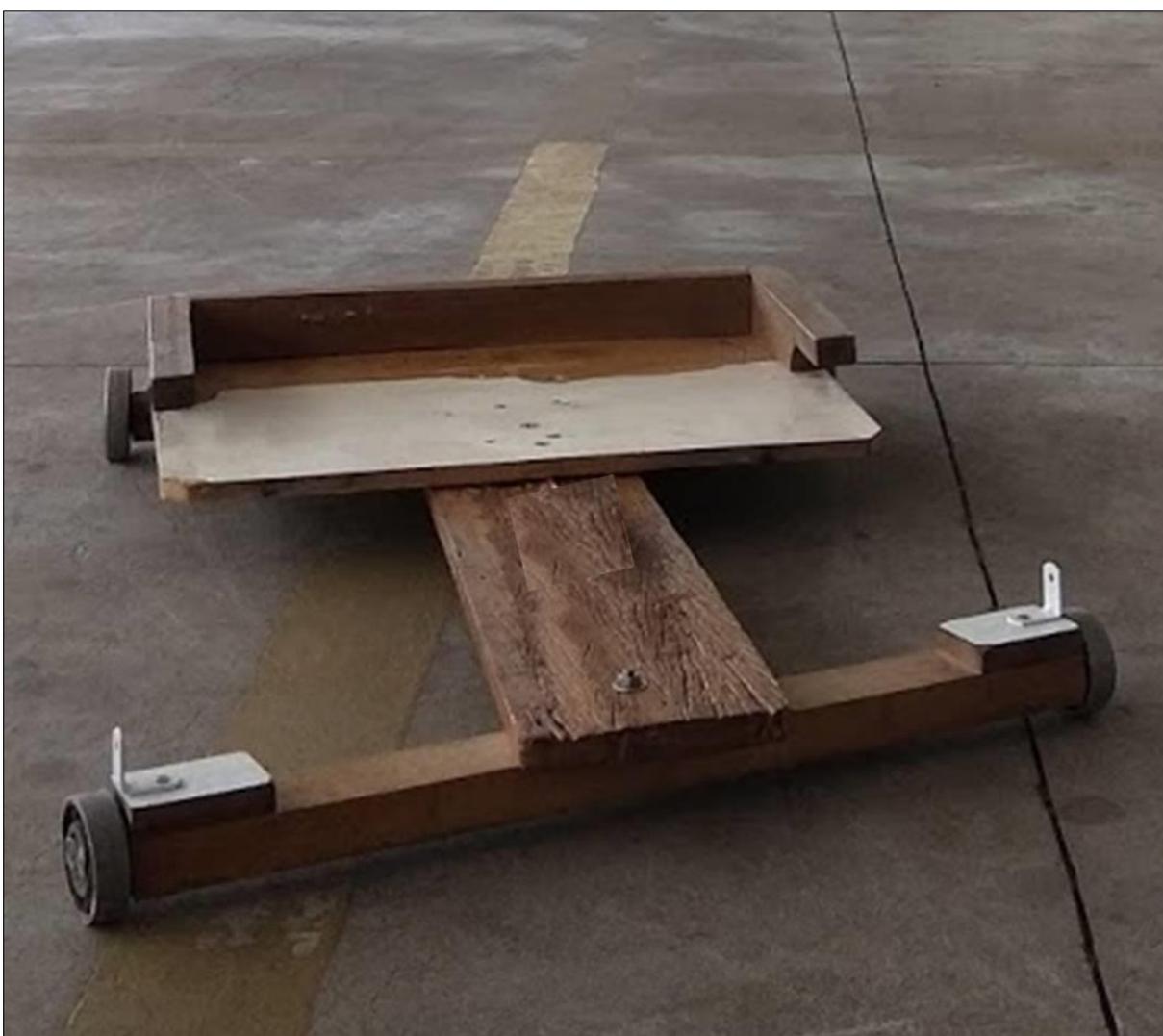
Vale destacar que a aproximação com os sujeitos adultos da pesquisa também se deu por meio das redes sociais virtuais e em grupos de aplicativos de mensagem. Ao todo foram cinco grupos de WhatsApp, cada um com organizadores e propósitos distintos. Apesar de esse contato virtual ter sido primordial durante os períodos de menor frequência nos eventos, tal inserção foi pertinente não apenas pelas restrições colocadas pela pandemia. Tais grupos já existiam previamente e funcionavam como um “lugar” de repercussão dos acontecimentos, manutenção do contato e importante ferramenta de organização dos eventos. Nesse sentido, esses grupos virtuais funcionaram como importante instrumento de produção de dados para a pesquisa.

Além da assunção dos meios digitais de comunicação, outras escolhas metodológicas particulares foram feitas em campo. Desde Malinowski (1989), o diário de campo tem sido uma das formas de registro mais utilizada entre antropólogos e demais pesquisadores do campo das humanidades. Além desse, as produções etnográficas mais contemporâneas têm, progressivamente, incorporado novos instrumentos [fotografia (SAUTCHUK, 2007), filmagem (GOULART, 2005), entrevista, desenho, questionário (PIRES, 2007)] para registro e produção de dados. Na presente pesquisa, vale destacar a importância que o meu próprio carrinho de

¹⁰ Centro de dados da Universidade de John Hopkins. Acesso em 22 de novembro de 2021 pelo site google.com.br/covid

rolimã (FIGURA 1) exerceu durante o trabalho de campo. Além de funcionar como meio para o meu engajamento no contexto pesquisado, também proporcionou experiências próprias com a prática (inclusive tombos), gerou comentários entre as pessoas (nem sempre elogiosos), protagonizou situações inusitadas (principalmente quando quebrava) e, principalmente, possibilitou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa. Por isso, dada a singularidade do contexto de investigação, o meu carrinho de rolimã foi um instrumento de imensa importância para a pesquisa.

Figura 1- Meu carrinho de rolimã



Fonte – Próprio autor

Esses aparatos etnográficos que emergem das pesquisas assumem papéis e funções que não são, *a priori*, as atribuídas pelo pesquisador. Em sua primeira estadia entre os Capuxu, durante a pesquisa de mestrado, Sousa (2004) conta como

suas fotografias foram impactantes para a comunidade, pois ser fotografado naquele contexto era algo valoroso e raro. Em uma relação diametralmente oposta, o gravador de áudio de Bergo (2011) foi alvo de muitas brincadeiras e dúvidas sobre a real utilidade, quando a autora se dedicou à pesquisa da percussão em um contexto umbandista. Assim como a máquina fotográfica digital de Sousa (2004) e o gravador de áudio de Bergo (2011) serviram mais como instrumento de mediação e aproximação aos sujeitos do que propriamente de registro de seus campos de pesquisa, meu carrinho de rolimã exerceu múltiplas e primordiais funções no contexto pesquisado.

Ademais, a etnografia não tem suas técnicas predeterminadas rigidamente, sendo necessário escolhê-las a cada vez, conforme as características e natureza dos problemas, construídos abstratamente pelo pesquisador, e que conformam o próprio objeto de estudo (SOUSA, 2015). Nessa pesquisa, o diário de campo foi concebido integralmente de maneira digital e a sistemática de registro foi feita em duas etapas.

Por meio de um aplicativo de mensagens no telefone celular criei um grupo unitário, constituído apenas por mim, onde fazia registros escritos, filmagens, fotografias e gravações de áudio. Além da ampla funcionalidade desse recurso, as informações ficavam registradas de maneira cronológica. A escolha do aparelho celular como instrumento de registro se deu também em função de sua discricção. Nos eventos de rolimã, era comum ver pessoas usando constantemente seus celulares para fazer registros de fotos e filmagens. Tal condição me permitiu utilizar este aparelho sem causar alarde ou estranhamento nas pessoas. Isso poderia não ocorrer, se por ventura tivesse utilizado um “caderno” de campo tradicional. Possivelmente muitas crianças e adultos poderiam se sentir curiosos ou até incomodados com a presença de uma pessoa fazendo anotações e observando as crianças brincando com seus carrinhos. Vale ressaltar que essa conduta menos ostensiva não foi uma tentativa de esconder minhas intenções acadêmicas naqueles eventos. Por se tratarem de contextos bastante fluidos e efêmeros, sempre que possível, deixei evidente os propósitos e os procedimentos adotados na pesquisa. Tal conduta esteve respaldada nos procedimentos éticos da pesquisa científica e os

interlocutores da pesquisa tiveram seus consentimentos devidamente documentados e arquivados (ANEXO I)¹¹.

Em um segundo momento, utilizava os registros feitos *in loco* para redigir no computador as notas de campo propriamente ditas. Gradativamente esse rito de escrita do caderno de campo foi ganhando força. Percebi que era necessário esperar um ou dois dias após os eventos para rever meus registros e então escrever as notas. Esse processo me fez perceber e assumir a memória, não como fragilidade, mas como parte integrante da escrita etnográfica.

Todo texto etnográfico está submetido aos registros da memória, das narrativas dos sujeitos e do pesquisador, e em suma, ao que se escreveu. Por essa razão acredito que é mesmo o texto o artefato primeiro da construção do saber antropológico. Não aquele que nos torna doutos, escritos nos nossos gabinetes, sendo discutidos com nossos pares, mas aquela escrita feita em campo que luta contra o esquecimento: de um povo sobre suas origens e do antropólogo sobre aquilo que o tornou antropólogo (SOUSA, 2014, p. 53).

Esse intervalo entre as excursões ao campo e a produção das notas, tornou-se importante no processo de escrita, pois possibilitou uma assimilação mais apropriada das experiências vividas em campo.

Logo abaixo, no Quadro 1, apresento alguns dos sujeitos desta pesquisa que aparecem nos capítulos analíticos, fazendo um breve panorama de suas respectivas participações. Na seção a seguir, faço uma retrospectiva do fenômeno estudado e coloco em destaque as relações estabelecidas entres os sujeitos, agremiações e contextos, bem como as diversas formas de manifestação e apropriação das práticas do rolimã.

¹¹ Tal projeto foi submetido e aprovado junto ao comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG). Parecer substanciado nº 4.242.124 emitido em 27 de agosto de 2020 (ANEXO I).

Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa

SUJEITOS	BREVE DESCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO
Eduardo, Fátima, Bruno (1-4 anos) e Bárbara (3-6 anos)	Eduardo foi o meu anfitrião em campo. Além de organizar os eventos da Praça do Papa e do Buritis, fabricava e vendia seus carrinhos. Sua esposa esteve presente de forma mais pontual, mas os filhos, Bruno e Bárbara, se revelaram grandes informantes desta pesquisa, pois protagonizaram cenas durante os três anos de trabalho de campo.
Henrique, Juliana e Benjamin (4-7 anos)	Benjamin foi um informante primordial para esta pesquisa, pois pude acompanhá-lo desde 2019, quando arriscou suas primeiras descidas com seu carrinho de rolimã. Henrique e Juliana sempre se fizeram presente, acompanhado o filho e participando ativamente dos eventos de rolimã. Nessa família, pai, mãe e filho possuíam seus carrinhos próprios, personalizados e fabricados por Eduardo.
Daniel, Fernanda e André (4-7 anos)	André, grande amigo de Benjamin, foi um dos sujeitos mais importantes dessa pesquisa, pois protagonizou cenas reveladoras ao longo de todo trabalho de campo. Daniel sempre acompanhava o filho e participava ativamente dos eventos de rolimã, mas sua esposa Fernanda, raramente participava. Nessa família, pai e filho possuíam seus carrinhos próprios, personalizados e fabricados por Eduardo.

Pedro, Daniela e Joaquim (6 anos)	Joaquim tornou-se sujeito desta pesquisa apenas em 2022, quando o conheci pela primeira vez em um evento no bairro Milionários. Apesar disso, o menino foi um dos mais frequentes nos encontros do Mineirão, na última etapa do trabalho de campo. Seus pais, apesar de não praticarem com frequência, são grandes incentivadores do menino e grandes entusiastas dos eventos organizados pelo grupo "Rolimã das Gerais".
Robson, Alzira e Ricardo (10-12 anos)	Ricardo teve aparições pontuais, porém bem importantes nos anos de 2021 e 2022. Sempre acompanhado de perto pelos seus pais, o menino foi um dos poucos pré-adolescentes que se mostrou participante e engajado nos eventos competitivos de rolimã na RMBH e em locais mais longínquos.
Bernardo (13 anos), Natã (13 anos) e Carlos (14 anos)	Três pré-adolescentes que aparecem de forma pontual, mas bem relevante, no encontro do bairro Milionários. Moradores daquele bairro, os meninos protagonizaram cenas interessantes sobre as relações de disputa na prática do rolimã, além de possibilitarem análises profícuas sobre as formas de participação e engajamento desta prática na dinâmica urbana.
Tarcísio	Tarcísio foi um dos fundadores da equipe "Tribo do Rolimã" e também um dos organizadores do grupo "Rolimã das Gerais" e dos encontros de terça-feira do Mineirão. Com sua vasta experiência dentro do movimento do rolimã, trouxe informações e dados muito valiosos para a pesquisa.

Marcelo e Mauro	Dois irmãos, adultos de meia idade, líderes da equipe Mavericks e organizadores dos encontros da rua do Americanos, no bairro Milionários. Marcelo e Mauro tiveram aparições diversas, mas a contribuição mais contundente desses irmãos para a pesquisa foi nos aspectos éticos inerentes à prática do rolimã.
Neusa	Uma pilota experiente cujo protagonismo ajudou a descortinar aspectos fundantes das relações do gênero da prática do rolimã, principalmente nos contextos competitivos.
Douglas e Evandro	Líderes da Equipe Sapolândia e grandes entusiastas da prática do rolimã, tanto nos eventos lúdicos promovidos pelo grupo "Rolimã das Gerais", quanto nos eventos competitivos promovidos pelo grupo "Rolimã BH Minas". A capacidade de liderança e a grande penetração desses dois sujeitos em grupos diversos fez deles interlocutores muito importantes para a pesquisa.
Sr. Ronaldo	Um senhor septuagenário que mobilizou a comunidade do rolimã durante sua batalha de meses de internação contra o Coronavírus. Recuperado, Sr. Ronaldo voltou ativamente aos eventos de rolimã, e me proporcionou longas e proveitosas conversas sobre o movimento do rolimã na RMBH.
Leandro	Um dos mais habilidosos pilotos do movimento do rolimã. Adulto de meia idade e dotado de um senso de humor marcante, Leandro revelou que no rolimã as disputas não são apenas nas pistas, mas também narrativas.

Fonte – Próprio autor

3. O MOVIMENTO

Nesse capítulo, apresento o contexto de pesquisa e recupero, por meio de entrevistas, conversas informais, registros documentais e eletrônicos¹², a história do movimento ocorrido na última década que se constitui a partir de uma série de iniciativas e eventos relacionados à prática do rolimã na RMBH. O termo *movimento*, apesar de ter sido empregado pontualmente por algumas pessoas que atuam nas organizações de agremiações e equipes de rolimã, não apresentou uma ampla recorrência a ponto de ser considerado um termo nativo, mas é aqui utilizado para descrever um conjunto de ações e eventos com características e nomenclaturas próprias (ex.: encontro, mundialito, festival, rolê, corujão, gp, entre outros) relacionados à prática do rolimã. Ingold (2015) explora a noção de movimento como processo pelo qual nós conhecemos o mundo. Tal como peregrinos, vivemos a partir de um contínuo e imbricado movimento que deixa rastros, trilhas e histórias que se cruzam, atam nós e conformam a malha de um mundo essencialmente habitado (INGOLD, 2015). Assim, o termo *movimento* se materializa nesse trabalho a partir de um emaranhado de caminhos percorridos e memórias entrecortadas de pessoas que compartilham uma prática difusa e polissêmica.

As primeiras impressões indicavam que o movimento do rolimã na RMBH se tratava de uma ação ampla, coesa e coordenada de um grupo de pessoas em torno de um mesmo propósito. Com a permanência prolongada em campo, de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), esse entendimento tomou outros contornos. O que descrevo adiante é um fenômeno controverso, dotado de alianças, conchavos, disputas e boicotes, onde o rolimã é o único elemento em comum entre tais grupos, que se distinguem pelos sentidos e significados atribuídos a tal prática.

Cronologicamente esse movimento tem suas origens em um projeto denominado “Mundialito de Rolimã do Abacate” desenvolvido por um grupo de organização colaborativa de Belo Horizonte, coordenado por Daniel¹³. Esse evento iniciou em 2012, na Rua Magi Salomon, no Bairro Salgado Filho, e passou a ter uma

¹² Tais registros foram majoritariamente reunidos através de arquivos virtuais de sites, blogs e páginas de redes sociais.

¹³ Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa os nomes atribuídos às pessoas são fictícios. Entretanto, os nomes dos locais, grupos e equipes foram mantidos para viabilizar a constatação dos logradouros, eventos e fatos disponibilizados nas redes sociais virtuais e internet.

agenda anual. Nas duas primeiras edições contou apenas com a etapa do campeonato propriamente dito, dividido em provas de velocidade e estilo (FIGURA 2).

Figura 2 - Sétima Edição do Mundialito de Rolimã do Abacate



Fonte: Página do perfil do evento Mundialito de Rolimã do Abacate no Facebook¹⁴

As provas de velocidade eram divididas em três categorias: “mirim” (apenas crianças), “roliminas” (para mulheres, cis e trans) e “sangue nu zóio” (aberta a qualquer pessoa com interesse em competir em alta velocidade). A prova de estilo era destinada a carrinhos temáticos, com estilos e formatos bem criativos, com propósito de valorização do design do carrinho, do figurino e da apresentação. Nos anos subsequentes, a competição foi precedida por eventos denominados “oficinas”, onde monitores auxiliavam adultos e crianças a construírem seus próprios carrinhos. Em 2019, sua última edição, mais uma etapa foi acrescida a esse projeto. Um evento de rolimã chamado de “aquecimento” foi incorporado à

¹⁴ Acesso em 12/04/2022 ao endereço <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2234214166620936&type=3>

programação da Virada Cultural¹⁵ de Belo Horizonte, na descida da Av. Assis Châteaubriant, região centro-leste da cidade, e consistia em uma experimentação da prática do rolimã, sem qualquer tipo de competição (FIGURA 3).

Figura 3 - Aquecimento do Mundialito de Rolimã do Abacate na Virada Cultural



Fonte: Virada Cultural de Belo Horizonte¹⁶

Em 2013, Tarcísio tomou conhecimento do “Mundialito de Rolimã do Abacate” e resolveu experimentar essa prática na esplanada do Estádio Mineirão. Como já frequentava o local nas quintas-feiras à noite para andar de patins, resolveu convidar alguns amigos para andar de rolimã nas terças-feiras. Alguns meses depois, descobriu que outro grupo, composto basicamente pelos familiares de um senhor chamado Augusto, andava de rolimã na esplanada aos domingos. Eles resolveram se unir e passaram a realizar os “encontros” de carrinho de rolimã todas as terças à noite, como acontece até hoje. Apesar de a ideia inicial ter surgido com Tarcísio e Augusto, o “encontro” de rolimã do Mineirão é o que possui maior regularidade e um

¹⁵ Segundo informações do site da Prefeitura de Belo Horizonte, a Virada Cultural é uma jornada de 24 horas ininterruptas de programação artística e cultural nas diversas áreas: música, teatro, dança, circo, literatura, artes plásticas artes cênicas, artes visuais, performance, moda, gastronomia. O evento propõe uma discussão sobre temas ligados ao cotidiano da cidade, como o uso do espaço público, sustentabilidade, mobilidade, acessibilidade e novas vivências. As apresentações oficiais são gratuitas e realizadas em vários palcos pela cidade, além da programação associada em teatros, museus e centros culturais (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2018).

¹⁶ Acesso em 12/04/2022 ao endereço:

https://www.facebook.com/viradaculturalBH/photos/?ref=page_internal

dos mais duradouros no cenário da RMBH. Com dinâmicas próprias, sua divulgação é feita “boca a boca” e, principalmente, pelas redes sociais digitais de seus frequentadores. A partir dos “encontros” do Mineirão, equipes e grupos de rolimã foram criados. Atualmente existem inúmeras equipes de rolimã na RMBH e duas grandes agremiações que se organizam em prol de eventos bem distintos.

Em setembro de 2016, um grupo denominado “Rolimã das Gerais”, capitaneado por Tarcísio e Augusto, criou sua página na rede social virtual Facebook (FIGURA 4) com o intuito de divulgar os eventos organizados pelo grupo, tais como: os “encontros” do Mineirão, campeonatos amadores, eventos itinerantes pela RMBH e ações promocionais (para órgãos governamentais, emissoras de televisão, instituições de ensino, estabelecimentos comerciais, entre outros). Em fevereiro de 2018, esse grupo ampliou sua rede de contato virtual através da criação de um grupo no aplicativo WhatsApp. Nessa plataforma, o grupo conta atualmente com aproximadamente 75 participantes e 4 administradores, onde a maioria dos integrantes não se manifesta e apenas utiliza o grupo para se manter informada sobre os eventos de rolimã. Porém, um grupo menor, composto pelos administradores e pessoas mais antigas do movimento, troca mensagens de texto, áudios, fotos e vídeos com grande frequência, não apenas organizando, mas também repercutindo os eventos, estabelecendo disputas narrativas sobre suas performances, fazendo piadas e chacotas mútuas. Esse grupo se organiza em torno de uma promoção da prática do rolimã por meio de “encontros”, termo nativo designado a eventos com viés essencialmente lúdico, onde a participação de crianças e aprendizes é sempre incentivada. O termo “aprendiz” é aqui utilizado em substituição a vocábulos análogos como “novato” ou “iniciante”. Trata-se de um conceito adotado por Lave (2015), traduzido do termo “learners”, que parte do entendimento que o “aprendiz” não é alguém que não sabe e que aprende com alguém que sabe. Ao contrário, os aprendizes estão engajados em aprender o que eles já estão fazendo, em um processo multifacetado, contraditório e iterativo. Além disso, os “aprendizes” são indivíduos, que não se resumem a essa condição, pois estão sempre engajados em práticas cotidianas em múltiplos contextos, interagindo em diferentes modos uns com os outros. No referido grupo, a inserção de aprendizes, sejam crianças, jovens, adultos, homens ou mulheres, é acolhida e incentivada.

Figura 4 - Capa do perfil do grupo “Rolimã das Gerais”



Fonte: Rolimã das Gerais¹⁷

Em janeiro de 2017, uma derivação do grupo “Rolimã das Gerais” foi criada. Denominado “Rolimã BH Minas”, tal grupo passou a se organizar de forma independente com agenda e eventos próprios, mas com a mesma estratégia de organização e divulgação através de redes sociais virtuais (FIGURA 5). No Facebook, algumas equipes e pilotos migraram para o grupo dissidente e, algumas poucas, permaneceram em ambos. Equipes novas surgiram e passaram a integrar essa nova agremiação. Em outubro de 2017, criaram um grupo de WhatsApp, que atualmente possui mais de 100 pessoas de diferentes cidades e estados. Com restrições bem definidas no teor das mensagens¹⁸, permite apenas assuntos relacionados ao rolimã, com ênfase na organização de treinos e campeonatos. Esse grupo conta com a presença de inúmeras equipes de competição que estão sempre discutindo regulamentos e padronização de regras para os eventos. O volume de mensagens diárias nesse grupo é intenso, na ordem das centenas. O “Rolimã BH Minas” estabelece uma distinção bem clara em relação ao “Rolimã das Gerais”, com um intercâmbio maior com pessoas de outros estados e um propósito estritamente

¹⁷ Acesso em 12/04/2022 ao endereço: <https://www.facebook.com/RolimaDasGerais>

¹⁸ Na descrição desse grupo estão estabelecidas as seguintes regras: “União DAS EQUIPES DE CARRINHOS DE ROLIMÃ - Regras do Grupo - #Proibido assuntos#: politica, futebol, religião, pornografia, novela, assuntos e imagens de violência, notícias não ligadas ao grupo, comércio não ligados ao grupo, palavrões e obscenidades (sic), proibido enviar k oi c, links de outros grupos. Mantenha o foco no grupo para evitar o >= corte não ser excluído ok” (sic).

competitivo, com ênfase na promoção de uma prática competitiva do rolimã. Dessa forma, a maioria dos eventos organizados por esse grupo são caracterizados como “rolê” e “gp”, realizados em locais ermos, com declives longos e acentuados, favorecendo a presença de pilotos com maior experiência.

Figura 5 - Capa do perfil do grupo “Rolimã BH Minas”



Fonte: Rolimã BH Minas¹⁹

É importante recuperar que, em um espectro temporal de agremiações e eventos relacionados ao rolimã, a última década foi marcada por alianças, rompimentos e disputas. A primeira tentativa de aliança foi entre o grupo “Rolimã das Gerais” e os organizadores do “Mundialito de Rolimã do Abacate”. O grupo que organizava os “encontros” do Mineirão possuía um grande volume de adeptos e o evento do bairro Salgado Filho, uma notável repercussão nas mídias televisivas²⁰. A união desses grupos parecia inevitável, mas não prosperou. Ao contrário, em 2018, Augusto, um dos idealizadores do grupo “Rolimã das Gerais”, viu seu carrinho alegórico, em formato de tanque, ser hostilizado pelos próprios organizadores da sétima edição do “Mundialito de Rolimã do Abacate”. O argumento para a reação hostil foi que o carrinho fazia alusão ao então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro, capitão reformado do exército. No ano seguinte, uma grande parte

¹⁹ Acesso em 12/04/2022 ao endereço: <https://www.facebook.com/rolimabhminas>

²⁰ Em 2014 o evento foi repercutido pelo programa “Globo Esporte MG” da Rede Globo (<https://globoplay.globo.com/v/3666458/>) e em 2017 pelo programa “Estrelas do Brasil”, da mesma emissora (<https://globoplay.globo.com/v/6359307/>).

das equipes que compunha o grupo “Rolimã das Gerais” decidiu não participar da oitava edição do Mundialito. Essa não foi a única, tampouco a maior, divergência entre agremiações de rolimã da RMBH. A equipe “Brutos do Rolimã”, por exemplo, foi criada a partir de uma divergência entre organizadores da equipe “Loucomotiva”. Seguramente, a mais impactante cisão no movimento foi a criação do grupo “Rolimã BH Minas”. A partir dessa nova agremiação, equipes, eventos e pessoas tiveram que fazer escolhas e se partidarizar. Por ser um *outsider*, com intenções acadêmicas, eu era uma das poucas pessoas com trânsito livre dentro desses dois grupos.

O “Mundialito de Rolimã do Abacate”, por ser um evento anual, com edições suspensas nos anos 2020 e 2021, não fez parte dos registros de campo. Dessa forma, opto por apresentar a seguir apenas os contextos e eventos organizados pelos grupos “Rolimã das Gerais” e “Rolimã BH Minas”. A ordem com que tais eventos são apresentados no capítulo a seguir reflete o percurso de descoberta do campo e a descrição adotada revela a intenção de caracterizar e contrastar os contextos e propósitos de seus organizadores.

Quadro 2 - Síntese dos grupos de carrinho de rolimã da RMBH

GRUPOS	OBJETIVO	LOCAIS	PÚBLICO
Mundialito de Rolimã do Abacate	Promoção de uma competição lúdica de carrinhos de rolimã através de eventos anuais com grande infraestrutura e ampla divulgação nos meios de comunicação.	O projeto tem caráter itinerante, mas seus principais eventos acontecem na Av. Assis Chateaubriand e na Rua Magi Salomon (Virada Cultural) e no Bairro Salgado Filho (Mundialito).	Público bastante diverso, com a presença de crianças, jovens, adultos e idosos, e uma prevalência de aprendizes, interessados em experimentar a prática do rolimã.
Rolimã das Gerais	Promoção de uma prática lúdica e inclusiva do rolimã através de eventos semanais, sem grande infraestrutura organizacional e com divulgação majoritariamente feita em redes sociais digitais.	Os eventos promocionais podem acontecer em locais diversos da cidade, mas os encontros feitos com regularidade ocorrem na esplanada do Estádio Mineirão.	Público bastante diverso, com a presença de crianças, jovens, adultos e idosos, e uma prevalência de pessoas mais experientes, com alguma vivência prévia com a prática do rolimã.
Rolimã BH Minas	Promoção de uma prática competitiva do rolimã através de treinos e campeonatos regulares, com infraestrutura mediana e com divulgação majoritariamente feita	Os treinos e os campeonatos acontecem em alguns locais específicos da RMBH, que possuem declives ertos, longos e íngremes. O local mais	Público predominante adulto, do gênero masculino e uma ampla experiência com a prática competitiva do rolimã.

	em redes sociais digitais.	conhecido para esses eventos é Morro do Cavalo Doido, em Brumadinho.	
--	----------------------------	--	--

Fonte – Próprio autor

3.1. Encontros

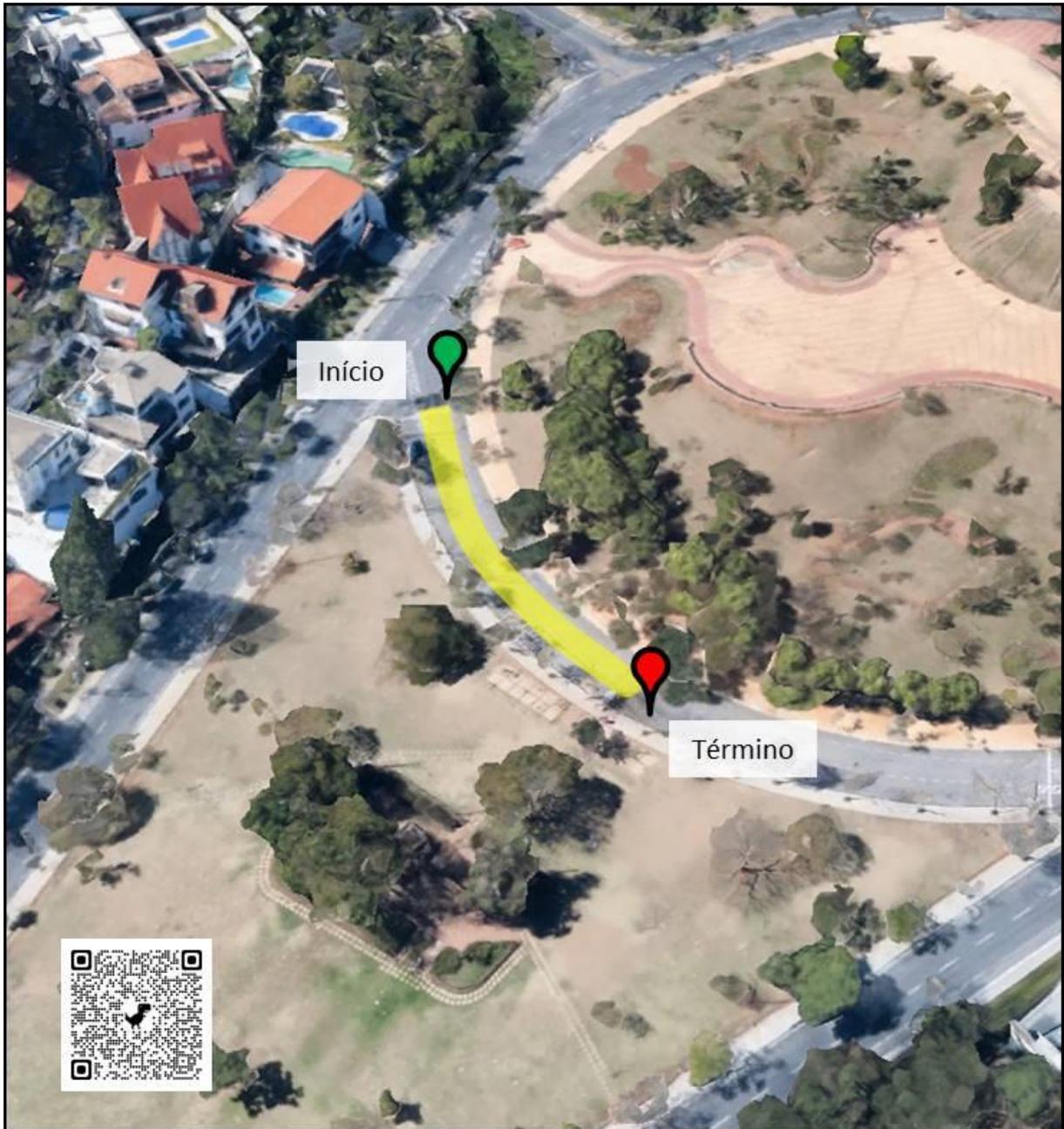
Como mostrado anteriormente, a entrada no campo se deu por meio dos “encontros” da Praça Israel Pinheiro, conhecida popularmente como Praça do Papa²¹. Eduardo é o organizador desses “encontros” e fabricante de carrinhos de rolimã. Através de seu perfil em uma rede social digital, comercializa seus produtos e promove “encontros” de rolimã na região Centro-Sul de Belo Horizonte.

A frequência desses “encontros” não é bem definida e varia de acordo com a disponibilidade de seu organizador. Seu local exato é na entrada da rua fechada da praça, no sentido bairro-centro. Na FIGURA 6, o destaque em amarelo representa o percurso onde as pessoas costumam descer com os carrinhos. Essa descida possui aproximadamente 70 metros²² e a inclinação nesse trecho da rua é maior do que do lado oposto.

²¹ Segundo o site da Belotur, a Praça do Papa ganhou popularmente este nome após a visita feita à cidade pelo Papa João Paulo II, em 1980 (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2019)

²² Medida feita com a ferramenta de construção de rotas do Google Earth.

Figura 6 - Imagem aérea da Praça Papa e do percurso dos carrinhos de rolimã



Fonte: Google Earth (2021)

Quando acontecem, esses “encontros” costumam ocorrer aos finais de semana, nos sábados ou domingos pela manhã, entre 10h e 13hs, e dependem integralmente da iniciativa de seu organizador. Eduardo faz uma divulgação prévia em suas redes sociais, leva alguns carrinhos para emprestar e deixa outros expostos para venda. As pessoas se revezavam nos carrinhos fabricados por

Eduardo, que possuem quatro tamanhos²³ distintos. Apesar de ser um “encontro” bastante personificado na figura de seu organizador, é possível ver também algumas pessoas em carrinhos com formatos diferenciados, comprados de outro fornecedor ou de fabricação própria.

Esse público é composto majoritariamente por famílias e o número de crianças, das mais variadas idades, é bem significativo. A presença de jovens e idosos não é comum e os adultos presentes estão sempre acompanhados de crianças. Em geral, as pessoas tomam conhecimento desse “encontro” pelas redes sociais digitais ou descobrem por acaso, passando pelo local, que é um ponto turístico muito conhecido na cidade. É muito comum ver pessoas se revezando entre os carrinhos e isso facilita muito a inserção dos aprendizes na dinâmica do “encontro”. Além desse aspecto organizacional, a conformação da pista também é favorável, pois o trecho de descida é relativamente curto e a leve inclinação da rua torna o local ideal para as crianças pequenas e os aprendizes.

Em 2019, havia outro “encontro” organizado por Eduardo no bairro Buritis, região oeste de Belo Horizonte. Esse “encontro” era praticamente uma derivação dos “encontros” da Praça do Papa. Aconteciam com menor frequência, geralmente nos finais de tarde de domingo. Não havia uma ampla divulgação, apenas aos participantes mais próximos e assíduos, pois nesse “encontro” Eduardo não levava carrinhos extras para empréstimo ou venda e sua finalidade não era comercial, mas de fruição.

O local desse “encontro” tem pouca circulação de carros, pois além de ser um balão de retorno que liga duas ruas, é rodeado por áreas verdes, não edificadas. Na FIGURA 7, o trecho da rua Dr. Javert Barros, com destaque em azul, é menos íngreme e mais curto, com aproximadamente 75 metros. A descida da av. José de Oliveira Vaz, com destaque em amarelo, é mais acentuada e possui duas opções mais recorrentes de paradas. A primeira fica a aproximadamente 115 metros do ponto de largada e a segunda à 205 metros.

²³ Carrinho 3+ (30cm de largura e 60cm de comprimento), 6+ (35cm de largura e 70cm de comprimento), 9+ (40cm de largura e 80cm de comprimento) e adulto (50cm de largura e 100cm de comprimento).

Figura 7 - Imagem aérea do Buritis e dos percursos dos carrinhos de rolimã



Fonte: Google Earth (2021)

Em março de 2020, todos os “encontros” de rolimã foram interrompidos em virtude do fechamento de diversos espaços públicos, escolas e estabelecimentos comerciais da RMBH, em função da pandemia do Coronavírus. Foram três meses sem ter notícia de qualquer “encontro”. A interrupção de diversos serviços de lazer, como clubes, restaurantes e shoppings, nas primeiras fases de isolamento social na RMBH, levou a um aumento na procura pelos carrinhos de rolimã e, mesmo sem a

divulgação feita nos “encontros”, Eduardo recebeu diversas encomendas pelas redes sociais e viu sua produção aumentar significativamente.

Apesar da continuidade da pandemia, em junho de 2020, os “encontros” do bairro Buritis foram retomados. Diferentemente do que costumava fazer na Praça do Papa, Eduardo não fazia uma ampla divulgação prévia, apenas algumas postagens nas redes sociais digitais com fotos e vídeos logo após os “encontros”. Havia claramente um receio de que tal evento pudesse receber a fiscalização de agentes de órgãos públicos e conseqüentemente gerar algum tipo de sanção ao seu organizador. Por isso, Eduardo só revelava o endereço exato do local do “encontro” àquelas pessoas que o solicitavam de maneira privada nas redes sociais digitais. Apesar disso, em agosto de 2020 o “encontro” foi divulgado e enaltecido em uma matéria no jornal do bairro (ANEXO II). Nela, Eduardo conta que iniciou com a organização desses “encontros” no bairro em 2018, em uma das pistas da rua Henrique Badaró Portugal. Como o local era muito movimentado, em 2019, passou a realizá-lo na av. José de Oliveira Vaz com Dr. Javert Barros.

Em 2020, com o fechamento da Praça do Papa, os “encontros” do Buritis foram retomados, mas com outra dinâmica e conotação. Aos sábados pela manhã, entre 10 e 13hs, Eduardo passou a levar carrinhos extras para venda e empréstimo e voltou a dedicar sua atenção à comercialização de seus carrinhos. Com isso, esse “encontro” tomou contornos semelhantes ao da Praça do Papa e o propósito de Eduardo, que via ali um momento de mera fruição e divertimento, passou a ter um cunho mais comercial.

Com uma demanda crescente nos pedidos de carrinhos em 2020, rapidamente Eduardo viu seu passatempo se transformar em um trabalho de tempo integral; mas ele não foi o único. Em um “encontro” do Buritis, estávamos conversando quando um carro subia vagarosamente na contramão da pista de descida dos carrinhos. No teto do automóvel havia uma estrutura de ferro que amarrava diversos carrinhos de rolimã. Na ponta dessa estrutura, uma faixa anunciava o endereço de um perfil em uma rede social. Eduardo se aproximou do automóvel, se reclinou próximo ao vidro do passageiro e conversou brevemente com o motorista do automóvel. Em seguida, o carro engatou uma ré e foi embora. Nitidamente incomodado, Eduardo veio até o grupo de pais que se reunia no início da pista e comentou que o concorrente tentava vender seus carrinhos ali. Essa apropriação do espaço público para fins comerciais pode ser observada em outras

práticas e serviços voltados para o lazer. Ao estudar os grupos de corrida da cidade de Belo Horizonte, Oliveira (2022) destaca uma prática comum entre as empresas de assessoria esportiva que é a instalação de pontos de encontro, denominados pontos de treino, em que as empresas montam estruturas para atender seus atletas/clientes disponibilizando água, bebidas isotônicas, barrinhas, frutas e entre outros, em espaços públicos, com locais e horários pré-determinados. Essa privatização do espaço público para fins comerciais passam a ser objeto de intervenção do poder público à medida que tal mercado se amplia e ganha robustez.

Os “encontros” de carrinho de rolimã que têm um propósito comercial, ainda não são muito frequentes. Os mais recorrentes e conhecidos são os promovidos por Eduardo. No entanto, outras pessoas também aproveitam os “encontros” para vender carrinhos. Por se tratar de um brinquedo de origem incerta, mas com características artesanais, pode ser produzido e comercializado com uma infinidade de modelos, customizações e preços. Nesse mercado que se estabeleceu na RMBH, a divulgação através de redes sociais, somada à promoção de “encontros” em locais apropriados da cidade, conformou uma promissora estratégia de publicidade. Eduardo é um exemplo claro disso. No último trimestre de 2020, a frequência de “encontros” do Buritis até diminuiu já que a demanda de carrinhos era tamanha que a fabricação adentrou os finais de semana, reduzindo sua disponibilidade para organizar os “encontros”. Em algumas oportunidades, as pessoas frequentaram o local do “encontro” para andar de rolimã, mesmo sem a presença de seu organizador. Porém, essas iniciativas não perduraram por muito tempo. Em 2021, Eduardo quase não organizou “encontros” no Buritis ou na praça do Papa, mas pelas redes sociais, foi possível constatar que as vendas de carrinho continuaram consistentes.

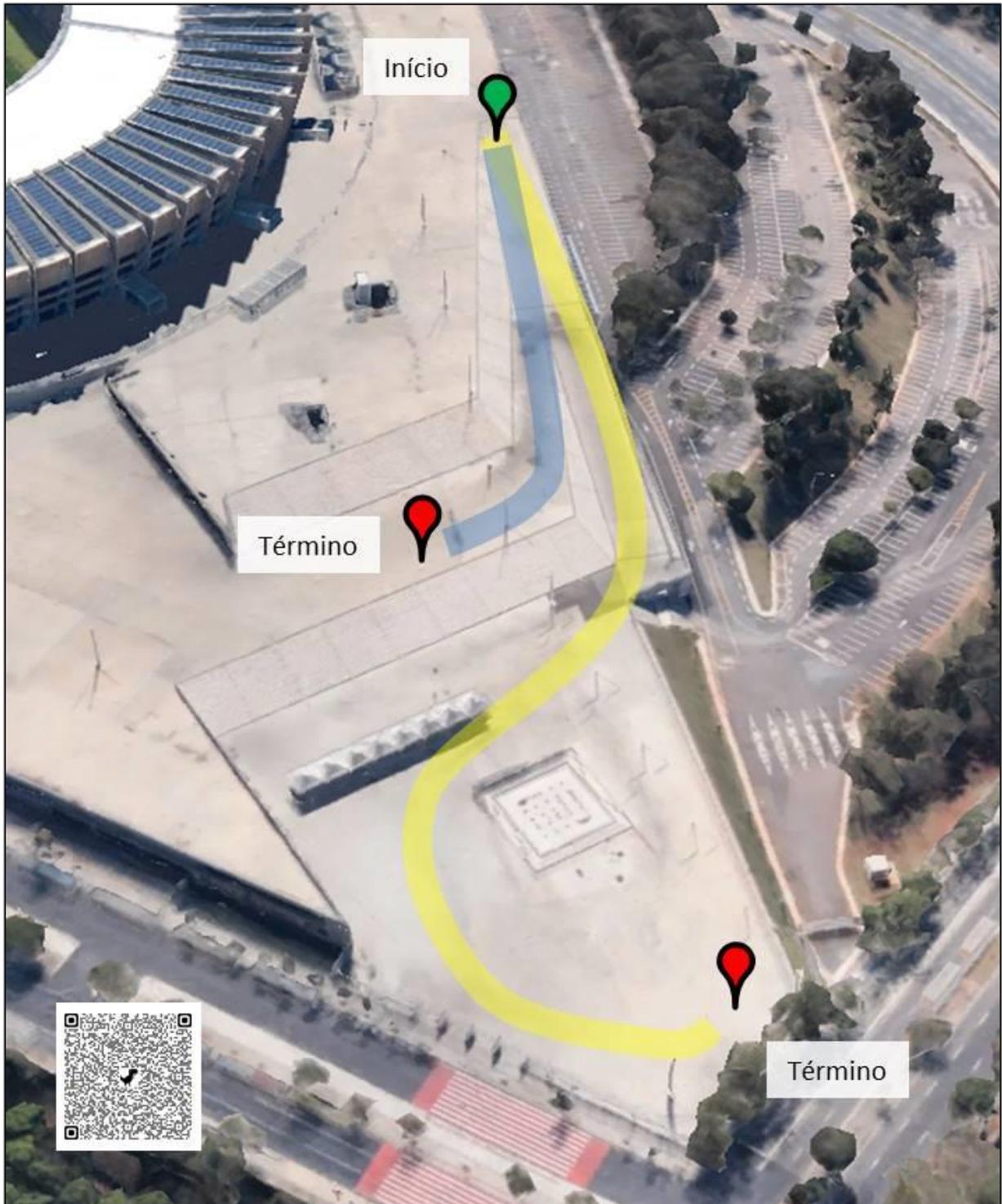
Apesar de fazer parte do grupo “Rolimã das Gerais” o que revela uma intenção de promoção lúdica e inclusiva do rolimã, Eduardo tem um propósito comercial com o rolimã, o que o diferencia do restante do grupo. Nesse sentido, os “encontros” do Papa e do Buritis promovem interações efêmeras entre uns, relações mais aprofundadas entre outros e constroem uma ligação de algumas famílias com o carrinho de rolimã. Tais “encontros” possuem uma dependência significativa de seu organizador e o seu público, constituído majoritariamente por amigos ou clientes de Eduardo, que o acompanha, e derivam conforme interesse de seu organizador. Assim, é possível afirmar que os “encontros” do Papa e do Buritis, estão mais

estritamente ligados à figura do Eduardo e ao seu círculo de amizade, do que com os locais ou os equipamentos de lazer da paisagem urbana.

Foi em um dos “encontros” da Praça do Papa que tomei conhecimento da existência dos “encontros” do Mineirão. Com frequência semanal, todas às terças-feiras a partir das 19 horas, esse “encontro” acontece no Estádio Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão. O local exato é na esplanada do estádio, entre os setores C e D (FIGURA 8). O portão de acesso mais próximo fica na entrada Sul, localizado entre as avenidas Coronel Oscar Paschoal e Presidente Carlos Luz. Na Figura 8, é possível perceber que há duas possibilidades de descida para os carrinhos de rolimã. A primeira, representada pelo destaque em azul, é a descida mais curta, com aproximadamente 190 metros. A segunda, representada pelo destaque em amarelo, é a mais longa, com aproximadamente 285 metros²⁴.

²⁴ Medidas feitas com a ferramenta de construção de rotas do Google Earth.

Figura 8 - Imagem aérea do Mineirão e dos percursos dos carrinhos de rolimã



Fonte: Google Earth (2021)

O público que frequenta o “encontro” do Mineirão é composto por pessoas de todas as idades, com destaque para a presença de idosos e também de jovens, além é claro, das crianças. No entanto, ao contrário dos “encontros” do Papa e do

Buritis, nem sempre os adultos vão ao Mineirão acompanhados de crianças. Tal “encontro” não possui um caráter comercial e, ainda que haja claramente um intuito de promoção da prática do carrinho de rolimã na RMBH, no Mineirão o propósito é a fruição de um objeto (brinquedo) que, não se restringe às crianças, e que para muitos adultos é investido de novos sentidos e significados. Em geral, as pessoas que frequentam esse local possuem carrinhos próprios, de fabricação artesanal, em sua maioria feita com madeiras reaproveitadas e materiais rústicos.

Um aspecto interessante com relação à esplanada do Mineirão é a presença de uma diversidade de práticas. Além do rolimã, é muito comum ver pessoas andando de bicicleta, patins, patinete, skate e *trike*²⁵. A coexistência dessas práticas é relativamente harmônica, mas é possível perceber algum nível de tensão e disputa. Nas noites de terça-feira, a presença de carrinhos de rolimã é majoritária, o que inevitavelmente gera uma aglomeração de carrinhos no topo da descida. Esse fato às vezes gerava incômodo nos praticantes de outras modalidades, que reclamam da obstrução da pista. Entre os praticantes de rolimã, há um entendimento de que, nas noites de terça-feira, a prioridade é deles.

Nos “encontros” do Mineirão é muito comum ver pessoas usando camisas de equipes de carrinho de rolimã. Apesar de se autodenominarem “equipes” esses agrupamentos menores de pessoas dentro do grupo “Rolimã das Gerais”, atualmente não tem relação com a participação em eventos competitivos. Em seus perfis virtuais, é possível identificar que algumas dessas equipes também promovem eventos e “encontros” esporádicos em outras localidades, e suas composições se estabelecem a partir vínculos, que podem ou não extrapolar o contexto do rolimã (ex. relação de parentesco) e interesses mútuos, de inserção em um contexto de prática por parte do indivíduo e fortalecimento demográfico por parte do grupo que o acolhe.

Apesar de coexistir uma diversidade de interesses, formas de apropriação e abrangência de grupos, nos “encontros” do Mineirão há uma abertura à participação de aprendizes e, em alguma medida, até um incentivo por parte dos mais experientes. Isso não significa que não haja também disputas pontuais e posturas divergentes. Ali, há um conjunto de regras que constituem e organizam a dinâmica

²⁵ Uma espécie de triciclo, similar ao velotrol, geralmente feito em estrutura tubular de ferro, com roda dianteira radial e rodas traseiras em borracha com um invólucro de plástico para reduzir a aderência e favorecer derrapagem.

dos “encontros”. Certa vez, levei minha filha (Maju, de 5 anos), sobrinha (10 anos) e esposa ao Mineirão. Logo que chegamos, Maju pegou seu patinete e remou com velocidade naquela amplidão da esplanada. Porém, após alguns metros, quase trombou com outra criança que vinha em uma bicicleta. O susto me fez perceber que, por se tratar de uma novata naquele contexto, minha filha precisaria perceber e aprender a lidar com a dinâmica daquele ambiente, para evitar acidentes. Assim que chegamos na pista do rolimã, convidei Maju para andar ao meu lado, cada um em seu carrinho. Esperamos um grupo de pessoas descer primeiro e fomos logo em seguida. Nos primeiros metros foi tudo bem. Com a descida de alguns skates e bicicletas, Maju começou a ficar insegura. Insisti um pouco: -“Vamos até ali no final da primeira rampa²⁶”. Ela se encorajou e continuou. Ao seu lado, dava algumas orientações. Logo adiante, ela pegou um pouco mais de velocidade e freou de maneira abrupta próximo ao penúltimo gradil. Tentei tranquilizá-la, explicando que ela deveria reduzir gradativamente a velocidade puxando alavanca de freio de forma suave. Durante esse processo, não percebi que havíamos ficado tempo suficiente na pista para que um grupo começasse outra descida. Quando me dei conta, os carrinhos já se aproximavam em alta velocidade e não dada mais tempo de sair da pista. Abracei minha filha e torci para que todos conseguissem desviar de nós dois. Foi um momento de muito medo. Maju exclamou: -“Nó pai, senti um medaço (sic)!” Naquele momento, entendi que minha filha não estava pronta para andar de rolimã no Mineirão. Naquela noite, resolvi não insistir. Por iniciativa própria, ela preferiu brincar de patinete com a prima, longe da pista de rolimã e próximo à mãe. Esse fato me fez pensar em alguns aspectos referentes à dinâmica de organização dos “encontros” do Mineirão.

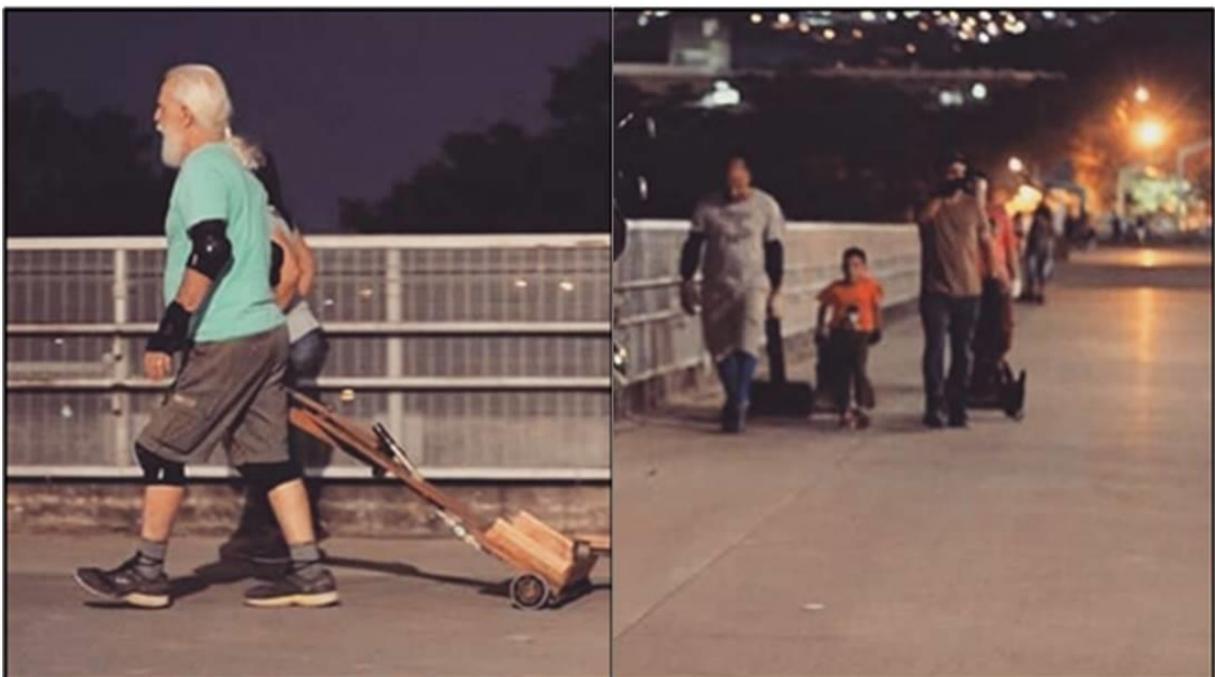
O primeiro diz respeito à descida, pois não existe uma regra ou determinação prévia de um número máximo de pessoas que devem descer ao mesmo tempo. Porém, há uma limitação de espaço. Dependendo do dia, formam-se diversos grupos, de aproximadamente cinco a 10 pessoas. Tais grupos podem ser formados por uma afinidade prévia entre os participantes (familiares ou amigos), mas nada impede que pessoas integrem um determinado grupo e desçam juntas com pessoas desconhecidas. Por vezes, a própria descida gera uma aproximação, ainda que efêmera, de pessoas. São comuns comentários e conversas breves logo após uma

²⁶ Trecho de aproximadamente 190 metros, destacado em azul na Figura 1.

descida. Descer a ladeira com outrem significa se dispor a compartilhar uma experiência e isso comumente promove um sentimento de empatia entre as pessoas. Tal fato não exige necessariamente relacionamento prévio para além da prática, mas naquele momento, naquela noite, pessoas estranhas se agrupam e confraternizam em torno de uma prática comum. No Mineirão, os agrupamentos não são tão óbvios e nem definidos apenas pelo um número prévio de pessoas, como em um time de futebol, por exemplo, mas o anseio de descer com/contra outras pessoas pode ser mobilizado pelo desejo de introduzir o elemento competição na prática ou simplesmente pela intenção de viver uma experiência de forma compartilhada.

O segundo aspecto a se destacar são as subidas. Nesse momento, arrastando seus carrinhos pelas guias dianteiras, as pessoas sobem a pista, enfileiradas no canto esquerdo, de forma a não interferir na descida dos demais grupos (FIGURA 9). Se a descida promove uma espécie de comunicação não verbal entre as pessoas, a subida é o momento em que se verbalizam a experiência vivida. Desde comentários excitados sobre fatos ocorridos na descida, passando por elogios mútuos ou provocações, até assuntos completamente alheios ao momento; o rito das subidas compõe parte significativa dos “encontros” do Mineirão, afinal passa-se mais tempo subindo do que descendo com os carrinhos de rolimã.

Figura 9 - Retorno dos grupos ao topo da pista do Mineirão



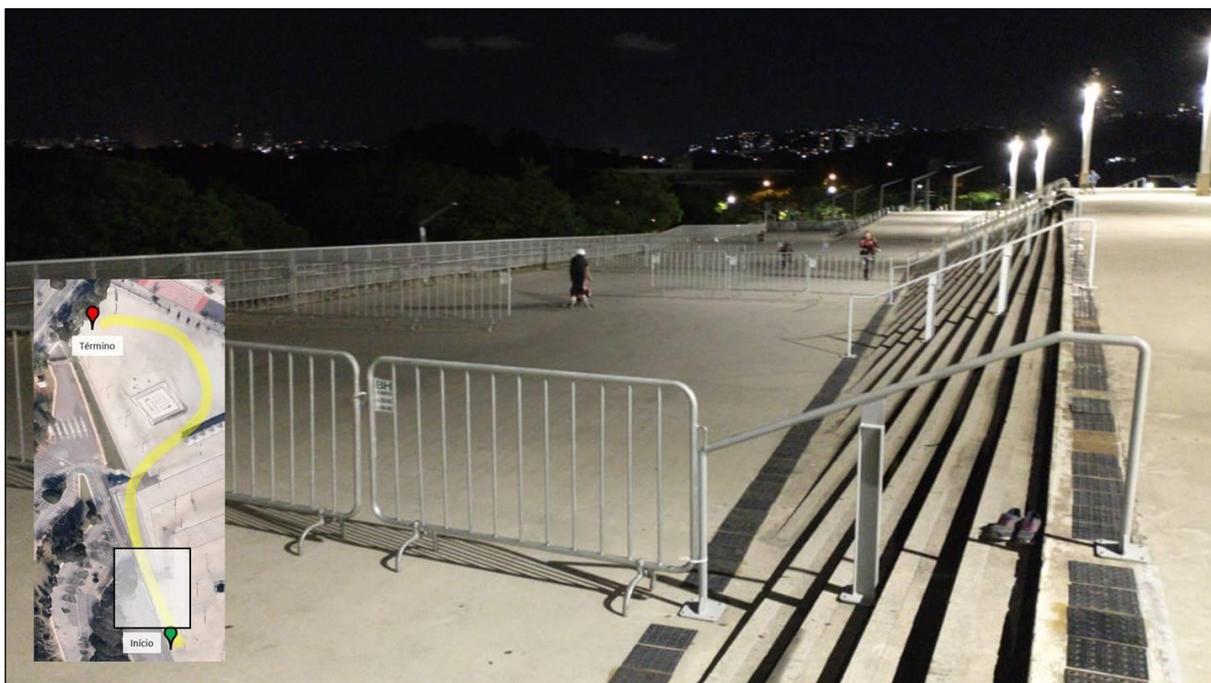
Fonte – Mundo do Rolimã²⁷

Por fim, vale destacar o intervalo que se estabelece entre os grupos durante as descidas. Tais momentos geram brechas oportunas para os aprendizes (adultos ou crianças) arriscarem suas primeiras descidas. Porém, esse pode ser também o momento em que praticantes de outras modalidades - patins, skates e bicicletas - decidem descer. Apesar de serem em menor número, eles dividem o espaço com os carrinhos de rolimã na terça à noite. No Mineirão, os aprendizes precisam encontrar seu tempo e espaço. Não se trata de um ambiente hostil e avesso ao aprendiz, mas o processo de engajamento precisa ser intencional. Há poucas situações de ensino deliberado. O que se vê são orientações pontuais e comentários no sentido do encorajamento.

Esse ritual de subidas e descidas, descrito nos parágrafos anteriores, foi severamente alterado com a introdução de gradis (FIGURA 10), em novembro de 2020. A administração do estádio decidiu introduzi-los para reduzir a velocidade dos rolimãs, skates, bicicletas e demais práticas, e possivelmente reduzir o risco de acidentes. Entretanto, no que diz respeito aos “encontros” de rolimã, tal intervenção se mostrou contraditória, pois o ziguezague obrigatório estabelecido pelo desenho arbitrário das grades trouxe uma imprevisibilidade maior no trajeto dos carrinhos e isso aumentou a chance de colisão entre eles durante as descidas.

²⁷ Acesso em 18/11/2021 ao endereço <https://web.facebook.com/media/set/?set=a.2548625768489445&type=3>

Figura 10 - Imagem do trecho da pista do Mineirão com gradis



Fonte: Próprio autor

Os gradis mudaram a dinâmica e os ritos, mas não foram suficientes para acabar os “encontros” do Mineirão. Porém, a maior ameaça a esse “encontro” foram as restrições causadas pela pandemia. Além de terem fechado a esplanada do estádio nos períodos de grande propagação da doença, fizeram com que muitos frequentadores dos “encontros” de terça se afastassem por quase dois anos. De março de 2020 a fevereiro de 2022, os “encontros” foram praticamente suspensos, contando apenas com um pequeno número de pessoas e com frequência errática. No entanto, em março de 2022, o grupo “Rolimã das Gerais” voltou a se mobilizar e os “encontros” de terça-feira na esplanada voltaram a ter um grande quórum, com a presença de dezenas de pessoas. Por ser considerado o “encontro” mais regular e longínquo, possuir um vasto e diverso público, e um arranjo espaço-temporal bem definido, o Mineirão caracteriza-se como polo referencial para os frequentadores dos eventos de carrinho de rolimã da RMBH.

Apesar de o Papa e o Buritis serem centrados na figura de Eduardo e o Mineirão ter uma maior regularidade e abrangência de público, o termo “encontro” aparece recorrentemente. Além disso, apesar das singularidades, esses “encontros” guardam também semelhanças, pois possuem um caráter essencialmente lúdico,

são precedidos de divulgações nas redes sociais virtuais e recebem pessoas de diversas idades e níveis de experiência.

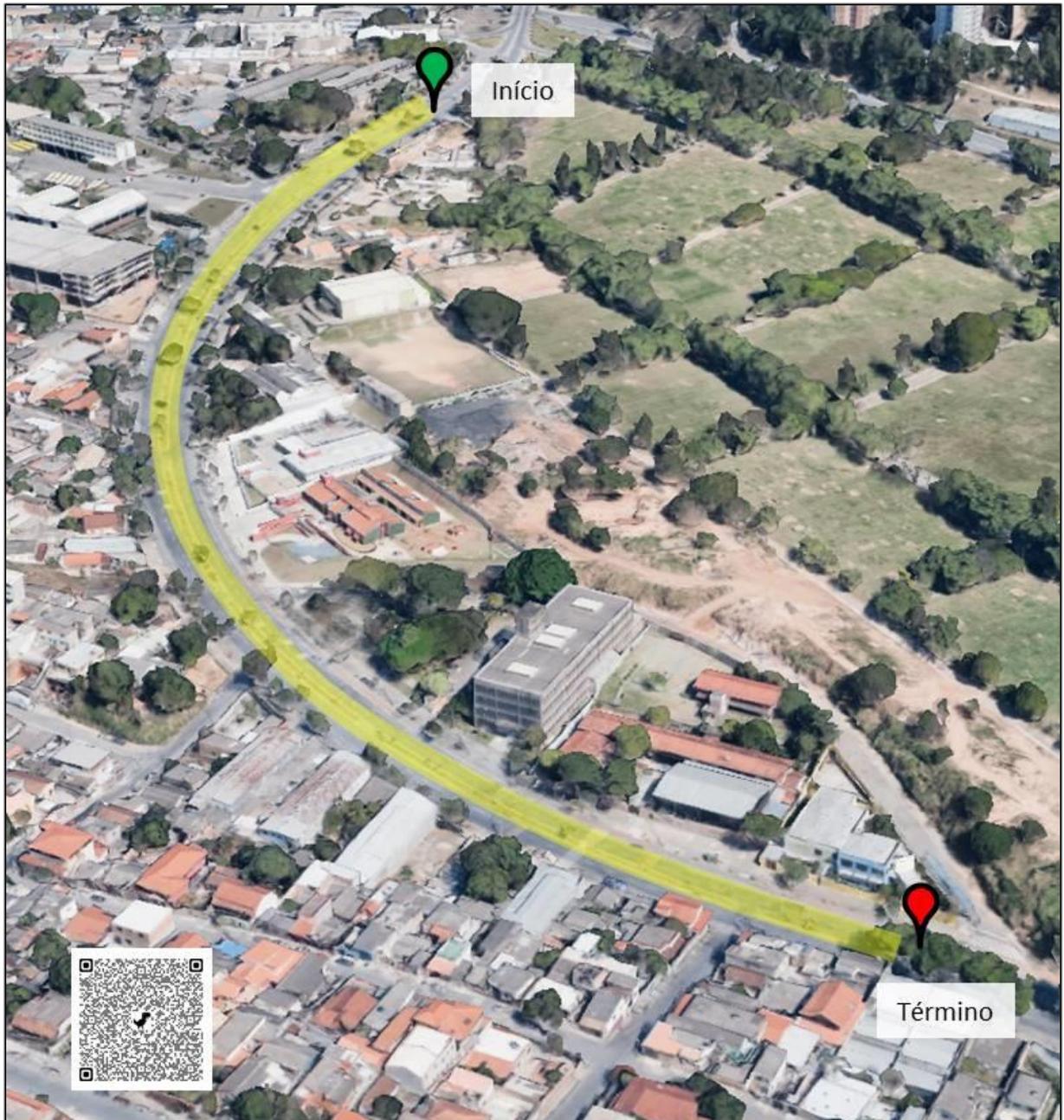
3.2. Rolês

As equipes de rolimã ligadas ao grupo Rolimã BH Minas são majoritariamente constituídas por homens adultos. As equipes participam e organizam eventos competitivos e se encontram frequentemente para fazerem descidas em ladeiras mais longas, íngremes e sinuosas, em diversos locais da RMBH. De forma mais esporádica, esses grupos organizam também viagens para outras cidades do estado e também fora dele, sempre em busca de novos locais para a prática do carrinho de rolimã. Devido à grande velocidade atingida pelos carrinhos, apenas pessoas mais experientes costumam ir a esses eventos, pois é comum os carrinhos ultrapassarem a marca dos 70 km/h. Por isso, a maioria de seus frequentadores é composta por integrantes de equipes que, além de possuírem carrinhos com estruturas reforçadas, com dispositivos variados de frenagem, trajam equipamentos de proteção bem robustos, como capacetes, macacões, coletes, luvas, braçadeiras, entre outros. Eventos com essas características são geralmente denominados de “rolês” e seus participantes se autodenominam “pilotos”. Os rolês podem ser observados tanto entre as equipes que compõem o grupo Rolimã BH Minas quanto o Rolimã das Gerais. Por vezes, esses grupos até exploram os mesmos locais, mas a rivalidade entre tais grupos impede que seus rolês sejam feitos de forma conjunta.

Um local bem conhecido entre as equipes de rolimã é a descida da Av. Américo Vespúcio, região Noroeste de Belo Horizonte. Como pode ver visto na FIGURA 11, o local exato é o trecho da via que fica entre 34º Batalhão da Polícia Militar e a rua Saracá, compreendendo um total aproximado de 720 metros²⁸ de descida.

²⁸ Medida feita com a ferramenta de construção de rotas do Google Earth.

Figura 11 - Imagem aérea da Av. Américo Vespúcio e do percurso dos carrinhos



Fonte – Google Earth (2021)

Esse local é bastante movimentado e com fluxo intenso de veículos durante o dia. Por esse motivo, os rolês da Américo Vespúcio acontecem durante a noite ou de madrugada. Muitos pilotos denominam esse tipo de rolê de “corujão” ou “rolê coruja”, fazendo alusão à coruja, animal de hábitos noturnos. No entanto, esse não é o único aspecto que diferencia os corujões dos rolês. Enquanto nos rolês é comum a presença de grupos grandes, de 15 a 20 pessoas, nos corujões, esse número é bem mais restrito. O horário em si é um limitador, pois poucas pessoas se dispõem a

andar de carrinho de rolimã noite adentro. No entanto, os relatos dos corujões são os mais entusiasmados nas rodas de conversa entre os pilotos.

Além da Américo Vespúcio, existem diversos outros rolês e corujões na RMBH. As equipes estão sempre à procura de novas possibilidades e não é possível precisar uma totalidade de locais para esses eventos. Apesar de existir um clima de camaradagem e coesão entre as equipes que compõem uma mesma agremiação, seja no “Rolimã das Gerais” ou no “Rolimã BH Minas”, há sempre disputas internas. Além das frequentes piadas e chacotas entre os pilotos, que não perdem a oportunidade de tripudiar com seus adversários quando vencem uma corrida, há outra forma de disputa entre as equipes. Quando encontram um novo local para realizar seus rolês ou corujões, costumam atribuir à pista, o nome da própria equipe. Essa é uma forma de demarcar um território que, apesar de público e acessível a qualquer um, fica registrado como “pertencente” a uma determinada equipe. Apesar disso, a efemeridade e o nomadismo são características marcantes dos rolês e corujões e revelam um interesse dos pilotos por experimentar a prática do rolimã por regiões distantes e não contíguas, para além de seus bairros, pontos turísticos (ex.: Praça do Papa) e equipamentos de lazer (ex.: Mineirão) estabelecidos em pontos fixos na malha urbana.

3.3. GP's

“GP”, na linguagem do automobilismo, se refere à expressão “Grande Prêmio”, que designa uma etapa, ou corrida, de um campeonato anual onde o piloto campeão é aquele que acumula a maior pontuação ao final das etapas. Os grandes prêmios da Fórmula 1, por exemplo, são realizados em países diferentes e, em cada um deles, são realizados os treinos de classificação, onde se determinam as posições de largada dos pilotos e a corrida, propriamente dita. No rolimã, a expressão “gp” foi incorporada no vocabulário dos pilotos e também designa uma etapa de um campeonato mais amplo. Entretanto, a dinâmica dos “GPs” de rolimã possui características próprias. Algumas regras são determinadas previamente (ex.: tamanho máximo dos carrinhos e dos rolimãs) e outras são definidas momentos

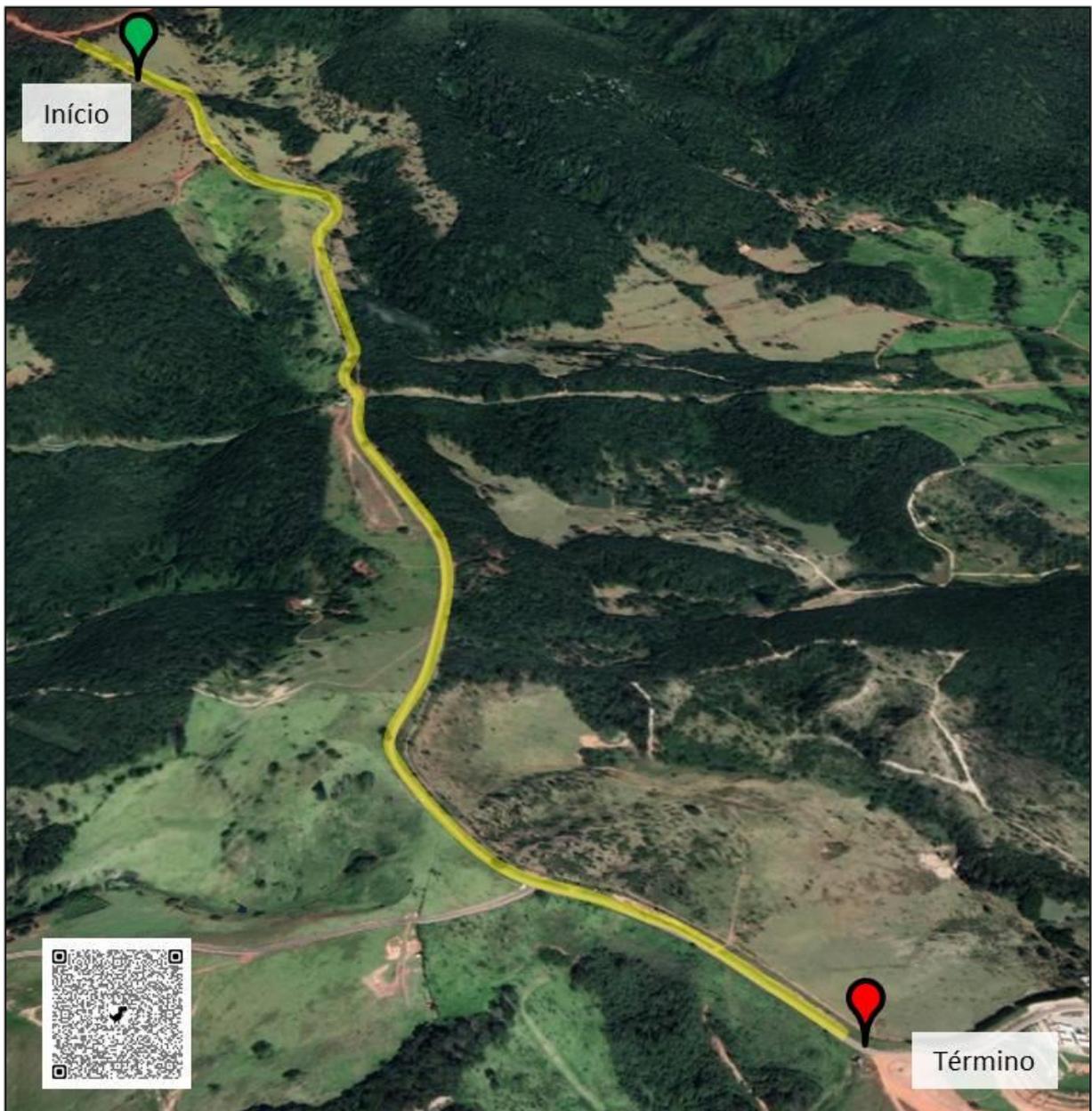
antes do início das corridas (ex.: definição de utilização do movimento de remada²⁹). Além disso, o “gp” é sempre dividido em baterias, ou seja, diversas corridas realizadas ao longo do dia, onde cada piloto acumula pontos conforme suas colocações. Ao final do dia, o piloto com a maior pontuação é considerado o campeão do “gp”. As classificações acumuladas dos “gp’s” irão determinar os primeiros colocados no campeonato anual. Pelas características, esse tipo de evento é frequentemente organizado pelo grupo “Rolimã BH Minas” cujo propósito primordial é promover e divulgar a prática competitiva do rolimã.

Um local muito tradicional para realização de “rolês” e “GP’s” é a estrada Ademir Ribeiro Neves, conhecida como Morro do Cavalo Doido, no município de Brumadinho, uma das 34 cidades que compõem a RMBH. Como pode ser visto na FIGURA 12, esse local é bastante ermo, cercado de mata nativa, sem qualquer tipo de edificação no entorno e com baixo fluxo de automóveis. A estrada de asfalto utilizada para descida possui aproximadamente três mil metros³⁰ de extensão e sua inclinação é bem acentuada.

²⁹ A remada é um movimento que se faz no momento na largada, em que a pessoa, sentada no carrinho, empurra o solo com as mãos, a fim de projetar o carrinho para frente e assim acelerar a arrancada. A permissão do uso desse movimento é definida antes das corridas.

³⁰ Medida feita com a ferramenta de construção de rotas do Google Earth.

Figura 12 - Imagem aérea do Morro do Cavalo e do percurso dos carrinhos



Fonte – Google Earth (2021)

Nesses rolês e gp's é muito comum ver também pilotos de rolimã “raiz” (com formato tradicional), “flx” (rolimã com fuselagem) e “trike” (FIGURA 13). Esse último é uma espécie de triciclo, que consegue atingir velocidades superiores a 110 km/h. As “naves”, carrinhos da categoria flx, por possuírem uma fuselagem aerodinâmica na parte frontal do carrinho, também atingem velocidades superiores as do rolimã raiz. Em geral, os pilotos das categorias raiz e flx correm em baterias distintas, para se evitar uma colisão entre uma nave, carrinho mais pesado e com estrutura reforçada, e um carrinho raiz, onde o piloto fica completamente exposto e suscetível

a impactos. Apesar de serem práticas distintas, a convivência entre os praticantes de trike, raiz e flx é harmoniosa, o que não significa ausência completa de disputas e rivalidades.

Figura 13 - Principais modalidades nos rolês e GP's



Fonte – Mundo do Rolimã³¹

Por se tratar de uma descida muito longa, os “rolês” ou “gp’s” do Cavalinho Doido necessitam sempre de um carro de apoio que, utilizando dispositivos de ancoragem, como cordas de tipo naval, rebocam os pilotos morro acima, em seus rolimãs raiz, naves e trikes. Por isso, é comum haver uma organização prévia, via aplicativos de mensagem, para arrecadar uma contribuição em dinheiro dos pilotos participantes, para subsidiar esse serviço de apoio.

Os “rolês”, “corujões” e “GP’s”, organizados pelas equipes de rolimã, são eventos que, dadas suas características, restringe a participação dos adultos aprendizes e crianças. Entretanto, vale ressaltar que o engajamento de crianças e adolescentes nas equipes acontece e, de alguma maneira, até incentivado. A principal delas é a inserção de categorias infantis na organização de alguns campeonatos.

Em um dos “encontros” do Mineirão tive a oportunidade de conhecer um competidor de 12 anos. Logo após uma descida, avistei um menino chegando ao final da pista em alta velocidade. Pelo design, percebi que o carrinho era de

³¹ Acesso em 02/07/2021 ao endereço https://www.facebook.com/OmundoRolima/photos/?ref=page_internal

fabricação da equipe Nine e sua blusa era na verdade um uniforme personalizado, o que não deixava dúvidas de seu pertencimento à referida equipe. O menino usava um capacete de motociclismo, pouco comum nos “encontros”, com tamanho adequado a sua estatura, o que indica que possivelmente não era um objeto emprestado, mas adquirido especialmente para o garoto. Assim que me aproximei, me apresentei e perguntei seu nome. O menino tirou o capacete e respondeu: “- Raio!” Comentei sobre seu carrinho: “- esse é profissional, hein (sic)?” Sua resposta não deixou dúvidas: “- sim, é um carrinho profissional para corridas!” Perguntei a ele se já havia descido o morro do Cavalo Doido e ele disse que não, pois, segundo ele, não era permitido para crianças. No entanto, acrescentou que já havia participado e vencido várias corridas e campeonatos em Belo Horizonte e também em outras cidades. Sua postura na condução do carrinho era muito interessante. Observei algumas de suas descidas e percebi algumas técnicas para redução da resistência do ar. Ele fazia um arqueamento frontal do tronco, como é comum de se observar entre praticantes mais experientes, mas também usava uma técnica que, até então, não havia visto. O movimento consistia em inclinar o tronco pra trás, ficando completamente deitado, em decúbito dorsal. Essa técnica não é comum de se observar nos “encontros” e exige um grande domínio do piloto, pois tal posição não é favorável à manutenção da estabilidade do carrinho.

A presença de Ricardo (Raio) nesse “encontro” foi bastante reveladora, pois, além de demonstrar uma habilidade incrível na condução do carrinho, indicou que os campeonatos organizados pelas equipes de rolimã, sobretudo aquelas que compõem o grupo “Rolimã BH Minas”, são uma forma de incentivo e projeção para as crianças que desejam experimentar a prática de forma competitiva e em contextos mais desafiadores.

Nesse capítulo, fiz um breve retrospecto do movimento que vem se estabelecendo na última na RMBH, em torno da prática do rolimã. Para tanto, destaquei as alianças, disputas, conchavos e rupturas de uma prática dotada de múltiplos sentidos e significados. Na seção seguinte, apresento alguns elementos fundantes da relação entre o fenômeno estudado e o contexto urbano.

Quadro 3 - Síntese dos eventos de carrinho de rolimã da RMBH

EVENTOS	ORGANIZADORES	LOCAIS	DIVULGAÇÃO	FREQUÊNCIA	PÚBLICO
Encontros do Papa e Buritis	Eduardo	Rua fechada Praça do Papa e no entroncamento das ruas Dr. Javert Barros e av. José de Oliveira Vaz, no bairro Buritis.	Ampla divulgação através de redes sociais e grupos de mensagens	Intermitente - de acordo com a disponibilidade de seu organizador.	Famílias (crianças acompanhadas dos pais) com a presença de pessoas novatas ou com alguma experiência prévia com prática do rolimã.
Encontros do Mineirão	Rolimã das Gerais	Rampa localizada entre os setores C e D da esplanada do Estádio Mineirão.	Ampla divulgação através de redes sociais e grupos de mensagens	Regular - terças-feiras de 19h às 22hs.	Diverso, com a presença de crianças, jovens, adultos e idosos, e uma prevalência de pessoas mais experientes, com alguma vivência prévia com a prática do rolimã.
Rolês	Rolimã das Gerais e Rolimã BH Minas	Locais diversos da RMBH.	Divulgação restrita em determinados grupos de mensagens	Intermitente – de acordo com a disponibilidade de seus organizadores.	Predominante adulto e uma ampla experiência com a prática do rolimã.
		Locais diversos da	Divulgação restrita	Intermitente -	Predominante adulto, do

Corujões	Rolimã das Gerais e Rolimã BH Minas	RMBH com grande prevalência na Av. Américo Vespúcio e na Av. Agulhas Negras, em Belo Horizonte.	em determinados grupos de mensagens	acontece de acordo com a disponibilidade de seus organizadores.	gênero masculino e uma ampla experiência com a prática do rolimã.
GP's	Rolimã BH Minas	Locais diversos da RMBH com grande prevalência no Morro do Cavalo Doido, em Brumadinho.	Ampla divulgação através de redes sociais e grupos de mensagens	Intermitentes - de acordo com a disponibilidade de seus organizadores.	Predominante adulto, do gênero masculino e uma ampla experiência com a prática competitiva do rolimã.

Fonte – Próprio autor

4. O ROLIMÃ E A CIDADE

Nesse momento, volto minha atenção para questões manifestadas em campo que podem nos ajudar a compreender o movimento do rolimã da RMBH a partir de primas filosóficos, políticos, sociais, econômicos e históricos. Para tanto, estabeleço um diálogo com pesquisas, autores e conceitos que contribuem para uma análise mais adensada sobre as formas de viver e habitar em um ambiente citadino. Nesse sentido, destaco alguns conceitos elaborados por Ingold (2015), em sua obra “Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição”. Segundo o autor, o primeiro paradigma a ser superado é a noção de que vivemos em “lugares que existem no espaço” (INGOLD, 2015; p.296), onde o primeiro está contido no segundo, em um entendimento estático de contenção, limites e demarcações territoriais. Para Ingold, a existência humana na terra é situante, ou seja, não se define por lugares, mas por caminhos percorridos.

Prosseguindo ao longo de um caminho, cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó. **Lugares, então, são como nós**, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação. Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro da casa tanto quanto fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós. **Juntos eles formam o que chamei de malha**. Os lugares, em suma, são delineados pelo movimento, e não pelos limites exteriores ao movimento (INGOLD, 2015, p.302, Grifos nossos).

Ao analisar o “movimento” do rolimã na RMBH, é preciso identificar os “nós” e entrelaçamentos estabelecidos nessa prática, por sujeitos que constituem e são constituídos em uma vasta e densa “malha” urbana. Em outras palavras, o propósito do capítulo é localizar os atravessamentos que o objeto de estudo em questão estabelece com a dinâmica urbana, de uma região metropolitana complexa, polissêmica e contraditória, como a de Belo Horizonte.

4.1. As mulheres do(no) rolimã

Como descrito anteriormente, os “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s” de rolimã da RMBH possuem dinâmicas e propósitos bastante distintivos. Por isso, as pessoas que participam desses eventos também se diferenciam em inúmeros aspectos. Há pilotos que frequentam apenas “rolês”, treinos preparatórios e “gp’s” em locais ermos, com pistas longas e íngremes. Por outro lado, existem famílias que participam apenas de alguns “encontros” realizados na região centro-sul de Belo Horizonte, com pistas suaves e curtas. Seria temerário afirmar que a caracterização de tais públicos seja determinada apenas pelo formato e/ou localidade dos eventos. Questões sociais, econômicas, étnico-raciais, de gênero, entre outras, certamente influenciam e conformam tais quóruns. Nesse sentido, avalio que o engajamento e as formas de participação das mulheres em tais eventos constituem alguns dos aspectos mais relevantes a serem analisados.

Nos eventos realizados em locais longínquos, como os rolês; de madrugada, como os corujões, ou com propósito competitivo, como os gp’s, a presença de mulheres é sempre menor ou inexistente. No entanto, Neusa (48) é uma exceção a essa regra, pois participa frequentemente de tais eventos, mesmo sendo, na maioria das vezes, a única mulher entre os homens. Apesar de ter se legitimado entre os pilotos de competições e enfrentado ladeiras extremamente desafiadoras (ex.: Morro do Cavalo Doido), Neusa não é reconhecida como uma piloto competitiva. Isso fica evidente quando os eventos de rolimã são repercutidos em grupos de mensagem e algum homem tenta tripudiar com outro, dizendo que “fulano perdeu até pra Neusa”. Tais comentários são feitos em ambientes onde há pouco espaço para discussão de comportamentos machistas e, por conseguinte, alguns homens sentem seguros para perpetrar condutas sexistas. Vale ressaltar que tais atitudes são mais recorrentes em grupos cuja prática do rolimã tem um viés competitivo. Outrossim, comportamentos similares podem ser observados em práticas como o skate de rua que possui, assim como o rolimã, uma presença predominante historicamente de homens. Além da violência simbólica, Figueira e Goellner (2009) afirmam que a invisibilidade das mulheres nessa prática é resultado não de sua ausência nesse esporte, mas, fundamentalmente, da construção de uma rede discursiva que as posiciona nas margens seja no passado, seja no presente.

No entanto, ao enfrentar desafios físicos (ladeiras íngremes) e também simbólicos (comentários pejorativos) Neusa conquista para si acesso a lugares e experiências que outras mulheres ainda não possuem. Ao fazer isso, de forma intencional ou não, pavimenta um acesso feminino em um ambiente competitivo, onde a prática do rolimã é majoritariamente masculina. Segundo Perrot (2014), historicamente a cidade caracterizou-se pela conquista de espaços de sobrevivência, pela constituição de redes de solidariedade feminina e por uma crescente participação das mulheres na vida pública. Tais conquistas são resultados de lutas coletivas feministas, que se intensificaram desde a última metade do século XX, mas também por ações individuais de mulheres que, historicamente romperam barreiras e superaram inúmeros paradigmas excludentes. Do insistente acesso de Simone de Beauvoir à Biblioteca Nacional em Paris, ao inédito bacharelado de Julie Daublié em 1891, Perrot (2014) narra, a partir do contexto parisiense, inúmeros fatos históricos de desconstrução de paradigmas sexistas e expansão de acesso feminino em diversas searas, da política ao esporte moderno.

Para além dessa presença feminina, ainda incipiente, mas simbolicamente importante entre os pilotos dos eventos competitivos, destaco também outras formas de participação das mulheres, que se manifestam de forma silenciosa e perimetral, mas relevante e necessária. Quanto maior o evento, mais valorosa é participação feminina. Além de cuidarem das crianças menores e da alimentação, muitas atuam diretamente na organização do evento, registrando a pontuação das baterias, fazendo a comunicação entre os pontos de largada e chegada e dirigindo os caminhões que levam os pilotos e seus carrinhos até o topo das ladeiras. A princípio, essas funções podem aludir a condições conhecidas em diversos contextos sociais e históricos, de subserviência da mulher em relação ao homem. No contexto brasileiro, por exemplo, entre os séculos de XIX e XX, as mulheres são investidas de funções como guardiãs do espaço familiar, responsáveis pelo cuidado da casa e da educação dos filhos, onde a rua é tida como local de desvio no desenvolvimento de uma identidade feminina (GOMES; GOUVÊA, 2008). Entretanto, o que o contexto de pesquisa apontou foram relações de poder e agência bem mais complexas do que a cultura do patriarcado que, em nosso país, se revelou outrora.

Além de efetivamente viabilizarem boa parte da logística e organização de alguns eventos, a participação dos homens em “encontros”, “rolês”, “corujões” e

“gp’s”, depende quase sempre do consentimento de suas mulheres. Nos grupos de mensagem, quando um homem não comparece a um determinado evento de rolimã, geralmente atribuem tal ausência, em tom jocoso, ao não consentimento de sua companheira. Apesar de isso acontecer em forma de “zoação”, muitas vezes o motivo é exatamente esse, e alguns homens inclusive admitem isso publicamente. Além disso, a abstenção de alguns homens em eventos competitivos, por vezes, acontece de forma consensual. Por julgarem não ser ambientes propícios as suas esposas e filhos, muitos ex-pilotos abandonam o rolimã competitivo para frequentar apenas “encontros” e eventos mais inclusivos, onde crianças e mulheres podem efetivamente usufruir da prática do rolimã.

Sobre esse aspecto, vale destacar o relato de Pardal, um senhor sexagenário, que narrou seu afastamento das pistas de competição, em um dos “encontros” do Mineirão. Naquela noite, o ex-piloto de rolimã estava acompanhado de seus três filhos (um menino de nove, outro de 14 e uma jovem de 17 anos) e esposa. Quando me contou de seu passado como triatleta amador, disse que, no momento e que havia se tornado pai pela primeira vez, as viagens e longos treinos exigidos pela modalidade, passaram, gradativamente, a perder sentido. Após abandonar o Triátlon, resolveu voltar para o Judô, modalidade que havia praticado na infância e adolescência, para promover um engajamento esportivo nos filhos. Chegou a receber um convite de um amigo para fazer *motocross*, mas como se trata de uma modalidade que não incluía a família, resolveu declinar. Sobre o rolimã, não estava atualmente muito presente nos “encontros” e “rolês” de final de semana, pois preferia estar com seus familiares. Naquela noite, seus meninos estavam devidamente trajados com uniformes personalizados de uma equipe de rolimã e com seus respectivos carrinhos. Pardal informou ainda que, além daqueles carrinhos, cada um de seus filhos possuía também uma “nave”, modelo de carrinho utilizado apenas por pilotos de competição.

Na prática do skate, Machado (2013) observa que as relações entre homens e mulheres se revelam de diversas formas, como por exemplo, a ocupação majoritariamente masculina dos obstáculos centrais nas pistas de skate do centro de São Paulo. Apesar disso, o autor afirma que as mulheres não aceitam passivamente esses lugares marginais em que são colocadas e essa produção discursiva que as representa como inferiores e menos capacitadas. Com efeito, a mobilização feita pelo skate feminino em todo mundo tem surtido efeitos concretos, tal como o

anúncio da organização dos X Games – um dos maiores e mais importantes eventos do mundo – que revelou, a partir de 2008, uma premiação equânime para homens e mulheres (MACHADO, 2013). No rolimã, a primeira impressão que se tem é que os homens são os grandes protagonistas. Porém, o que foi possível perceber em campo, é que esses supostos lugares coadjuvantes ocupados pelas mulheres, conferem a elas, de forma discreta, certa influência e poder nesse movimento do rolimã na RMBH.

No entanto, é válido fazer aqui uma ressalva no que diz respeito aos limites e entraves metodológicos revelados em campo, sobre esse aspecto. Na condição de um *outsider*, adulto, do gênero masculino, meu acesso aos sujeitos, locais e práticas apresentadas no contexto de pesquisa não se mostrou dificultado, pois a presença de homens adultos em quase todos os eventos era significativa, ou às vezes, majoritária. Entretanto, participar de uma roda de conversa de mulheres ou estabelecer um diálogo mais detido com alguma participante dos eventos era tarefa praticamente proibitiva. O meu acesso a elas se dava em conversas em grupos maiores ou acompanhadas dos maridos e das crianças. Tal como relatado em Coelho (2011), ao fazer pesquisa *sobre e com* as crianças pataxó, minhas primeiras lições em campo foram relacionadas às formas mais apropriadas de relacionar com as mulheres da aldeia. Naquele contexto, aprendi que “acompanhar uma mulher casada com os olhos, fazer visitas a sua casa sem a presença do marido ou mesmo transitar a sós com uma mulher pela aldeia” (COELHO, 2011, p.112) eram atitudes desaconselháveis a um homem, principalmente um “de fora”. Nos eventos de carrinho de rolimã, procurei assumir um comportamento mais reservado em relação às mulheres, pois a efemeridade do campo não contribuía para construção de relações sólidas o suficiente para uma aproximação segura. Nesse sentido, assumo os limites e as lacunas das análises apresentadas aqui sobre a presença das mulheres nesse movimento, mas entendendo isso como um fator inerente à incompletude do fazer etnográfico.

4.2. A cidade como lugar de disputas

Tal como as mulheres constroem diferentes formas de acesso e apropriação da/na prática do rolimã, o próprio movimento que se estabelece na última década,

na RMBH, revela inúmeros enfrentamentos, disputas e restrições impostas pelo ordenamento de órgãos, instituições e agentes urbanos.

Nos “encontros” realizados no Mineirão, isso se revela de forma subliminar. O acesso e uso da esplanada são regulados pela administradora do estádio e, por ser uma concessão de um espaço público³², não permite à administradora estabelecer restrições arbitrárias às pessoas e práticas ali desenvolvidas. No entanto, são observáveis algumas formas de resistência e desestímulo ao uso desse lugar. Um exemplo bem evidente disso foi a colocação dos gradis na rampa de acesso, entre os portões C e D do estádio, onde são realizados os “encontros” de rolimã. Eles foram introduzidos em novembro de 2020, com o propósito de gerar um ziguezague na rampa e reduzir a velocidade das bicicletas, patins, skates, carrinhos de rolimã e demais práticas que ali se desenvolvem. Segundo alguns frequentadores dos “encontros” de rolimã, essa interferência havia sido motivada por um acidente grave ocorrido com um ciclista que descia a rampa em alta velocidade. Apesar de a intenção ser plausível, para os “encontros” de rolimã, tal intervenção se mostrou contraditória, pois o ziguezague obrigatório estabelecido pelo desenho arbitrário das grades trouxe uma imprevisibilidade maior no trajeto dos carrinhos e isso aumentou a chance de colisão entre eles durante as descidas.

Além disso, os gradis impossibilitaram que as pessoas executassem o rito de subida com os carrinhos de forma enfileirada, no canto esquerdo da pista. Conseqüentemente, os fluxos de subidas e descidas passaram a se interpor no trajeto sinuoso dos gradis, deixando a dinâmica dos “encontros” caótica e aflitiva. Essa intervenção também impactou no número de pessoas durante as descidas, que foi reduzido para se adequar a limitação imposta ao espaço. Os integrantes das equipes se mostraram indignados com essas mudanças e as reações foram diversas. Em um primeiro momento, houve tentativas de burlas, empurrando-se as

³² Segundo o site do governo do Estado de Minas Gerais, a Parceria Público Privada (PPP) do Mineirão foi celebrada em 2010, entre o Núcleo Gestor das Copas, a Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (Seplag) e a Concessionária Minas Arena Gestão de Instalações Esportivas S.A. A concessão previa a operação e manutenção do Complexo do Mineirão, precedida de obras de reforma e adequação do Estádio Governador Magalhães Pinto, com o objetivo inicial de preparar o espaço para ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 e vigência contratual de 27 anos. As principais obrigações da Concessionária envolvem a garantia de condições de acesso, circulação e segurança, promoção e supervisão de atividades artísticas, musicais e esportivas, além de melhoria da visibilidade do gramado, modernização de vestiários, banheiros, assentos, estacionamentos e áreas comuns. A remuneração recebida pela concessionária está diretamente ligada ao padrão dos serviços oferecidos para a gestão e manutenção do estádio. Acesso em 27/06/2022, pelo site <http://www.ppp.mg.gov.br/projetos/contratos-assinados/mineirao>

grades, para abrir espaços no centro da pista, mas a reação dos seguranças da esplanada foi imediata, no sentido de reorganizar a estrutura e advertir algumas pessoas³³. Alguns integrantes das equipes de rolimã chegaram a cogitar a possibilidade de formalizar uma reclamação junto à administradora do estádio. Outros, em tom de renúncia, ameaçavam não retornar mais ao Mineirão. Neuza, uma assídua participante dos “encontros”, desabafou: “eu não gosto de descidinha não, eu gosto de corrida. O Mineirão acabou!”

Outra reclamação recorrente dos frequentadores dos “encontros” de rolimã no Mineirão são os buracos da pista, localizados especificamente em um trecho de curva da rampa. Essa falha no piso estava presente desde o início dos trabalhos de campo e, segundo as pessoas mais antigas nesses “encontros”, esse problema já se fazia presente há muito tempo. Para a prática do rolimã, os buracos, além de causarem quebras nos carrinhos, aumenta o risco de colisão para aqueles que se aventuram transpor pelo estreito trecho da curva que permanece intacto. Essa parte menos acidentada fica localizada próximo ao alambrado e não permite que dois carrinhos passem por ali simultaneamente e isso torna aquele local o mais propício a acidentes. Algumas intervenções na paisagem urbana podem dificultar ou promover determinados usos dos lugares da cidade. No sentido oposto ao que se vê no Mineirão, Machado (2012) relata que a substituição do tradicional piso de calçada portuguesa por uma superfície lisa de concreto, transformou a Avenida Paulista em um dos locais mais frequentados por skatistas na capital paulista.

Alguns integrantes das equipes e agremiações que frequentam os “encontros” do Mineirão entendem que a falta de manutenção naquele trecho esburacado da pista não seja consequência da ausência de recursos por parte da administradora do estádio, mas um desleixo intencional, no sentido de dissuadir os grupos que se encontram e utilizam aquele trecho da esplanada. Vale lembrar que, no contrato de concessão administrativa firmado entre o Estado de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (SEPLAG) e a empresa Minas Arena (Gestão De Instalações Esportivas S.A) estão previstas, no capítulo IV, cláusula 12^a, inciso 12.3. alínea t), as seguintes obrigações da administradora do estádio:

³³ É válido ressaltar que, mesmo não estando no local durante todo o período dos encontros, os seguranças são sempre acionados pela guarnição que fica observando pelas câmeras de vigilância. Munidos de rádios comunicadores e quadriciclos, a patrulha sempre se apresenta de forma ágil quando algo parece sair do normal.

manter e conservar todos os bens, equipamentos e instalações empregados na CONCESSÃO ADMINISTRATIVA em perfeitas condições de funcionamento, bem como reparar suas unidades e promover, oportunamente, as substituições demandadas em função do desgaste ou superação tecnológica, ou ainda promover os reparos ou modernizações necessários à boa execução e à preservação da adequação das atividades e serviços, conforme determinado neste CONTRATO (SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO, 2010, p. 15).

Isso significa que, intencional ou não, a longa permanência desses buracos na esplanada do estádio viola os termos contratuais firmados entre o Estado e a empresa contratada e os direitos dos usuários daquele espaço público de lazer da cidade.

Para além desse tensionamento entre os praticantes de rolimã e os funcionários de uma parceria público-privada, há de se destacar também a relação controversa que o movimento do rolimã estabelece com os agentes da segurança pública da cidade. Muitos pilotos das equipes de rolimã frequentam os “encontros” de rolimã do Mineirão, sobretudo para participar da “resenha”. Essa conversa acalorada que acontece no topo da pista por onde descem os carrinhos é alimentada por histórias experimentadas em outros “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”. Os eventos que mais rendem histórias para contar são os “corujões”. Por terem uma característica itinerante e acontecerem tarde da noite, esse eventos já produziram muitos acontecimentos inusitados, como tombos, contendas com moradores e repreendas de policiais. Essa relação com a polícia é bastante contraditória, pois ao mesmo tempo em que gera ameaças, advertências e multas, em algumas oportunidades, foi capaz de produzir concessões e relações de empatia.

Os corujões da Av. Américo Vespúcio elucidam bem essa relação. No início dessa via está situado o 34º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, exatamente onde os carrinhos costumam iniciar suas descidas. Quando os corujões começaram a acontecer naquele local, houve resistência por parte de alguns agentes da polícia militar. As advertências ocorriam em função do barulho causado pelos carrinhos aos moradores locais, mas também pelas possíveis infrações de trânsito cometidas pelas equipes no traslado de carrinhos e pilotos pelos carros de apoio. Com o passar do tempo, os frequentadores mais assíduos desses corujões criaram uma relação de proximidade com os policiais, que lhes garantiu um pleno acesso e uso

daquela via para a prática do rolimã. Essa concessão se constituiu de forma laboriosa e demandou tempo e assertividade por parte dos pilotos. Nesse sentido, para os frequentadores de rolês e corujões, alguns lugares da cidade, como a Av. Américo Vespúcio, se revelam como “nós” (INGOLD, 2015, p. 302) que se constituem pelas características da pista e se fortalecem nas relações ali estabelecidas. Porém, se isso foi possível naquele contexto, o consentimento e a empatia do poder público não é a regra que se repete em outros lugares da cidade.

4.3. A busca por reconhecimento e legitimidade

Esse lugar/tempo³⁴ em que a cidade frequentemente coloca a prática do rolimã repercute de diversas formas nessas pessoas que constituem esse movimento. A criação de grupos e equipes de rolimã promove um fortalecimento identitário entre os entusiastas dessa prática que, apesar de polissêmica e multifacetada, alimenta um desejo comum na busca por legitimidade e reconhecimento.

Uma das formas mais recorrentes que tais grupos adotam para divulgar a prática do rolimã é o registro de fotografias e vídeos nos “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”. Essa produção imagética é feita de maneira intencional e passa por processos que vão desde a aquisição de equipamentos próprios (ex.: câmeras de ação, que são afixadas nos capacetes dos pilotos), registro propriamente dito, edição (existem fotógrafos profissionais e até um repórter cinematográfico nos grupos de rolimã) e divulgação nas redes sociais. Nos grupos de mensagens, foram compartilhadas, apenas no primeiro semestre de 2022, mais de 2.049 arquivos de mídia no grupo “Rolimã BH Minas” e 583 no “Rolimã das Gerais”. Em fevereiro desse mesmo ano, houve uma longa discussão entre os integrantes do grupo “Rolimã BH Minas” sobre as estratégias que poderiam ser adotadas para se promover um aumento no número de adeptos à prática do rolimã. Inúmeras ações foram sugeridas, alguns posicionamentos divergentes emanaram, mas uma autocrítica feita por Leandro e reconhecida de forma unânime foi a necessidade de se ampliar os registros e divulgações de filmagens durante os eventos.

³⁴ Em alguns momentos o tempo, pois os corujões, por exemplo, precisam ser feitos de madrugada para se ocupar as ruas que ficam movimentadas durante o dia. Por outro lado, o lugar também é marginal, como no caso dos GP’s e rolês, feitos durante o dia, mas em locais ermos e afastados.

O desejo de legitimação e reconhecimento une pessoas, equipes e grupos, mesmo entre aqueles que se rivalizam, dentro do movimento do rolimã. Isso fica evidenciado quando surgem oportunidades de participação em eventos com grande repercussão midiática. Os dois maiores grupos de rolimã da RMBH, Rolimã das Gerais e Rolimã BH Minas já participaram de inúmeros eventos noticiados em mídias impressas, digitais, radiofônicas e televisivas. Ao longo dessa última década, esses grupos se distanciaram nos propósitos e maneiras de promoção dessa prática, mas, dependendo da repercussão, é possível vê-los participando de um mesmo evento, em prol da divulgação do rolimã. Isso ocorreu algumas vezes nas edições do “Mundialito de Rolimã do Abacate”, no bairro Salgado Filho, em Belo Horizonte; na primeira etapa da Copa Sudeste de Rolimã, em junho de 2022, no morro do Cavalão Doido, em Brumadinho; e, pela primeira vez, em julho de 2022, em um evento denominado Bop Games. Esse último reuniu competições de mais de 20 modalidades esportivas na esplanada do estádio do Mineirão. O carrinho de rolimã foi introduzido nesse evento como “oficina esportiva”. Isso significa que, ao contrário das demais práticas, o rolimã não foi ofertado em formato competitivo, mas experimental, para que as pessoas pudessem ter seus primeiros contatos com a prática.

No grupo Rolimã BH Minas, a busca por repercussão midiática se soma a um desejo de aproximação e reconhecimento do rolimã enquanto prática esportiva. A Federação Mineira de Carrinho de Rolimã (FEMCAR), apesar de não possuir registro legal como federação esportiva³⁵, é uma iniciativa paralela dos organizadores desse grupo em questão, com perfil próprio nas redes sociais, e com intuito de se criar uma entidade representativa da prática do rolimã. Ainda que juridicamente a FEMCAR não exista, suas ações se materializam na criação de eventos competitivos, definição de regulamentos, categorias e padrões para confecção de carrinhos. A transformação de jogos e brincadeiras em práticas esportivas é um fenômeno recorrentemente observado no período pós-moderno. Sobre isso, Ariès (1981, p.124. Grifos do autor) destaca que “na Inglaterra os fidalgos não abandonaram, como na França, os velhos jogos, mas transformaram-nos, e foi sob formas modernas e irreconhecíveis que esses jogos foram adotados

³⁵ As Federações Esportivas constituem-se na forma de associações, pela união de pessoas, clubes ou entidades esportivas que se organizam para fins não econômicos classificando-se portanto, como pessoas jurídicas de direito privado, nos termos dos artigos 44 e 53 do Código Civil de 2002.

pela burguesia e pelo 'esporte' do século XIX". Apesar de existir um evidente esforço de padronização de regras por parte dos entusiastas da prática competitiva do rolimã, não me arrisco a afirmar que isso representa categoricamente um rompimento com uma prática, outrora denominada de brincadeira, para assunção de um novo esporte. A organização de campeonatos, a definição de categorias, a formação de equipes e a busca por uma repercussão midiática endossam um esforço coletivo de legitimação de uma prática que constantemente é colocada às margens da sociedade.

Um dado que endossa essa estratégia de aproximação da prática do rolimã aos esportes, é a síntese feita por Renato, piloto da equipe Sapolândia, para explicar sua relação com os "encontros" do Mineirão: "aqui é o meu futebol, toda terça eu tô aqui". A comparação especificamente com o futebol não é gratuita. Segundo DaMatta (1982) o sucesso do futebol entre nós, se deve ao fato dessa prática moderna servir como privilegiado instrumento de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira, permitindo expressar uma série de problemas nacionais, alternando a percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos (ópio do povo). Além de ser um esporte amplamente praticado em nosso país, é exaltado a ponto do brasileiro esquecer sua origem inglesa e afirmar no dito popular "que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol" (DaMATTA, 1994, p.10). Ao comparar o rolimã com um símbolo nacional, Renato confere legitimidade a uma prática recorrentemente marginalizada na dinâmica urbana. Além disso, a prática futebolística no Brasil carrega consigo um simbolismo bastante particular em relação às demais atividade de lazer, influenciado por um viés competitivo que denota comprometimento e seriedade. Ao estudar o futebol de veteranos em espaços públicos da cidade de Porto Alegre, Stigger (1997) afirma que o jogo em si é bastante sério e muito voltado para a busca de vitórias, o que determina em muito as características do grupo que o pratica. Mesmo estando em seu tempo livre, o grupo de veteranos pratica um futebol cuja lógica se aproxima bastante do que é propalado pelo esporte de alto rendimento (STIGGER, 1997). Essa noção de "lazer sério" é amplamente explorada pelo sociólogo canadense Robert Stebbins, que o define como:

uma prática sistemática de amadores, hobistas ou voluntários, considerada substancial, interessante e gratificante, que em casos

típicos, os lança em uma carreira de lazer centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS, 2008, p.5, tradução própria).

Nesse sentido, associar o rolimã ao futebol é, em última instância, uma tentativa de aproximá-lo da prática de lazer no contexto brasileiro que mais se aproxima da noção de trabalho. Tais estratégias podem ser verificadas também entre outros grupos e práticas cidadinas.

Entre os skatistas da cidade de São Paulo, Machado (2012) identificou outras táticas de legitimação da prática do *street skate*³⁶, associando-a a dimensão do trabalho. Segundo o autor, quando são interpelados por seguranças ou guardas municipais, em locais onde a prática do skate é proibida, utilizam as câmeras e filmadoras como argumento para justificar que não estão ali “só de brincadeira”, mas fazendo “um serviço”, ou seja, produzindo filmagens para revistas especializadas de skate. Nesse caso, a associação explícita do skate ao trabalho remonta a uma construção ideológica predominante na prática social capitalista que supervaloriza o trabalho, pois o trata como elemento definidor das identidades e dos papéis assumidos na sociedade, sendo o denominador comum das pessoas (WERNECK, 1998).

Dessa forma, aproximar o rolimã às noções de “lazer sério” ou “trabalho” e atribuir a tal prática o status de “esporte” não é uma forma de descaracterizá-la, mas uma estratégia encontrada pelos adultos que “brincam”, “andam” e “pilotam” seus carrinhos de rolimã, para evitar constrangimentos e pré-julgamentos de uma sociedade capitalista e adultocêntrica, que sistematicamente distancia o brincar da vida adulta.

Neste capítulo, coloquei em relevo três aspectos estruturantes na relação entre o movimento do rolimã e a RMBH: o poder e a participação das mulheres nos eventos, as disputas das agremiações e equipes com os ordenamentos urbanos e a busca de legitimidade de uma prática marginalizada. Na sequência do texto, estabeleço diálogos e aproximações com outras etnografias urbanas com o intuito de estabelecer uma compreensão mais refinada sobre o processo de aprendizagem das crianças nas diversas formas de se experimentar a prática do rolimã.

³⁶ Segundo Machado (2012) o *street skate* é uma modalidade onde os skatistas percorrem trechos da cidade à procura de equipamentos urbanos como bancos, corrimãos, escadas canteiros, entre outros, para realizar suas manobras.

5. APRENDENDO A BRINCAR, ANDAR E PILOTAR

Até aqui, as expressões “brincar” e “andar” de rolimã foram utilizadas como sinônimas. No entanto, tais termos se distinguem nesse contexto de pesquisa. “Andar” é um termo nativo que se aproxima das ações de dirigir ou guiar, utilizado de forma mais recorrente e genérica. “Brincar” se refere a uma maneira lúdica e deliberadamente não-competitiva de experimentar a prática do rolimã. É comum as pessoas usarem esse termo de forma a atenuar o caráter competitivo do momento: “vamos descer, só pra brincar mesmo!” Por fim, acrescento também o termo “pilotar”, utilizado para se referir a sujeitos mais experientes e em contextos desafiadores, onde “piloto” e carrinho chegam a atingir (em alguns casos superar) os 100 km/h.

A partir desse momento, os termos “brincar”, “andar” e “pilotar” serão empregados de forma distinta, a fim de delinear os processos de participação, engajamento e aprendizagem das crianças com os carrinhos de rolimã nos eventos da RMBH. Vale ressaltar que, para compreender tais processos entre as crianças, muitas vezes foi necessário observar e descrever as relações estabelecidas entre os adolescentes, jovens, adultos e idosos, pois nos contextos em que as crianças estavam inseridas, nunca estavam sozinhas, sempre em relação com os demais sujeitos de pesquisa. Tal como destacam Schuch, Ribeiro e Fonseca (2014, p. 214), as noções hegemônicas sobre “criança” e “infância” assim, no singular, são resultado de divisões imaginárias entre os “mundos dos adultos” e o “mundo das crianças” que não se concretizam nas interações cotidianas das quais as crianças participam, nas escolhas familiares e nas interpretações e negociações entre diferentes atores, inclusive das próprias crianças. Dessa forma, para compreender os processos constituintes do “brincar”, do “andar” e do “pilotar”, destaco a importância de uma análise com o enfoque na relação, e não no grupo etário, para compreender as diferentes formas de experimentação da prática do rolimã. Para tanto, invisto em produções antropológicas que convergem para um entendimento das aprendizagens como processos socialmente situados, onde a noção de social não se restringe aos agentes humanos, e na desconstrução do dualismo entre teoria e prática.

5.1. Relações estruturais e cambiantes

Pela fluidez e efemeridade dos contextos de investigação, os sujeitos da pesquisa aparecem com frequências e formas de participação bem distintas. Apesar das inúmeras participações episódicas, alguns sujeitos (crianças e adultos) assumiram lugares cruciais como interlocutores da pesquisa. Nesse sentido, destaco as relações, regularidades, constâncias e confluências nos processos de aprendizagem e participação das crianças nos eventos de carrinhos de rolimã, sem deixar de considerar também os conflitos, contradições, inconsistências e divergências, inerentes a esses processos.

A família de Eduardo, organizador dos “encontros” da Praça do Papa e do Buritis, contribuiu de maneira significativa para um entendimento de como a aprendizagem da prática do carrinho de rolimã pode ocorrer ao longo de um percurso histórico entre gerações. Além de Eduardo, sua mãe também brincou de carrinho de rolimã durante a infância. Mesmo antes de se tornar um negócio, o brinquedo configurava como legado na família. Em 2019, com uma fabricação e venda de carrinhos ainda incipientes, alguns modelos foram produzidos e testados por Eduardo e seus familiares. A época, sua filha Bárbara tinha três anos e o caçula Bruno menos de um. Com o carrinho próprio, feito com as dimensões adequadas para o seu tamanho, a menina já andava com autonomia e desenvoltura. Alguns meses depois, Eduardo fabricou um carrinho exclusivo para Bruno, que ainda não tinha estatura apropriada para usar o carrinho 3+ (30cm de largura e 60cm de comprimento), o menor dos modelos fabricados por ele (FIGURA 14).

Figura 14 - Bárbara e Bruno com seus respectivos carrinhos



Fonte – Arquivo pessoal de Eduardo

Para além do desejo de transmitir um legado de família, a construção dos carrinhos revela uma intenção deliberada de Eduardo de viabilizar a aprendizagem dessa prática aos seus filhos. Esse incentivo, materializado na construção de carrinhos com medidas personalizadas alude ao conceito de *affordance*, proposto por Gibson (2014). Esse termo é uma derivação do verbo em inglês *afford* (proporcionar), proposto pelo autor, com o intuito de colocar em destaque às relações entre contexto e indivíduo, onde determinadas características do primeiro, se relacionam e influenciam o segundo. Para compreender melhor o conceito, Gibson (2014) exemplifica:

A espécie humana em algumas culturas tem o hábito de sentar, diferentemente de ajoelhar ou agachar. Se uma superfície de suporte com as quatro propriedades (horizontal, plano, estendido e rígido) também estiver na altura do joelho acima do solo, é possível sentar-se nela. Chamamos isso de assento em geral ou banquinho, banco, cadeira e assim por diante. Pode ser natural como uma saliência no solo ou artificial como um sofá. Pode ter vários formatos, desde que a sua disposição funcional seja a de um assento. A cor e a textura da superfície são irrelevantes. A altura do joelho para uma criança não é

a mesma coisa que a altura do joelho para um adulto, então a disponibilidade é relativa ao tamanho do indivíduo (GIBSON, 2014, p.128, tradução própria).

Nesse sentido, a noção de suporte (ou incentivo) proposta por Gibson (2014) constitui um elemento físico que viabiliza uma determinada ação. As propriedades desses elementos são fundamentais para a constituição de sua função, que por sua vez estão intimamente ligadas aos sujeitos com quem estabelecem essa relação. No exemplo supracitado, o que funciona como cadeira para um adulto, possivelmente não exerce adequadamente a mesma função para uma criança. Da mesma maneira, o carrinho de rolimã só exerce plenamente seu propósito se for concebido conforme o tamanho adequado ao seu usuário.

Para além da materialidade do carrinho, algumas atitudes podem contribuir significativamente para a aprendizagem dessa prática. Bárbara (3 anos), quase sempre acompanha seu pai nos “encontros” e, através das redes sociais de Eduardo, é possível inferir que, além desses momentos, a menina disfruta de várias oportunidades em seu cotidiano familiar para “andar” de rolimã. Por isso, durante os “encontros” ela fica pouco tempo efetivamente andando no carrinho. É comum vê-la circulando com liberdade e brincando de diversas maneiras: jogando bola, andando de patinete, brincando de boneca, entre outras. O carrinho de rolimã não é uma obrigação naquele momento, pois é sabido por ela que sempre terá oportunidades futuras para “andar” de rolimã. Sobre esse aspecto, o trabalho de Gomes e Faria (2015) sobre a aprendizagem do futebol no Brasil nos indica que, quando uma prática está inserida no cotidiano de uma criança, a recorrência e as variadas formas de acesso constituem a prática e produzem os praticantes. Fundamentadas no conceito de LPP de Jean Lave, as autoras apontam que:

poderíamos afirmar, então, seguindo Lave, que o que permanece e reorienta o conceito é a noção de participação e a recorrência que essa participação pode alcançar em função das variadas formas de acesso às práticas. O que passamos a considerar então seria essa contínua exposição ao futebol – ou participação na prática futebolística – buscando registrar essa participação nos diferentes contextos onde ela se explicita, ou se dá a ver, para registrar o movimento dos praticantes, esse moto contínuo que produz a prática, ao mesmo tempo em que a prática produz os praticantes (GOMES; FARIA, 2015, p.1219).

Essa exposição contínua à prática do rolimã oferece a Bárbara múltiplas oportunidades de engajamento, experimentação e aprendizagem.

Outro comportamento que merece destaque é a possibilidade de a criança descer no carrinho de rolimã no colo de um adulto ou de outra criança mais experiente. Mesmo antes de conseguir dar seus primeiros passos, Bruno já havia descido inúmeras vezes as ladeiras dos “encontros” de carrinho de rolimã sentado no colo de seu pai e de sua irmã (FIGURA 15).

Figura 15 - Bruno andando de rolimã do colo da irmã e do pai



Fonte – Arquivo pessoal de Eduardo

Essa atitude possibilitou uma experiência com o carrinho, antes mesmo de o menino ter autonomia suficiente para guiá-lo. Em um “encontro” no Buritis, Eduardo comentou: “o Bruno não pode me ver sentando no carrinho, que vêm correndo pra sentar no meu colo”. Assim como sua irmã, Bruno participa e experimenta essa prática através de uma gama diversificada de acessos. De maneira similar, Stephens e Delamont (2010) descrevem o processo de aprendizagem na capoeira. Segundo os autores, há ao menos seis habilidades básicas que os aprendizes devem aprender para progredir nessa prática: “os ritmos musicais, as canções, a etiqueta da roda, o humor, a malícia e o axé” (STEPHENS; DELAMONT, 2010, p. 114, tradução própria). Boa parte dessa aprendizagem não ocorre durante as aulas, mas no momento da roda³⁷, quando os aprendizes, mesmo não se arriscando no

³⁷ Um momento onde os participantes (jogadores) se reúnem em círculo, cantando músicas, batendo palmas e tocando instrumentos, para que, em disputas um a um, os participantes possam jogar (duelar), em um rito que se assemelha a uma mistura de dança e luta corporal.

jogo propriamente dito, participam batendo palmas e cantando, em um rito que proporciona experiências fundamentais para aprendizagem da capoeira (STEPHENS; DELAMONT, 2010). Assim como na capoeira, há diversas formas de participação e aprendizagens na prática do rolimã, que não envolvem necessariamente a condução propriamente dita do carrinho. No colo de seu pai, Bruno pode não desempenhar uma agência plena da tarefa em função de sua condição inicial de aprendiz, mas ao demonstrar um semblante tranquilo durante a descida, revela certa familiaridade com a sensação de velocidade, associada à trepidação do carrinho e ao barulho dos rolimãs no asfalto, comportamento essencial para a aprendizagem dessa prática.

Essas múltiplas formas de participação e engajamento estão associadas a um desejo próprio de participar, se integrar e, conseqüentemente, aprender a tarefa. Quando o interesse não se origina no aprendiz, um comportamento entendido *a priori* como incentivo, pode se configurar como uma atitude forçosa e constrangedora. Em duas oportunidades, com sujeitos e em momentos distintos, pude presenciar pais (homens) insistindo para que seus filhos (meninos) experimentassem a descida nos carrinhos em seus colos. Em ambas as situações, houve uma recusa seguida de choro por parte dos meninos. Além do desfecho constrangedor, essas cenas têm outro aspecto em comum, o fato de terem sido protagonizadas por pais e filhos do gênero masculino.

Brougère (2010) afirma que é preciso romper com o mito da brincadeira natural, pois a criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Nesse sentido, é válido ressaltar que, apesar de existir uma presença significativa de meninas e mulheres nos “encontros”, a prática do carrinho de rolimã é historicamente concebida e relacionada à constituição do *ethos* masculino. Enquanto o universo lúdico feminino está atrelado ao contexto da família e do cotidiano, “o do menino, que começa, sem dúvida com a miniatura do automóvel, traduz a vocação para a descoberta dos espaços longínquos, escapando do peso do cotidiano” (BROUGÈRE, 2010, p.21). Por isso, o interesse dos meninos pelo carrinho de rolimã passa por uma influência social mais abrangente que, por vezes, não aceita recusas ou comportamentos divergentes. As cenas narradas anteriormente precisam ser compreendidas não apenas como fatos coincidentes e isolados, mas como resultado de um processo de coerção social mais abrangente. Nesse sentido, a aprendizagem

da prática do carrinho de rolimã é constituída a partir de expectativas sociais bem distintas para meninos e meninas.

Além de Bárbara e Bruno, pude acompanhar a trajetória de aprendizagem e engajamento de outros dois informantes que protagonizaram os trabalhos de campo. Benjamin e André nasceram em 2014, são ex-colegas de classe e iniciaram suas histórias com o carrinho de rolimã em 2019, nos “encontros” da Praça do Papa. Atualmente não estudam mais na mesma escola, mas estão sempre se encontrando para “brincar” “andar” e “pilotar” seus rolimãs. O interesse mútuo por essa prática não é gratuito. Assim como Bárbara e Bruno, os meninos também receberam uma influência geracional importante.

Henrique, pai de Benjamin, e Daniel, pai de André, são aficionados por automobilismo. O primeiro esteve presente em Interlagos, acompanhando o grande prêmio do Brasil de Fórmula 1 em diversas oportunidades. Aos finais de semana, não abre mão de acompanhar pela televisão os treinos e provas dessa modalidade que acontecem ao redor do mundo. Em seu braço direito possui uma tatuagem que faz alusão a essa modalidade esportiva. Daniel, além de fã, é um experiente praticante de automobilismo. No kart, participou de campeonatos, viajou em caravanas para pilotar em pistas de outras localidades no país e treina frequentemente em um autódromo em Vespasiano, município da RMBH.

Nesses contextos familiares, onde a admiração pelo automobilismo é algo em comum, o carrinho de rolimã surgiu como uma opção ideal de lazer para estas famílias, pois ao mesmo tempo contempla um desejo dos adultos e fortalece um interesse entre os meninos. Nos casos de Benjamin e André, essa herança lúdica não foi imposta ou colocada de maneira abrupta. Desde os primeiros contatos com os carrinhos, os meninos demonstraram um interesse legítimo, não necessariamente original, pela prática.

Os “encontros” organizados por Eduardo na Praça do Papa compuseram o cenário ideal para a iniciação dos meninos. A pista, além de ser uma rua fechada para o trânsito de carros, é relativamente curta (aproximadamente 70m) e com leve declive. Logo nos primeiros “encontros”, os pais compraram os carrinhos fabricados por Eduardo para seus filhos, com tamanhos adequados às suas estaturas e estampas personalizadas. Algum tempo depois, foram os pais que adquiriram seus próprios carrinhos, o que proporcionou uma experiência lúdica conjunta entre pais e

filhos. Vale destacar que, no caso de Benjamin, além do pai, Juliana, sua mãe, também o acompanha nos “encontros” e possui carrinho próprio.

Figura 16 - Benjamin (à esquerda) e André (à direita) com seus carrinhos



Fonte – Arquivo pessoal de Henrique

Com incentivos materiais (carrinhos próprios), miméticos (participação efetiva da família na prática) e simbólicos (desejo dos pais) Benjamin e André construíram um progressivo engajamento com a prática do carrinho de rolimã. Em 2020, em decorrência do fechamento da Praça do Papa, devido à pandemia do Coronavírus, os meninos passaram a frequentar os “encontros” do Buritis. Nesse local, novos desafios e oportunidades se apresentaram aos meninos. A rua, de trecho mais longo (1ª parada 115 metros e 2ª parada 205 metros) e declive mais acentuado, trouxe

para os meninos o desafio de experimentar velocidades maiores com os carrinhos. Com isso, novas oportunidades de aprendizagem também surgiram. Inicialmente, a utilização dos freios foi essencial, pois permitiu um reconhecimento desse novo trajeto, um aumento gradativo na velocidade das descidas, o desenvolvimento de algumas técnicas e a aprendizagem de novas manobras. De junho a outubro de 2020, Benjamin e André refinaram suas habilidades com os carrinhos de rolimã nesse novo ambiente.

Em um “encontro” do Buritys, quando estava me preparando para ir embora, Eduardo começou a ensinar a Benjamin (5 anos), André (5 anos) e Raí (7 anos) a fazerem o “zerinho de costas”. Essa manobra consiste em descer com o carrinho de costas, para em seguida dar uma guinada brusca pra um dos lados, fazendo com que o carrinho dê um giro de 180° e retorne à posição de frente. O primeiro a conseguir realizar a tarefa com maestria foi Benjamin. Após uma ou duas tentativas, o menino fez o zerinho com autonomia. André e Raí demoraram um pouco mais, mas após algumas tentativas, o mais novo conseguiu executar a manobra com certa destreza. A reação do menino, logo após conseguir tal feito, foi olhar para todos nós, para se certificar que havíamos visto. Em seguida, logo após outra manobra bem-sucedida, perguntou exclamando: “-Você viu!? Gostou do meu zerinho?”

Raí, apesar de mais velho, é ainda neófito na prática, por isso demorou um pouco mais até conseguiu executar alguns zerinhos de forma satisfatória. Ele demonstrava nítida insegurança em descer de costas. Tanto ele, quanto André, tinham mais dificuldade em manter a descida de costas em linha reta. Somado a isso, Raí não estava à vontade para deixar o carrinho ganhar embalo e usava o freio para reduzir a velocidade. Eduardo disse a ele diversas vezes: “- Você tá puxando o freio, não pode frear!” Era preciso deixar o carrinho pegar certa velocidade para conseguir realizar a guinada de forma rápida, pois só assim o carrinho faria o giro característico da manobra.

No final do ano, nos meses de novembro e dezembro de 2020, Benjamin e André se viram diante de outro desafio, o Mineirão. Além de trechos maiores (190 metros e 285 metros) os “encontros” na esplanada desse estádio reúnem pessoas de diversas idades e localidades da cidade. De famílias a equipes de competição, esse local recebe pessoas com experiências diversas, mas desafia os aprendizes a compreenderem a dinâmica peculiar que se estabelece ali, em torno da prática do rolimã. Apesar de aprendizes nesse “encontro”, Benjamin e André já possuíam um

histórico com prática. Ao poucos os meninos perceberam o ambiente, ajustaram suas ações e se legitimaram como praticantes habilidosos. Esse processo de aprendizagem deve ser compreendido mais pela “noção de participantes cambiantes na prática em curso, do que por pressuposições naturalizadas sobre aquisição de conhecimentos” (LAVE, 2015, p. 40). Isso significa que, Benjamin e André não adquiriram conhecimentos acerca do rolimã, mas aprenderam na/com a prática, o que “envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo” (LAVE, 2015, p. 41).

Como tratado em capítulos anteriores, no Mineirão os “encontros” têm características peculiares, que exigem de seus participantes a aprendizagem de algumas regras e comportamentos particulares àquele contexto. Pude assistir uma cena que evidenciou o contraste entre a experiência de Benjamin (5 anos) e Marcelo (11 anos). Apesar de mais novo, Benjamin já andava de rolimã desde 2019 e Marcelo estava em seu terceiro “encontro” de rolimã. Ao contrário de Benjamin, que começou na Praça do Papa, depois no bairro Buritis, para então chegar ao Mineirão, Marcelo foi introduzido em suas primeiras descidas já na esplanada. Apesar de aparentemente terem níveis de habilidade semelhantes com o rolimã, havia algumas diferenças entre eles. No dia em que Marcelo completava seu terceiro “encontro” de rolimã, quando desciam em uma disputa muito acirrada, Marcelo e Benjamin se chocaram. O fato ocorreu porque ao chegarem próximo do trecho final da pista, Marcelo, que estava um pouco à frente, resolveu fazer um “zerinho” para parar seu carrinho. Benjamin, que vinha disputando a corrida com ele, estava logo atrás e não conseguiu evitar o choque. Logo após o ocorrido, Benjamin advertiu Marcelo de que ele não deveria fazer a manobra sem antes olhar pra trás. Tal conhecimento revela que a habilidade de guiar um rolimã envolve diversos aspectos. Além da condução propriamente dita do carrinho, o conhecimento sobre o traçado da pista, o momento certo de frear, entre outras habilidades, Benjamin chamou a atenção para a necessidade de saber se posicionar em relação aos demais participantes. Essa percepção demanda tempo e experiências prévias, pois para saber quando se aproximar ou se afastar de seu oponente é preciso fazer uma leitura rápida e minuciosa do ambiente, além de uma tomada de decisão que requer uma antecipação das ações de outrem.

Poderíamos aproveitar o conceito de direção defensiva para denominar essa habilidade demonstrada por Benjamin. O manual de direção defensiva do

Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) define direção defensiva como uma forma de dirigir, que permite ao condutor reconhecer antecipadamente as situações de perigo e prever o que pode acontecer consigo, com seus acompanhantes, com o seu veículo e com os outros usuários da via (DENATRAN, 2005). Além disso, o manual acrescenta que aprender os conceitos da direção defensiva e usá-los com eficiência implica em dirigir sempre com atenção, para poder prever o que fazer com antecedência e tomar as decisões certas para evitar acidentes. Associando esse conceito definido pela legislação brasileira à noção de aprendizagem descrita por Ingold (2000), aprender a guiar um carrinho de rolimã implica um contínuo processo de educação da atenção, onde o condutor precisa levar em consideração não apenas suas próprias ações, mas a resposta do carrinho, e a interação que esse conjunto (sujeito/objeto) estabelece com o ambiente e os demais sujeitos. No Mineirão, diferentemente do código de trânsito brasileiro, as regras não são explicitadas de antemão e requerem uma percepção apurada de seus participantes. Além disso, nestes “encontros” de rolimã, o processo de engajamento não se dá por meio de aulas, cursos ou testes de habilitação. A inserção do aprendiz se dá de forma intencional, pois pressupõe um interesse pela prática, e gradativa, pois requer uma observância da/na prática e dos regramentos que a organizam. A desconsideração de tais normas e condutas nesses “encontros”, assim como, guardadas as proporções, no trânsito das cidades brasileiras, podem ter consequências graves³⁸, como ferimentos importantes e fraturas. Nesse contexto, aprender pressupõe fazer. Como destaca Lave (2015), o “aprendiz” não é alguém que não sabe e que aprende com alguém que sabe. Ao contrário, os aprendizes estão engajados em aprender o que eles já estão fazendo, em um processo multifacetado, contraditório e iterativo.

Tal entendimento remete à uma situação em campo vivenciada com Joaquim, um menino de seis anos, corpo franzino e fala muito desenvolta. A primeira vez que o encontrei foi em um “encontro” na Rua dos Americanos, bairro Milionários, região do Barreiro, em Belo Horizonte, organizado por Mauro, líder da equipe Mavericks. Alguns dias depois, voltei a encontrá-lo no “encontro” do Mineirão. Acompanhado novamente de seu pai e sua mãe, estava devidamente paramentado com capacete, joelheira e cotoveleira. Seu carrinho tinha dimensões exatas para seu tamanho.

³⁸ Apesar de nunca ter presenciado um acidente grave, há relatos de acidentes com ferimentos graves e fraturas nos encontros do Mineirão.

Apesar disso, o menino me confidenciou que o carrinho era emprestado de sua prima, mas que provavelmente passaria a ser dele. Com manopla de freio dianteira e central, o carrinho tinha um sistema de cabos de aço que, ao ser acionado, puxava uma tábua acoplada ao assento que travava os rolimãs traseiros. Na cor branca e decorado com diversos adesivos do Homem-Aranha, o carrinho nem parecia ter sido herdado. Assim que o vi, fiz questão de me aproximar e interagir com o menino. Ele ficou surpreso quando o chamei pelo nome, pois não sabia que eu já o havia notado no “encontro” da Rua dos Americanos. Naquela oportunidade, percebi que ele estava tentando realizar a manobra do zerinho. Nessa noite, no “encontro” do Mineirão, ele me perguntou se eu sabia executar tal movimento e minha reação imediata foi dizer não. Por um momento fiquei exitoso, pois não estava sendo sincero com ele. Entretanto, tal atitude, frágil do ponto de vista ético (e reconheço isso), oportunizou uma situação em campo muito elucidativa, a de um aprendiz ensinando algo que ainda não aprendeu plenamente. Joaquim então se prontificou a me ensinar tudo que já sabia sobre aquela manobra. Na primeira tentativa simulei desconhecimento do movimento. Na segunda, fiz um zerinho mais tímido. A partir da terceira, executei a manobra de forma plena, pois naquele momento já não estava me sentindo à vontade com a situação e me questionava sobre atitude tomada. Apesar disso, minha decisão nos proporcionou não apenas três, mas inúmeras descidas e uma rica experiência compartilhada. Além das dicas do zerinho, Joaquim também definiu a linha de chegada para nossas descidas, alguns metros antes da curva esburacada. Não era comum, nem aconselhável parar ali, pois, numa situação normal, haveria grandes chances de sermos atingidos pelas pessoas que vinham logo atrás. No entanto, o “encontro” daquela noite estava esvaziado e esse risco não era iminente. Juntaram a nós, Amanda e sua amiga Júlia, duas mulheres adultas. As duas estavam iniciando na prática do rolimã, apesar de Amanda já possuir carrinho próprio e demonstrar um pouco mais de habilidade. Joaquim resolveu ensinar o zerinho para elas também, mas não obteve muito sucesso. Naquele momento, Amanda e Júlia realmente não sabiam executar a tarefa. Joaquim se empenhou de diversas formas. Ao tentar verbalizar a sequência de ações, encontrou dificuldades. Em seguida, decidiu utilizar o recurso da demonstração, usando seu próprio corpo para indicar o que deveria ser feito. Obviamente, aos seis anos de idade não era esperado que o menino tivesse uma ampla capacidade de expressar com palavras um movimento corporal relativamente complexo. Soma-se a isso o fato de ele

próprio ainda não executar plenamente tal tarefa. Segundo Lave (2015, p.41) “aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo”. Mesmo que Joaquim não tenha sido bem sucedido na tarefa de ensinar o zerinho para Amanda e Júlia, ao tentar fazê-lo, ele mesmo aprende mais um pouco.

Somam-se às relações pessoais estabelecidas nos contextos de pesquisa, os distintos acessos e engajamentos das crianças com a prática do rolimã, em seus mais variados eventos e contextos. Nos “encontros” de rolimã, meninos e meninas assumem a centralidade da cena de forma bastante evidente. No entanto, são nos campeonatos e “gp’s” que as crianças revelam algumas formas subliminares de participação, engajamento e aprendizagem. Na primeira etapa da Copa Sudeste de Rolimã, ocorrida em junho de 2022, no morro do Cavalão Doido, em Brumadinho, participaram 26 homens na categoria flx, onde os carrinhos são conhecidos como “nave”, e nove homens e uma mulher (Neusa) na categoria raiz, onde os carrinhos possuem um formato tradicional, sem nenhum tipo de carenagem³⁹. Nesse evento não foi criada nenhuma categoria para as crianças e os adolescentes. Mesmo assim, Joaquim (6 anos) esteve presente, acompanhado de seus pais. Todos da família estavam ali como expectadores, mas o menino encontrou um lugar para “andar” de rolimã, em um pequeno trecho de descida, logo após a linha de chegada. Joaquim era uma das poucas crianças em um evento que reuniu dezenas de pessoas de diversos estados do país e foi publicado por diversos canais de comunicação, inclusive estrangeiros (ANEXO III). Naquele dia, o menino foi presenteado pela organização do evento com um carrinho de rolimã novo, com tamanho apropriado à sua estatura. Além disso, Joaquim fez imenso sucesso ao conseguir pilotar um carrinho de produção exclusiva da equipe Mavericks, com apenas uma roda (FIGURA 17).

³⁹ Atribuição do aspecto aerodinâmico ou hidrodinâmico a um veículo, moto, carro, lancha ou outro automóvel.

Figura 17 - Joaquim e o carrinho de uma roda

Fonte – Arquivo pessoal de Mauro e Ronaldo

Tal evento, apesar de não ter sido planejado para a participação das crianças, oportunizou a Joaquim inúmeras experiências com a prática do rolimã. Isso ficou ainda mais evidente no “encontro” do Mineirão, ocorrido logo após a realização desse campeonato. Naquela noite, o menino estava radiante, pois sua participação no campeonato em Brumadinho, além de ter rendido um novo carrinho, parece tê-lo colocado em outro patamar de confiança com a prática. O primeiro indício dessa mudança foi a sua plena segurança em descer toda a extensão da pista, sem hesitar no trecho de curva esburacado. Inicialmente, aquele era o seu limite para as descidas, depois se tornou um desafio a ser superado, mas naquela noite, o menino transformou a curva amedrontadora em um trecho trivial da pista, que exigia apenas um pouco mais de sua atenção. Outros sinais de sua evolução foram o aumento perceptível de sua velocidade nas descidas e as sucessivas tentativas de zerinho de frente e de costas. Esse ímpeto aumentado, somado ao fato de estar experimentando um novo carrinho, resultou em um número maior de quedas, que não foram suficientes para abalar a sua confiança. No evento ocorrido no Morro do Cavalo Doido, o menino teve a oportunidade de ver os adultos descendo em seus rolimãs a mais de 100 km/h, experimentou uma nova ladeira, ganhou um carrinho novo e desceu pela primeira vez em um carrinho de uma roda. Além de experiências múltiplas com a prática, Joaquim viu e foi visto, torceu pelos pilotos e foi incentivado e enaltecido por eles. Aquela competição não levou em consideração a presença das crianças, mesmo assim, Joaquim encontrou o seu lugar, se engajou de diversas

formas (praticante, ajudante, torcedor, etc), ganhou reconhecimento e experimentou múltiplas aprendizagens.

Tais formas de acesso à prática do rolimã, por parte das crianças, não dependem apenas de um interesse pessoal, mas de estruturas sociais mais amplas. Para elucidar melhor isso, destaco novamente um relato observado em um dos “encontros” na Rua dos Americanos, no bairro Milionários, em Belo Horizonte. Naquela oportunidade, uma breve competição foi organizada e os competidores da categoria mirim eram: Ricardo (12 anos), Bernardo (13 anos), Natã (13 anos) e Carlos (14 anos). Esses três últimos eram amigos e moradores da região. Usavam chinelos, bermudas, camisetas e não possuíam qualquer equipamento de segurança. Seus carrinhos foram emprestados pelo organizador do evento. Ricardo, por sua vez, veio de Contagem (cidade circunvizinha), acompanhado dos pais, trajando calça, tênis, capacete, blusa personalizada de piloto, colete de *motocross*, proteção para os cotovelos e um carrinho especialmente projetado por Golias, líder da equipe Nine. Esse grupo de meninos que competiram na Rua dos Americanos, naquela manhã, revela duas formas distintas de engajamento e experimentação da prática do rolimã.

Ricardo não anda de rolimã nos arredores de sua casa, pois essa prática não faz parte da dinâmica cotidiana da localidade onde ele reside. No entanto, isso não impede que o menino mobilize seus pais para buscar outros contextos (“encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”) onde a prática do rolimã acontece. Por vezes, sua família precisa se deslocar de carro para outras regiões da cidade ou, até mesmo, fora dela. Naquela manhã, a mãe de Ricardo me contou de alguns campeonatos que seu filho havia participado em cidades no interior do estado. Essa forma de viver a cidade e experimentar suas práticas é definida por Zeiher (2003) a partir do conceito de “insularisation” ou deslocamentos por ilhas. Segundo a autora, apesar de as crianças de classe média, que vivem nos grandes centros urbanos, possuírem algum protagonismo no delineamento espaço-temporal de seus cotidianos, suas escolhas estão fortemente condicionadas aos contextos familiares, socioeconômicos e estruturas urbanas em que estão inseridas. Ainda que Ricardo possua acesso a lugares longínquos da cidade, não desfruta de autonomia para “andar” de rolimã, nos arredores de sua casa.

Por outro lado, Bernardo, Natã e Carlos têm suas vivências relacionadas ao rolimã circunscritas à dinâmica da prática ofertada na localidade onde moram. Essa

forma de uso e apropriação dos lugares da cidade é apontada no clássico estudo⁴⁰ de Muchow e Muchow (2019) como modelo de crescimento em esferas, também conhecido como modelo concêntrico, onde os espaços de convivência da criança vão se propagando em raios que se ampliam com o crescimento do sujeito. Se por um lado, esses meninos não gozam da mesma condição socioeconômica de Ricardo, que o permite transitar dentro e fora da cidade para “andar” de rolimã, por outro, os meninos do bairro Milionários não dependem do desejo e da disposição de seus familiares para experimentar tal prática, que lhes é cotidianamente oportunizada na ladeira da Rua dos Americanos. Esse fato pode ser analisado a partir do conceito de “home range” de Vliet (1983), como os lugares que a criança pode acessar sozinha, sem permissão prévia. Para o autor, esse rol de contextos de acesso se expande com o passar dos anos e proporciona gradativamente autonomia, independência e experiências que contribuem para desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

Apesar de os modelos supracitados estabelecerem narrativas interessantes para as diferentes formas de uso e apropriação das crianças no ambiente urbano, no contexto de pesquisa em questão, considerando os entrelaçamentos entre esses distintos engajamentos e a prática do rolimã, a noção de “malha” (INGOLD, 2015, p. 302) traz uma perspectiva analítica mais assertiva. Os modelos de Zeiher (2013) e Muchow e Muchow (2019) operam em uma lógica estática de ocupação de territórios. No entanto, “enquanto a ocupação é de uma área, a habitação é linear, ou seja, leva as pessoas não através da superfície da Terra, mas ao longo dos caminhos que levam de um lugar a outro” (INGOLD, 2015, p 303). Na perspectiva de Ingold, a forma como crianças, jovens e adultos habitam o mundo e forjam suas práticas cotidianas não se estabelece pela conquista de limites territoriais, mas um contínuo movimento de peregrinação por lugares (cotidianos ou extraordinários) cuja distinção não se define por limites geográficos, mas por vínculos, “nós”, que se tecem a “malha” e conectam os “fios” de suas vidas.

As trajetórias supracitadas, de alguns dos sujeitos desta pesquisa com os carrinhos de rolimã, fortalecem o entendimento central proposto por Lave (2015) na teoria da prática social de que toda atividade (o que seguramente inclui a

⁴⁰ Essa pesquisa foi publicada originalmente em 1935, por Martha Muchow e Hans Heinrich Muchow e traduzida para o inglês, em 2019, por Günter Mey, Hartmut Günther, Jaan Valsiner, com o título “The Life Space of the Urban Child”.

aprendizagem) é situada nas (feita de, é parte das) relações entre pessoas, contextos e práticas. Destarte, proponho a seguir análises complementares para uma melhor compreensão das nuances da aprendizagem (com) o carrinho de rolimã.

5.2. Elementos indissociáveis

Apesar do enfoque nas relações entre ambiente, objeto e sujeito, as análises feitas adiante não devem ser vistas de maneira dissociada do contexto histórico e social em que estão inseridas. Tal distinção entre elementos é meramente didática e o processo de aprendizagem da/na prática do rolimã depende da interação indissociável dessa tríade com o elemento risco.

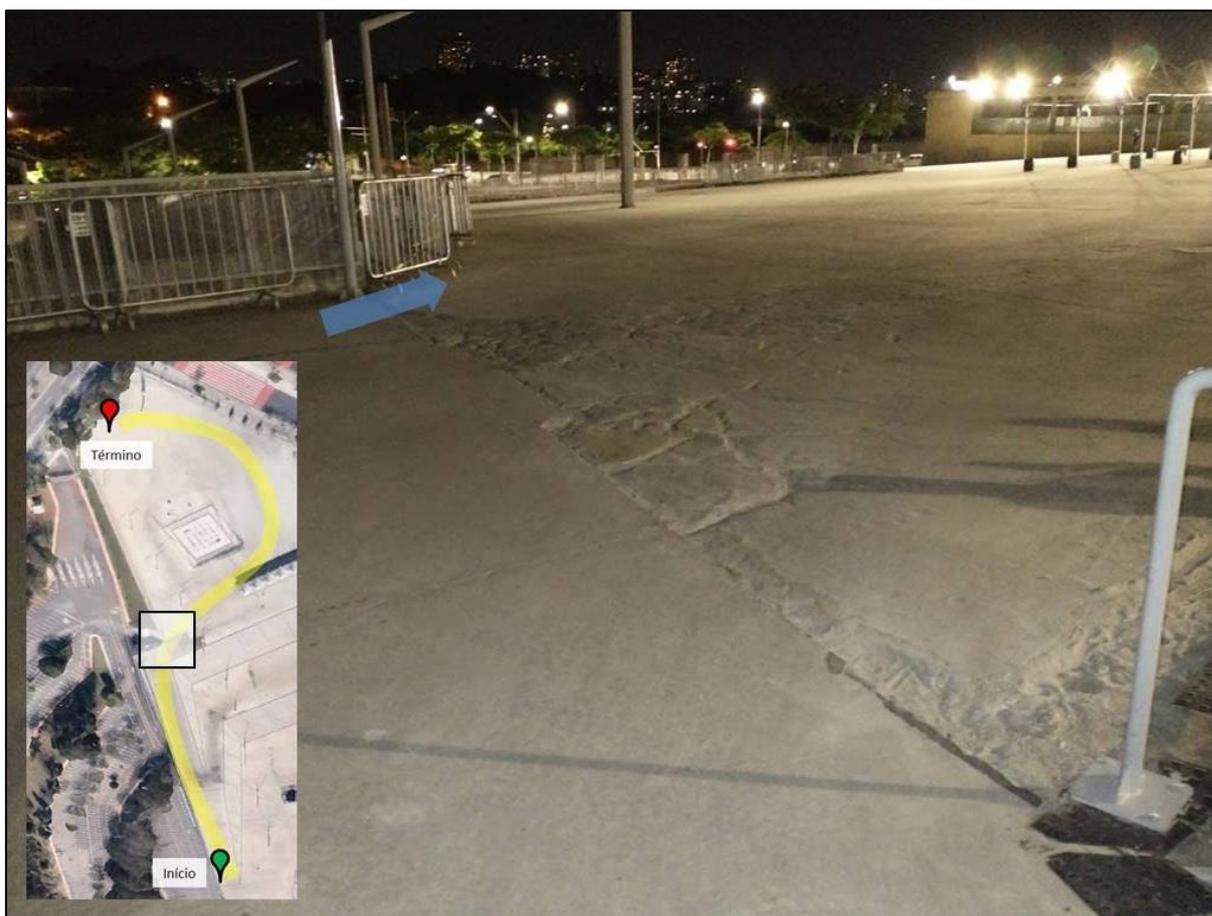
5.2.1. O Ambiente

O ambiente é entendido aqui como tudo aquilo que compõem o cenário onde a prática acontece, excetuando os sujeitos que aprendem (crianças, jovens, adultos e idosos) e o objeto que mobiliza a prática (os carrinhos de rolimã). A pista é um componente que se destaca no ambiente e, em alguma medida, é determinante na escolha dos locais dos “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”. A largura, a extensão, a inclinação e a rugosidade da superfície da pista são algumas características que conformam tais eventos. A largura limita o número de pessoas que desce simultaneamente as ladeiras e conseqüentemente pode favorecer ou não uma situação de disputa entre os participantes. A extensão e a inclinação da pista conjuntamente influenciam na característica do público. Para evidenciar isso, basta comparar os “encontros” da Praça do Papa com os “rolês” e “gp’s” no Morro do Cavalo Doido. O primeiro, com 70m de extensão e uma leve inclinação, tem um público constituído em sua maioria por crianças e famílias. O Morro do Cavalo Doido, além de ser uma estrada erma e sem qualquer edificação no entorno, tem extensão aproximada de 3 quilômetros, com trechos sinuosos e com declive acentuado. Nesse local, onde os carrinhos de rolimã chegam a atingir 100 km/h, o público é composto majoritariamente por homens, adultos e com larga experiência na pilotagem dos carrinhos.

Além desses aspectos, a rugosidade da superfície da pista é algo que pode ser determinante para o sucesso na escolha do local. Apesar de os carrinhos de rolimã variarem em tamanhos, design e materiais, em geral, são compostos por um corpo de madeira e rodas de metal (as rolimãs), com pouco ou nenhum tipo de amortecimento. Dessa forma, as pistas com superfícies muito rugosas ou esburacadas, além de limitarem a velocidade dos carrinhos, provocam grande trepidação e desconforto ao piloto. Em ruas de asfalto, como ocorre na maioria das vias da RMBH, é difícil fazer visualmente uma distinção refinada sobre a superfície da pista e determinar de forma precisa se o local é adequado ou não à prática do rolimã. Em setembro de 2019, Eduardo organizou um “encontro” experimental na Av. Getúlio Vargas, entre as ruas Santa Rita Durão e Rio Grande do Norte, em Belo Horizonte. Isso foi possível graças à um projeto da prefeitura de fechamento de algumas ruas da região da Savassi para fins de lazer, esporte e atividades culturais. Com o trânsito impedido para carros, Eduardo viu ali uma oportunidade de expansão dos “encontros” que organizava. Assim como na Praça do Papa, esse local tinha boa largura, pequena extensão e leve inclinação. No entanto, o asfalto nesse trecho tinha uma rugosidade um pouco acentuada, o que gerou descidas muito lentas e relativamente desconfortáveis. Esse “encontro” durou pouco mais de uma hora e não voltou mais a ocorrer.

Ainda sobre o elemento pista, os “encontros” do Mineirão reúnem características singulares. Além de uma largura que comporta confortavelmente de 8 a 10 carrinhos perfilados, sua extensão e inclinação permitem descidas com um grande espectro de variação de velocidade. Aprendizes conseguem descer de forma lenta e finalizar no trecho mais curto da descida, ao passo que praticantes mais experientes conseguem atingir até 50 km/h em seus carrinhos, utilizando a extensão completa da pista. Isso se deve também ao fato da pista da esplanada do Mineirão ser de cimento. Esse material proporciona uma superfície lisa e uniforme que contribui para a uma boa aceleração da velocidade, conforto nas descidas e facilitação de algumas manobras.

Outra característica que compõe a pista do Mineirão é um trecho esburacado localizado na curva que liga os setores D e C do estádio (FIGURA 18).

Figura 18 - Trecho esburacado da esplanada do Mineirão

Fonte – Próprio autor

Esses buracos, ao menos tempo que limitam o traçado da pista, constroem habilidades e distinguem aprendizes e veteranos. Em um dos “encontros” ocorridos no Mineirão, quando retornávamos de uma descida, Henrique, Daniel e eu notamos que a forma como a pessoa passa pelo trecho esburacado revela seu nível de experiência com a pista. Em geral, os frequentadores mais experientes passam pelo pequeno espaço preservado do piso localizado na extremidade esquerda da curva (Seta Azul – FIGURA 18). Passar por ali exige que a pessoa tenha confiança e controle de passar próximo à mureta em alta velocidade. Essa escolha por vezes demora a acontecer. Quando comecei a frequentar o Mineirão, fiquei várias semanas passando pelo trecho esburacado, mas, aos poucos, fui percebendo e me encorajando a descer no traçado menos acidentado, porém mais arriscado da curva. Além de evitar o desconforto de passar em cima dos buracos, esse trajeto evita a perda de velocidade do carrinho.

Ainda sobre essa particularidade da pista do Mineirão, em um dos “encontros” ocorridos ali, Henrique me deu uma orientação fundamental para passar em alta velocidade próximo à mureta. Segundo ele, para evitar uma colisão, é preciso olhar apenas na direção que se pretende seguir, evitando ao máximo desviar a atenção para a mureta, possível local de colisão. Henrique afirmou ainda que havia aprendido essa técnica com os pilotos das esquipas que frequentam o Mineirão. Apesar de já fazer uso daquele trecho da pista, executar essa técnica reduziu significativamente meu receio de passar por aquele local.

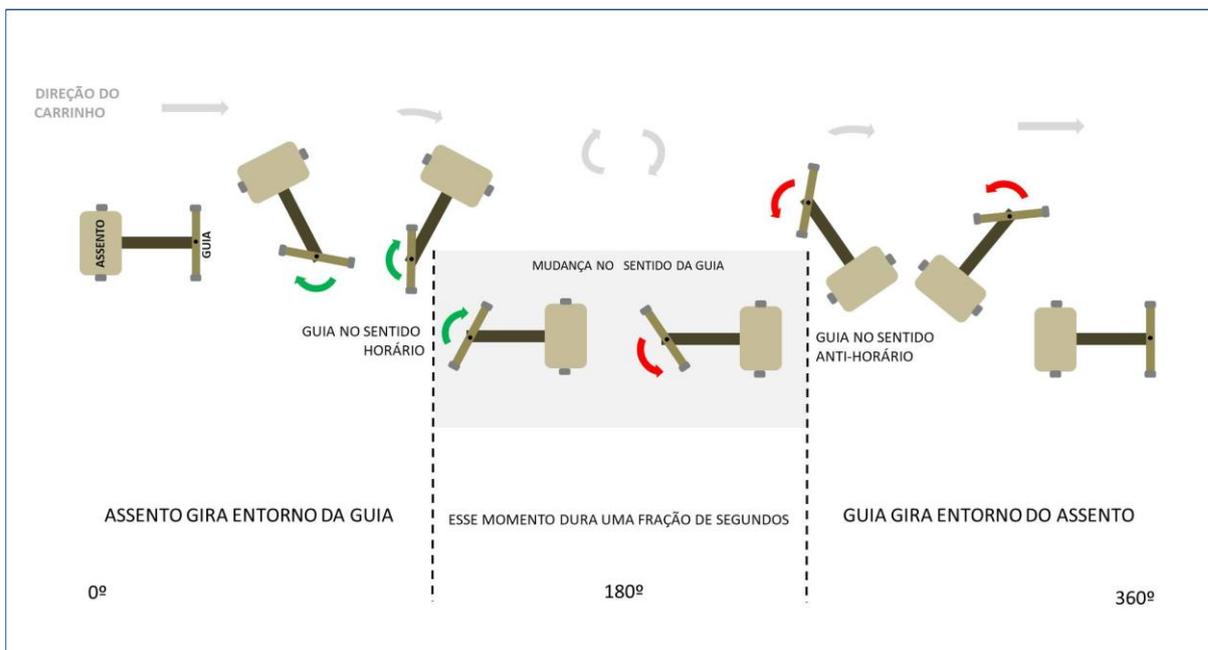
5.2.2. Os Objetos

As manobras e técnicas desempenhadas pelos praticantes de rolimã dependem de diversos aspectos que compõem a prática. Além da experiência do sujeito e das condições oferecidas pelo ambiente, o design do carrinho (objeto) é elemento preponderante na execução dessas tarefas.

No zerinho⁴¹, principal manobra no rolimã, a composição e o formato do carrinho são primordiais para realização da técnica. Esse movimento consiste basicamente em dar um giro de 360° com o carrinho. Nos “encontros” do Mineirão é comum, ao final das descidas, as pessoas fazerem essa manobra. Esse momento não só estabelece o fim, mas o ápice da corrida. A manobra também revela o nível de habilidade do piloto sobre a prática. Fazer um giro de 180° é o mais comum de se ver, mas o de 360° exige um domínio mais avançado da tarefa. Em um dado “encontro” no Mineirão, Juliana, Henrique e Daniel conversavam sobre o “zerinho”. A mãe de Benjamin falou de sua dificuldade em fazer o giro completo. Daniel destacou uma ação crucial para conseguir realizar o giro de 360° (FIGURA 19). No início da manobra, é preciso virar bruscamente a guia no sentido que se pretende realizar o giro. Nos primeiros 180°, o assento gira entorno da guia. Assim que o carrinho completa 180° é preciso retornar rapidamente a guia para o sentido contrário. A partir desse momento, é a guia que passa a girar entorno do assento e assim a manobra continua até completar os 360°.

⁴¹ Essa manobra é conhecida também como “*drift*” ou “pião”, mas o termo nativo mais recorrente é o “zerinho”.

Figura 19 - Ilustração explicativa do “zerinho”



Fonte – Próprio autor

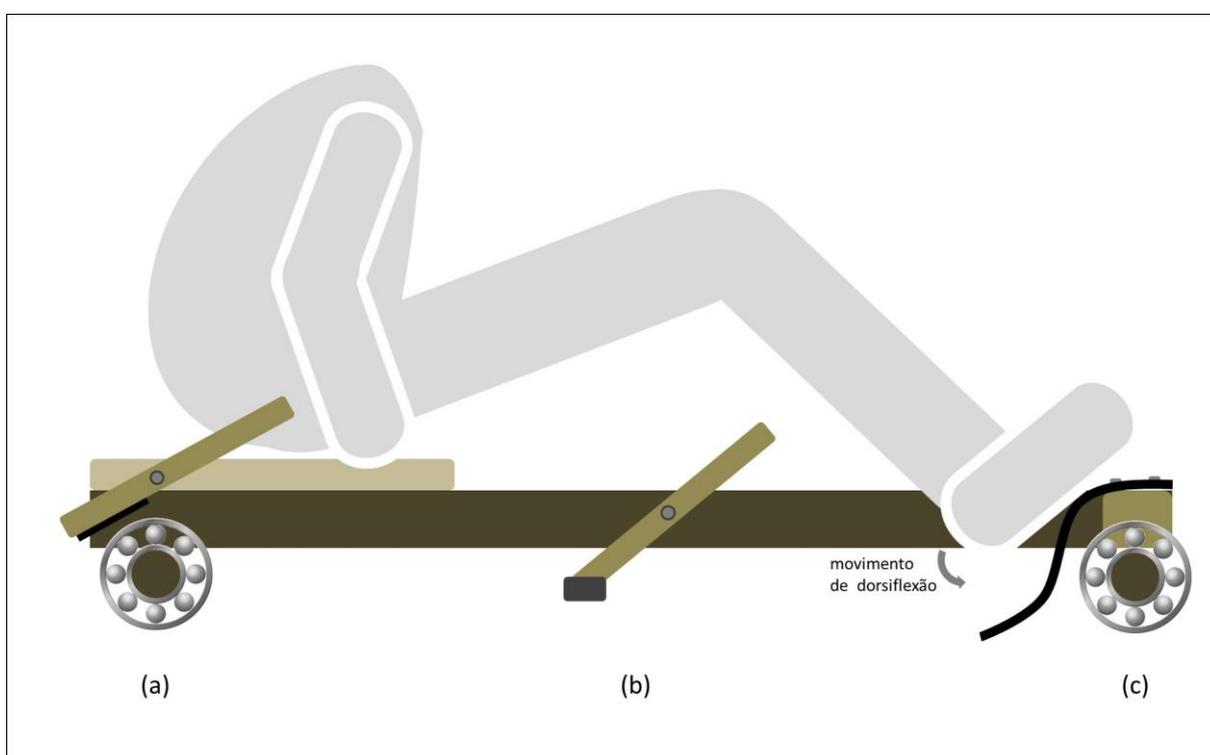
Quando o carrinho possui freios independentes nas rodinhas traseiras, essa sequência pode ser potencializada pelo uso desse disposto. Nos primeiros 180°, o freio do lado interno do giro é acionado. O travamento da rodinha interna faz com que o giro fique ainda mais rápido. No momento em que o carrinho atinge 180°, além de girar a guia no sentido contrário, é necessário soltar alavanca de freio que estava acionada e puxar o freio oposto. Tudo isso em uma fração de segundos. Apesar do acionamento dos freios ser uma ação adicional a ser executada, o travamento das rodinhas nos momentos adequados proporciona um giro mais rápido e facilitado do carrinho.

Esse é apenas um exemplo da influência do design do carrinho no sistema ambiente, objeto e sujeito. Tamanho, peso, material, número de rodas, tamanho das rodas, distância entre os eixos, presença ou não de sistema de frenagem, tipos de freios, são algumas das características que influenciam na dirigibilidade do carrinho. No início do processo de aprendizagem da prática do rolimã a presença de freios é um fator preponderante.

Os dispositivos mais comuns de frenagem entre os carrinhos (FIGURA 20) são as alavancas de travamento das rodas traseiras (a), a alavanca do eixo central (b) e as tiras de borracha nos apoios dos pés (c). No primeiro, existem duas

alavancas independentes ancoradas no assento do carrinho que, ao serem puxadas pra cima, tocam os rolimãs traseiros fazendo com que eles reduzam o giro ou travem completamente. O segundo dispositivo consiste em uma única alavanca fixada ao eixo central que, ao ser acionada, toca diretamente ao solo fazendo com que o carrinho diminua a velocidade até parar. O terceiro dispositivo são as tiras de borracha que são afixadas nos dois lados da guia e ficam logo abaixo dos pés do condutor. Para acioná-lo, basta fazer um movimento de dorsiflexão no tornozelo até que os calcanhares toquem o solo. As tiras de borracha ficam entre o solado do calçado e o chão.

Figura 20 - Dispositivos de frenagem



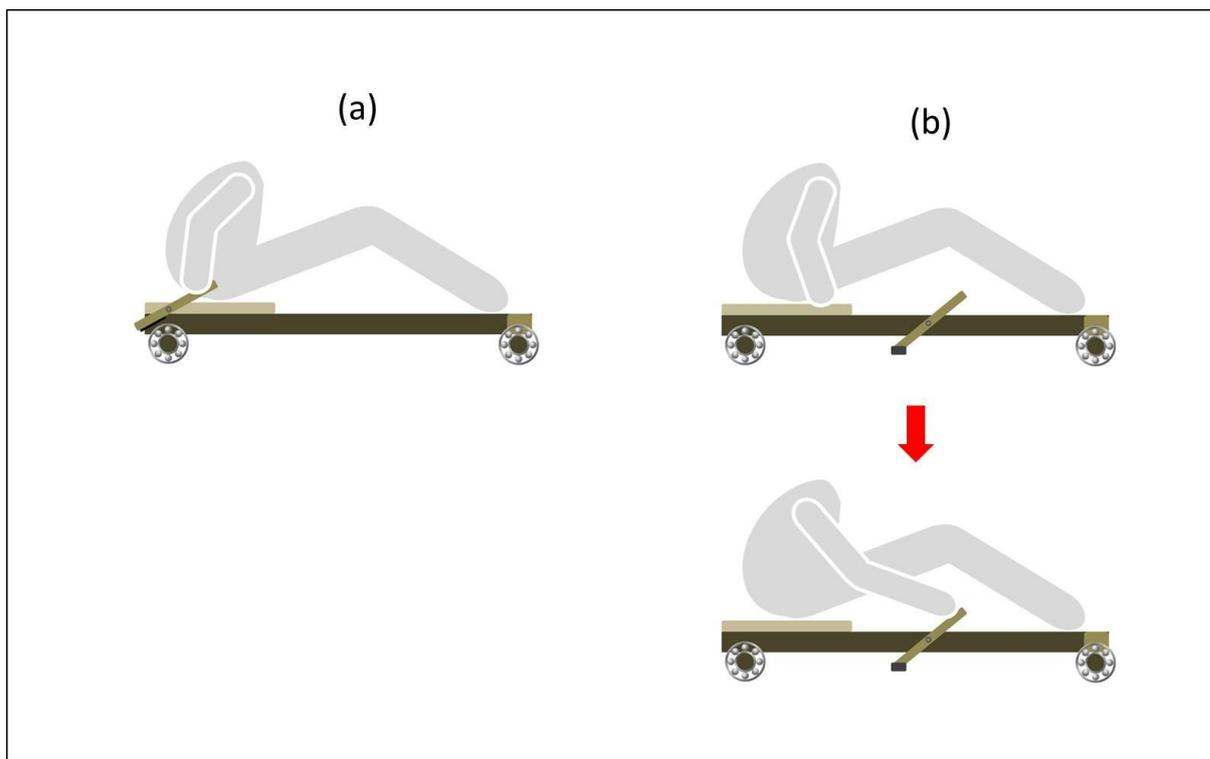
Fonte – Próprio autor

Raramente os carrinhos possuem todos esses dispositivos, em geral são utilizados um, ou no máximo dois, mas alguns carrinhos nem mesmo possuem freios. Nesse último caso, os pilotos fazem ziguezague com os carrinhos para diminuir a velocidade e utilizam o “zerinho” para a parada completa, mas, em caso de urgência, freiam com os calcanhares dos calçados, de forma similar a realizada no dispositivo (c). Entre os pilotos mais experientes, que costumam descer ladeiras longas e atingem altas velocidades, é comum verificar a utilização associada da

alavanca do eixo central (b) com as tiras de borracha nos apoios dos pés (c). Em ambos a frenagem ocorre de forma rápida, pois as borrachas tocam diretamente ao solo fazendo uma redução ou parada mais eficiente do carrinho. Em altas velocidades, os dispositivos (b) e (c) são os mais adequados, pois o dispositivo (a) possibilita apenas o travamento das rodas traseiras, mas isso não garante a redução ou parada do carrinho. Mesmo com as rodas completamente travadas, em altas velocidades, a inércia do carrinho pode ser muito maior que o atrito gerado entre as rodas e o solo. Quando isso ocorre, o carrinho pode deslizar de maneira completamente descontrolada sobre a pista até efetivamente parar. Situações como essa são causas comuns de acidentes entre os carrinhos de rolimã.

Apesar de o dispositivo (a) não ser o mais apropriado para descidas mais longas e velocidades muito elevadas, é uma opção muito interessante para quem está iniciando na prática. Além de frear o carrinho, suas alavancas funcionam também como empunhadura, local onde o piloto se segura ao carrinho. Em geral, é mais apropriado que essa empunhadura seja feita no assento do carrinho, mais próximo do centro de gravidade do piloto. Por isso, quando as alavancas do dispositivo (a) não são puxadas pra cima para acionar os freios, a pessoa as utiliza para se segurar ao carrinho. Com o dispositivo (b) é preciso tirar uma das mãos do ponto de apoio no assento do carrinho para acionar o freio localizado no eixo central. O dispositivo (a) permite fazer isso sem ter que reposicionar as mãos (FIGURA 21).

Figura 21 - Acionamento dos dispositivos de frenagem (a) e (b)



Fonte – Próprio autor

Como Eduardo utiliza esse tipo de freio (dispositivo a) em seus carrinhos, foi possível observar como esse aspecto do design interfere de maneira importante no processo inicial de aprendizagem. Em um dos “encontros” na Praça do Papa, foi possível registrar uma cena que ilustra muito bem esse processo. Larissa, uma menina de aproximadamente 8 anos de idade, chegou ao “encontro” acompanhada de seu irmão e seu pai. Em sua primeira tentativa, usou um carrinho cuja alavanca de freio ficava posicionada no eixo central (dispositivo b). Após alguns metros, ela tirou os pés da guia e os colocou no chão para frear o carrinho. Esse comportamento, apesar de recorrente entre os aprendizes, gera alguns riscos, desde a perda completa da direção do carrinho, pois a condução é feita pelos pés, até, dependendo da velocidade, a projeção do indivíduo à frente do carrinho, culminando em um capotamento. Em seguida, a menina abandonou o primeiro carrinho e utilizou um dos modelos fabricados por Eduardo, que utiliza o dispositivo (a) de frenagem. Logo na segunda tentativa, conseguiu descer toda a ladeira sem colocar os pés no chão.

O primeiro desafio do aprendiz nessa prática é compreender que o direcionamento do carrinho é feito pelos pés. No velocípede, no patinete, na

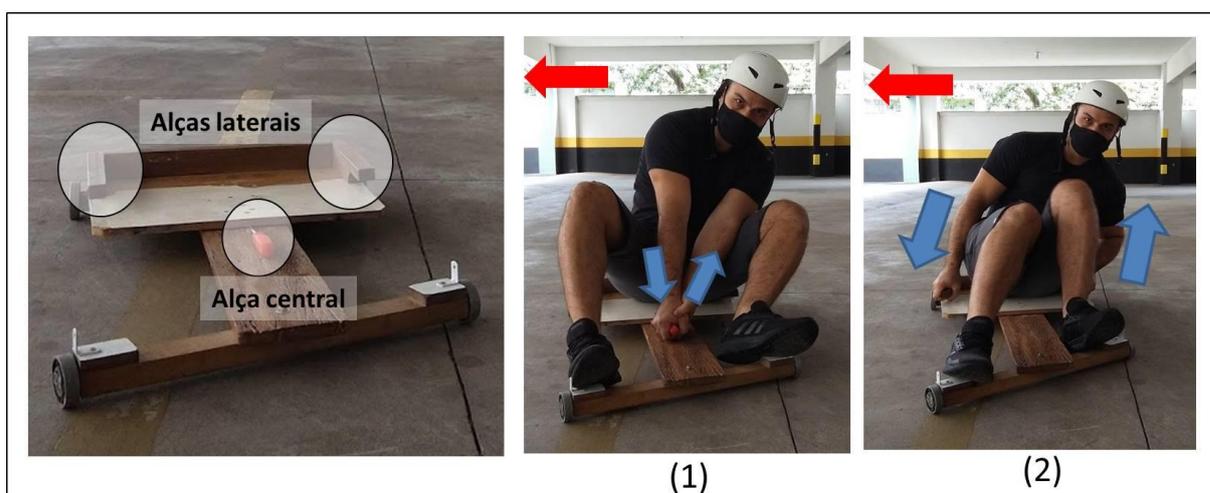
bicicleta, no kart, no carro, na moto, no trator e em quase todos os automóveis que dirigimos, da infância à fase adulta, o controle da direção está nas mãos. Por isso, é comum se observar esse estranhamento inicial na condução dos carrinhos de rolimã. A dupla função desempenhada pelo dispositivo (a), como empunhadura e alavanca de frenagem, evita que o condutor tenha que tirar uma das mãos de seu ponto de apoio para acionar os freios. Ainda que esse movimento leve apenas algumas frações de segundo, para um aprendiz, que precisa dedicar grande parte de sua atenção à desafiadora tarefa de conduzir o carrinho com os pés, ter a garantia que o acionamento dos freios está o tempo todo em suas mãos, é uma vantagem considerável na aprendizagem dessa tarefa.

A alavanca de freio é apenas um dos elementos que compõem o design dos carrinhos e essas características interferem não apenas no processo inicial de aprendizagem, mas se relacionam de maneira importante com o sujeito e o ambiente, em qualquer momento na trajetória com a prática do rolimã. Para compreender um pouco melhor sobre o processo de tornar-se um sujeito habilidoso na prática do rolimã, é válido se questionar: o que diferencia um aprendiz de um veterano na tarefa condução dos carrinhos? Para tanto, retomo uma indagação mais ampla de Ingold (2010): na criação e manutenção do conhecimento humano, que contribuição cada geração dá à próxima? O autor constrói sua argumentação a partir de um entendimento de que a aprendizagem, seja entre alguns sujeitos ou ao longo de gerações, pressupõe um refinamento da percepção, não por um acúmulo de conhecimentos, mas por um processo de educação da atenção (INGOLD, 2010). A partir disso, podemos inferir que na prática do rolimã, ao menos um aspecto diferencia veteranos e aprendizes, a forma como eles percebem e respondem às mudanças no sistema ambiente-objeto-sujeito. Quando se altera uma característica desses elementos o veterano tende a agir de maneira mais rápida e assertiva a tais “perturbações”. Essa necessidade de reajuste sensorial foi compreendida de maneira mais apurada a partir de vivências próprias em campo, não apenas observando diferentes sujeitos, mas sobretudo percebendo, a partir de minhas próprias experiências, as demandas requeridas pela prática em questão.

Em um dos “encontros” no Mineirão, tive a oportunidade de experimentar dois carrinhos de Jonas, um senhor sexagenário, que fabrica e vende rolimã bem rústicos e originais. O primeiro foi um modelo bem atípico, feito com rolamentos enormes e com um comprimento tão grande que era possível deitar de costas no assento com

a cabeça posicionada em um encosto. Esse carrinho não possuía freios ou alças para se segurar e a forma mais óbvia de se manter estável nele era segurando bem forte a tábua do assento. Normalmente essa forma de empunhadura gera certa aflição, pois ao se segurar no assento, os dedos ficam posicionados logo abaixo da tábua, a alguns centímetros do chão. Se o carrinho passar em algum buraco é possível que os dedos sejam prensados contra o solo. Diante de um carrinho tão diferente do meu, prestei bastante atenção nas orientações de Jonas, posicionei-me em decúbito dorsal e iniciei lentamente a descida. Apesar da posição atípica, não me senti tão vulnerável, pois os rolamentos avantajados davam certa distância do solo, o que minimizava a sensação de insegurança, principalmente quando me aproximava dos trechos esburacados da pista. Ao final do trajeto, procurei fazer um “zerinho” mais suave para parar o carrinho, mas sem a pretensão de executar um giro completo. Além do comprimento do carrinho não ser favorável a essa manobra, pois quanto maior o carrinho mais difícil fazê-lo girar, meu maior receio era não conseguir me segurar plenamente ao assento do carrinho durante a manobra. Ao final, deu tudo certo e apesar de o receio inicial, a descida foi mais tranquila do que imaginava. Na sequência, experimentei outro carrinho fabricado por Jonas, que pertencia à sua esposa. O carrinho tinha dimensões semelhantes as do meu, porém possuía um assento acolchoado e sua alça de empunhadura ficava localizada no eixo central. Esse último aspecto é bastante importante na dirigibilidade do carrinho, pois se segurar pelo eixo central é menos vantajoso do que pelas alças laterais no assento. O motivo disso é que, em curvas acentuadas ou durante manobras de “zerinho”, a força centrífuga tende a projetar o corpo da pessoa para fora do carrinho (FIGURA 22 - seta vermelha). Ao se segurar no eixo central, a pessoa tem apenas um ponto de apoio (FIGURA 22.1). Com alças laterais, a pessoa consegue empurrar a alça externa à curva e puxar a alça interna, não apenas se segurando, mas fazendo um contrapeso que favorece seu posicionamento corporal sobre o carrinho (FIGURA 22.2).

Figura 22 - Força centrífuga e as alças de segurança



Fonte – Próprio autor

Ao iniciar a descida com o carrinho da esposa de Jonas, fiquei bastante inseguro. Ao final do trajeto, o receio foi ainda maior, pois era preciso fazer um “zerinho” para parar o carrinho, que não possuía freios. A evidente possibilidade de capotagem exigiu uma força extra para me segurar na alça central, além de utilizar os calcanhares do calçado para tocar o solo, reduzir a velocidade e evitar uma queda.

Experimentar dois modelos de carrinhos tão distintos me fez perceber as nuances do design do objeto e suas implicações na execução da tarefa de condução. Tais experiências se revelam como matéria-prima valiosa para compreensão dos processos de aprendizagem da prática do rolimã, a partir de uma perspectiva singular, que mobiliza diversas formas de percepção, para além da observação e dos relatos. Tal perspectiva é bem destacada por Sautchuk (2007) em sua pesquisa realizada com os pescadores da região do estuário do rio Amazonas, na Vila Sucuriju, no Amapá. O antropólogo afirma que foi apenas quando ocupou a popa da canoa, pilotando para um arpoador (ou proeiro), que pode efetivamente se dar conta do tipo de ambiente em que estava envolvido e de que maneira os laguistas (pescadores de água doce) o percorrem (SAUTCHUK; SAUTCHUK, 2014). Para descrever essa relação entre o condutor da canoa, o pescador e a tarefa de lançar o arpão, o pesquisador destaca:

no momento da arpoada, o gesto de remar (ou não) e de conter (ou não) a canoa contribui para a trajetória do arpão, incidindo diretamente na relação com o peixe — aspecto de vital importância

— de maneira que o piloto pode inclusive ser “responsabilizado” por uma má arpoada. Conclusões dessa natureza provêm de uma percepção engajada nesse tipo de interação e encontram fundamento não apenas em minha própria experiência sensorial, mas também nos comentários emitidos sobre meu desempenho e nas conversas que tive a respeito dele com os pescadores (SAUTCHUK; SAUTCHUK, 2014, p.582).

Uma percepção mais refinada da influência do design do carrinho de rolimã na pilotagem só foi possibilitada quando utilizei carrinhos com formatos diferentes. A partir dessa experiência, foi possível compreender a reorganização sensorial necessária para se estabelecer uma interação satisfatória entre ambiente, objeto e sujeito. Qualquer mudança em um aspecto desse sistema gera uma reordenação entre os elementos que constituem a prática do rolimã.

Por isso, é válido recuperar os estudos do antropólogo Daniel Miller sobre a cultura material, para compreender melhor essa relação entre design (objeto) e aprendizagem (sujeito). O autor propõe que uma teoria da dialética, ou da constituição mútua, que significa considerar a cultura material como possuidora de agência própria. “Coisas fazem coisas conosco, e não apenas coisas que gostaríamos que fizessem” (MILLER, 2013, p. 141). Tomando como exemplo etnografias realizadas na Inglaterra e em alguns países caribenhos sobre as relações estabelecidas entre pessoas e casas, Miller destaca que apesar de termos a capacidade de projetar, construir, intervir e reformar de diversas maneiras nossas casas, essas estruturas também são capazes de ordenar e interferir em nossas ações cotidianas. Nesse sentido, podemos “adaptar uma casa às nossas necessidades, mas também há a necessidade de mudar a nós mesmos para nos adaptarmos à acomodação” (MILLER, 2013, p. 144). Nesse sentido, podemos considerar que, da mesma forma que construímos diversos modelos de carrinho de rolimã, estes por sua vez, nos constituem como condutores, em uma relação mútua.

5.2.3. Os Sujeitos

Além das habilidades que se constituem na interação entre o sujeito, o objeto e ambiente, no rolimã, é preciso considerar as regras e condutas que se estabelecem entre os sujeitos, nos diversos contextos em que tal prática se realiza. Nos esportes modernos alguma ordenação ética se faz presente em suas mais

variadas formas de expressão, desde uma “pelada de rua” à Copa do Mundo de Futebol. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) criou, em 1991, o troféu “Fair Play”⁴² com o intuito de homenagear as equipes com o melhor histórico disciplinar (com base em critérios estipulados pela instituição) em seus torneios. Esse apelo por condutas éticas pode ser observado em diversos contextos e práticas. No rolimã, além dos regramentos que muitas vezes se materializam em cartilhas e regulamentos de campeonatos, as atitudes e comportamentos estão sempre a mercê do escrutínio das pessoas envolvidas com essa prática. Dois episódios ocorridos em um dos “encontros” da Rua dos Americanos me chamaram a atenção para essa questão.

Conchavos acontecem e são amplamente conhecidos entre os pilotos nas competições. Na verdade, existem estratégias entre as equipes para que um favoreça a vitória de outro companheiro, dificultando e atrapalhando a descida dos adversários. Essas atitudes não são necessariamente ilegais, a partir dos regulamentos das competições, mas estão longe de serem consensuais entre os pilotos. A primeira situação foi protagonizada por quatro meninos. Nesse dia, mesmo sendo um “encontro” com a presença de um público diverso, seus organizadores haviam prometido organizar uma breve disputa valendo troféu. Os competidores da categoria mirim daquela manhã eram: Ricardo (12 anos), Bernardo (13 anos), Natã (13 anos) e Carlos (14 anos). Esses três últimos eram amigos e moradores da região. Usavam chinelos, bermudas, camisetas e não possuíam qualquer equipamento de segurança. Seus carrinhos foram emprestados pelo organizador do evento. Ricardo veio de Contagem (cidade vizinha), acompanhado dos pais, trajando calça, tênis, capacete, blusa personalizada de piloto, colete de motocross, proteção para os cotovelos e um carrinho especialmente projetado para o menino. De início, a disputa parecia estar ganha e Ricardo levaria mais um troféu para sua coleção. No entanto, havia outros dois fatores não evidentes e contrários ao piloto favorito. O primeiro era o fato de Ricardo ser aparentemente o mais leve entre os pilotos. Em uma disputa de carrinhos de rolimã, o peso (energia potencial) do conjunto piloto/carrinho se transforma em velocidade (energia cinética). Além disso, os três desafiantes eram amigos, o que poderia facilitar a formação de um conchavo para eliminação do piloto estrangeiro. Foi exatamente isso que Bernardo tentou fazer na

⁴² Acesso em 22 de maio de 2022 pelo site:

<https://www.fifa.com/en/tournaments/womens/womensworldcup/france2019/news/fifa-fair-play-trophy>

primeira bateria. Quando subíamos o morro, o menino cochichou algo com seus amigos. Logo percebi que se tratava de uma estratégia para tirar Ricardo da disputa. Quando foi dada a largada, Ricardo fez uma remada no ar⁴³, movimento que os outros meninos desconheciam, e conseguiu chegar em primeiro lugar. O eliminado dessa bateria foi justamente Bernardo, que ficou em último lugar. Nas outras baterias Ricardo superou seus adversários e também ficou em primeiro. Mesmo sobre protesto dos meninos do bairro, que não concordavam com a técnica de remada no ar, Ricardo confirmou seu favoritismo. Nesse caso, tanto o conchavo quanto o movimento desconhecido pela maioria dos competidores foram colocados em discussão, mas a decisão dos organizadores foi que ambas as atitudes estavam inseridas no consenso ético da prática do rolimã.

O segundo fato observado naquele dia, foi a disputa de Mauro e Marcelo, dois irmãos adultos, organizadores da equipe Mavericks e do “encontro” em questão. Ambos desceram diversas vezes em seus lendários carrinhos de uma roda. São poucas as pessoas que se aventuram nesses carrinhos, que são de criação e uso quase exclusivos daquela equipe. Naquela manhã, várias disputas foram realizadas, mas a maior rivalidade estava entre os próprios irmãos. Logo após perder uma descida, Marcelo esperou Mauro se afastar, pegou o carrinho de seu adversário (irmão), passou o rolimã na água que corria na canaleta da rua e, em seguida, em um montinho de areia. Sujo, o rolimã poderia ficar mais lenta ou até travar durante a descida. Aquela clara tentativa de sabotagem foi vista por mim e também algumas pessoas que por ali estavam sentadas conversando. Marcelo, ao invés de se mostrar envergonhado pela atitude, se vangloriou de ter um carrinho cujo rolimã é totalmente fechado, à prova de trapaças. No início, tive até dificuldade de compreender qual era o propósito daquela ação. Não esperava testemunhar um comportamento tão questionável de forma tão escancarada e naturalizada. No entanto, após examinar outros registros de campo, pude perceber que a atitude de Marcelo não era inédita, pois já havia ouvido (mas não presenciado) relatos de situações semelhantes em outros eventos. Ver aquilo de perto me deixou impactado e me fez pensar sobre a noção de ética na prática do rolimã. Há, principalmente por parte daqueles entusiastas da prática competitiva, inúmeros esforços de

⁴³ A remada no ar consiste em abrir e fechar os braços rapidamente, em um movimento circular, que se assemelha à braçada do nado peito. O intuito dessa técnica é substituir a remada no chão, quando esta não é permitida na competição, e fazer como que o sujeito/carrinho ganhe velocidade mais rápido durante a arrancada.

estabelecimento de regras e padrões. No entanto, a burla e a trapaça não parecem ser ações isoladas. Enquanto alguns tentam prejudicar o adversário, outros tentam ganhar vantagem criando novos dispositivos, técnicas e equipamentos inéditos. A disputa acontece muito antes da corrida propriamente dita e aprender tal prática pressupõe compreender as regras e transitar pelos ordenamentos éticos que nem sempre possuem limites bem estabelecidos.

Crianças, jovens e adultos estão constantemente engajados em disputas, alianças e conchavos. Nessa seara, a competição é um elemento primordial na prática do rolimã, diferindo-a tanto no campo vocabular, quanto semântico. Por isso, “brincar”, “andar” e “pilotar” os carrinhos de rolimã não são variações verbais de uma mesma prática, como já mencionado, mas designações de práticas com sentidos e significados distintos. A competição não é a única, mas certamente é um dos principais elementos que diferencia tais práticas. Apesar disso, os extremos – brincar e pilotar – não devem ser entendidos como opostos, ou seja, ausência de competitividade e inexistência de ludicidade, respectivamente. Todas as formas de se experimentar a prática do rolimã envolvem tais elementos (competição e ludicidade), mas em proporções e configurações diferenciadas.

Para pesquisar “sobre” as crianças, foi preciso estar “com” elas em campo e, muitas vezes, isso significou estar em efetiva disputa com elas. Como minha intenção sempre foi observar de perto as crianças descendo as ladeiras em seus rolimãs, escutar os comentários e conversas que ocorriam entre elas logo após a chegada, assumi esse lugar diferenciado como o homem adulto que se aproxima e eventualmente disputa com as crianças. Essa tarefa não foi fácil e exigiu uma ação bastante atenta e sensível. No rolimã, para que haja uma disputa é preciso haver condições mínimas de paridade, ou seja, criança versus criança, piloto versus piloto, etc. Nos “encontros” do Mineirão, ao disputar com Benjamin (5 anos), André (5 anos) e Marcelo (11 anos), eu rompia com tal regra, por isso precisava dosar meu desempenho, para manter a competitividade em nossa relação. Mesmo tomando esse cuidado, por vezes, os meninos demonstravam certo descontentamento quando eram superados por mim em uma descida. André, que tem tamanho e peso inferiores aos de Benjamin e Marcelo, costumava ser o primeiro a descer para que os três pudessem estabelecer uma disputa mais franca. No meu caso, pesando duas ou até três vezes a mais que alguns deles, mesmo eles largando antes, facilmente conseguia alcançá-los. Certa noite, logo após uma descida onde

consegui alcançar Benjamin, o menino resolveu reorganizar as posições de largada, propondo que eu deveria descer depois de Juliana, sua mãe. André também opinou e disse que eu deveria vir depois de seu pai, ficando a frente apenas de Júnior que, com seus quase dois metros de estatura e mais de 100 quilos, era sempre o último a descer. A disputa com/entre os meninos tinha sempre um limiar tênue que dividia a excitação e o conflito. Se alguém se incomodava com sucessivas derrotas, costumava advogar por uma descida sem competição. Mesmo que isso acontecesse, por vezes, o pacto era quebrado ao final. A zombaria entre os meninos era muito comum, mas, nessa noite, André ficou deveras chateado e se afastou dos demais por um tempo, depois que Benjamin e Marcelo ficaram chamando-o de “levinho”.

No rolimã a rivalidade revela uma disputa narrativa e desenvolver uma habilidade discursiva é parte integrante do processo de tornar um praticante habilidoso. Nos termos nativos, a “zoação” é elemento fundamental na prática do rolimã, seja “brincando”, “andando” ou “pilotando”, por crianças, jovens ou adultos. Essa disputa verbal entre os adultos ganha contornos ainda mais complexos e abrangentes quando transcendem os “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp” e reverberam nos grupos de mensagens das equipes e agremiações. Leandro (43), por exemplo, é um exímio piloto da Equipe Sapolândia, mas seu reconhecimento não foi forjado apenas pelos seus feitos nas pistas. Seu sofisticado senso de humor e sua habilidade para fazer e receber “zoações” faz dele um forte oponente nas batalhas narrativas, seja nos eventos ou nos grupos de mensagens. Mesmo que se consiga dar uma “bina”⁴⁴ nele, é preciso pensar duas vezes antes de decidir tripudiá-lo. Com uma irreverência singular, recebe bem as “zoações” e está sempre munido de argumentos, fotos, áudios e vídeos que desconsertam facilmente seus oponentes nos grupos de mensagens. Ao contrário de Leandro, alguns pilotos extremamente habilidosos nas pistas preferem não se aventurar na disputa de palavras. Há relatos de pessoas que abandonaram a prática do rolimã por discussões ocorridas nos grupos de mensagens ou por não concordarem com esse hábito entre os pilotos de “zoar” e ser “zoados”. Assim como Stephens e Delamont (2010) citam a malícia como um elemento constituinte na aprendizagem da capoeira, no rolimã, tornar-se um

⁴⁴ Termo nativo que designa uma vitória expressiva de um oponente sobre outro durante uma descida de rolimã.

praticante habilidoso requer múltiplas aprendizagens que se estabelecem nas relações com diferentes sujeitos, objetos e ambientes.

5.2.4. O Risco

Até aqui ficaram destacadas as influências das características das pistas, do design dos carrinhos e das disputas entre os sujeitos na prática do rolimã. No entanto, proponho pensar também nas possíveis influências que esse sistema sujeito-objeto-ambiente sofre com os riscos inerentes a essa prática.

A competição entre os grupos de crianças, jovens, adultos e até mesmo idosos, pressupõem a presença de um ou vários oponentes que, por conseguinte, precisam ser observados e perseguidos. Tais elementos elevam a complexidade da tarefa e, conseqüentemente, o risco, tornando cada descida singular e imprevisível. Sandseter (2009) usa o termo *risky play* (brincadeira arriscada) para caracterizar alguns tipos de brincadeira que envolvem ao menos um dos seguintes aspectos: alturas, velocidade, ferramentas perigosas, elementos perigosos (ex.: fogo), confronto corporal (ex: lutas) e onde as crianças podem se perder. No rolimã, os riscos envolvidos estão intimamente ligados à velocidade. Ao mesmo tempo em que limita, o risco se revela como elemento primordial à prática do rolimã e, apesar de ser notado de forma mais evidente no início do processo de aprendizagem, se mantém presente durante toda a trajetória do indivíduo como essa prática. Os relatos do pai de Benjamin (5 anos) ajudam a sustentar essa tese.

Em um dos “encontros” no Mineirão, Henrique revelou que seu filho não vinha mais demonstrando interesse em “andar” de rolimã na Praça do Papa, pois “não achava mais graça”. Esse foi o local onde o menino iniciou sua trajetória com a prática em 2019, mas, desde então, experimentou pistas com declives bem mais acentuados e trajetos mais longos. A “graça” que Benjamin busca no rolimã está relacionada à possibilidade explorar suas habilidades com seu carrinho, algo que a pista da Praça do Papa não o oferece mais. O desejo pela prática não pode ser dissociado dos desafios que ela oferece e a redução drástica do risco pode levar ao desinteresse do sujeito pela prática (APTER, 2007; SAWYERS, 1994).

Stephenson (2003) faz uma importante distinção entre os termos risco (*risk*) e perigo (*hazard*). O risco é algo assumido de forma gradual, calculada e autônoma. A

decisão de se arriscar parte do sujeito que se arrisca e não de outrem. No entanto, perigo é uma denominação mais apropriada a situações onde o sujeito se coloca, ou é colocado, de maneira consciente, ou não, em um risco desproporcional à sua capacidade de agência. Nesse sentido, as brincadeiras arriscadas (*risky play*) envolvem uma experiência desafiadora, onde a segurança é equilibrada em relação ao desafio e a probabilidade de ferimentos graves é pequena (STEPHENSON, 2003).

Assim como o relato anterior do pai de Benjamin que desde que começou a “andar” no Mineirão, o menino “não vê mais graça” na Praça do Papa, entre os pilotos adultos, há também uma constante busca por novas pistas e desafios. A RMBH é conhecida por sua topografia íngreme, ocasionando em inúmeras vias públicas com declives acentuados, ideais para aqueles que desejam “pilotar” seus rolimãs em velocidades extremas. Mesmo havendo vários morros conhecidos e consagrados entre os pilotos, quando alguém encontra um novo local apropriado, a notícia é sempre comemorada. Apesar do relevo favorável, essa tarefa não é tão simples, pois exige que a via seja asfaltada, tenha poucos buracos, baixo fluxo de veículos, pouca vigilância do poder público e não possua “olhos-de-gato”⁴⁵. Essas pistas são encontradas nas “brechas”⁴⁶ (LANSKY, 2012, p.22) da cidade, em novos loteamentos, estradas interditadas e vias afastadas com pouca edificação.

Essa busca por novas ladeiras é mobilizada por alguns fatores. Por um lado, alcança um desejo conhecido entre as equipes de “conquistar” novos morros, pois quando encontram um novo local para realizar seus “rolês”, “corujões” ou “gp’s”, costumam atribuir à pista, o nome da própria equipe. Essa é uma forma de demarcar um território que, apesar de público e acessível a qualquer um, fica registrado como “pertencente” a uma determinada equipe. Nessa disputa simbólica, existe a possibilidade de “tomar o morro” de uma equipe adversária. Isso acontece quando um dos integrantes da equipe visitante dá uma “bina” nos pilotos detentores do morro. Esse tipo de disputa costuma acontecer entre equipes de uma mesma

⁴⁵ Termo nativo para o catadióptrico, um dispositivo de reflexão e refração de luz utilizado na sinalização de faixas e vias, que promove um pequeno ressaltado na pista. Acesso em 26/05/2022 pelo site: <https://www.detran.mg.gov.br/duvidas-frequentes/glossario>

⁴⁶ Em sua tese de doutorado intitulada “Na cidade, com crianças: uma etno-grafia espacializada” Lansky (2012) se inspira no conceito de “táticas” Certeau (1994, p.47) e “abertura” Lefebvre (1991, p.14) para cunhar o termo “brecha”, que representa o engajamento das crianças nos espaços públicos, subvertendo a ordem imposta à elas de segregação, confinamento, falta de autonomia e espaços para brincar. No rolimã, o termo traduz bem o movimento de insubordinação dos grupos e equipes aos regramentos impostos pela ordem urbana.

agremiação, ou seja, entre as equipes do grupo “Rolimã BH Minas” ou do “Rolimã das Gerais”, pois a contenda existente entre tais grupos impede que seus “rolês” sejam feitos de forma conjunta. Esse aspecto revela que a rivalidade precisa se somar à empatia, para que pilotos e equipes possam materializar suas disputas narrativas em duelos pelas pistas. Isso significa que, pilotos adversários são, sobretudo, amigos. Se a disputa no asfalto ultrapassa os limites da boa convivência, pilotos e equipes tendem a se afastar.

Além disso, outro motivo que faz com que as agremiações busquem novos morros é o desafio de lidar com novos trechos, curvas, declives, velocidades e assim, correr novos riscos. Uma pista nova requer novas aprendizagens. Isso fica mais evidente no costume de se fazer uma volta de “reconhecimento de pista” sempre antes de realizar uma disputa. Essa volta serve para os pilotos reconhecerem minimamente as características da pista e a partir daí estabelecerem suas estratégias para a corrida. Uma pista inédita é sempre uma oportunidade de realizar improvisos, superar o desconhecido e experimentar novas nuances do risco inerente a essa prática. Sobre esse aspecto, Ingold (2000) utiliza o exemplo de caçadores e coletores para examinar a relação entre habilidade e improviso:

Assim, caçadores e coletores, seguindo os caminhos de seus ancestrais enquanto caminham pelo terreno, lembram enquanto caminham. O importante, para eles, é que o processo continue em andamento, não que deva produzir réplicas precisas do desempenho passado. Na verdade, "manter o andamento" pode envolver uma boa dose de improvisação criativa. Uma habilidade bem lembrada é aquela que responde com flexibilidade a condições ambientais sempre variáveis. Assim, não há oposição, nos termos do modelo relacional, entre continuidade e mudança (INGOLD, 2000, p.141. Tradução própria.).

O risco é um elemento ambivalente, pois ao mesmo tempo em que mobiliza, também limita a prática do rolimã. Entre os pilotos adultos, as fronteiras entre o risco e o perigo apesar de não serem óbvias e bem definidas, estão longe de serem abstratas. Escoriações importantes e lesões graves ocorridas no passado servem de alerta aos pilotos iniciantes e também àqueles mais relapsos. Apesar disso, o episódio mais grave já ocorrido nesse movimento recente do rolimã na RMBH, é um dos menos comentados. A morte de Luzimar, um piloto da cidade de Divinópolis, ocorrida em 2018, deixou equipes e pilotos muito impactados. Essa tragédia ocorreu ao final de um “rolê”, na própria cidade do piloto. Depois de horas pilotando e

travando disputas com pilotos da região, Luzimar decidiu fazer uma última descida na ladeira que costumava descer há anos. Depois de ter tirado seus equipamentos de segurança, o piloto desceu a ladeira, perdeu o controle de sua “nave” na última curva, bateu na calçada e foi projetado por cima do carrinho até colidir com um poste de sinalização. Segundo relatos, sua *causa mortis* foi um politraumatismo que ocasionou na falência de múltiplos órgãos. Além da consternação coletiva, esse fato, ainda hoje, gera grande incômodo, porque além da grande e negativa repercussão midiática (ANEXO IV), estabelece questionamentos muito caros sobre os limites, sentidos e significados dessa prática. Apesar de todas as intercorrências graves, a pilotagem em alta velocidade de carrinhos de rolimã não desmobilizou seus praticantes, mas criou inúmeras regras, procedimentos e tecnologias de segurança para equilibrar a relação risco/perigo advinda dessa prática.

Entre as crianças, o “brincar”, o “andar” e o “pilotar” um carrinho de rolimã é percebido e repercutido de formas distintas. Entre as próprias crianças, o risco é um sentimento que pode desencadear um desejo ou uma repulsa pela prática. Essa ambivalência de sentimentos é repercutida também entre os adultos. As mulheres, particularmente as mães, tendem a ser mais zelosas e preocupadas com as crianças. Os homens demonstram, ou simulam demonstrar, uma maior audácia e confiança na interlocução com as crianças em seus rolimãs. Em um “encontro” ocorrido na Rua dos Americanos, pude observar como esses papéis sociais de “pais” e “mães” se manifestam de maneiras distintas, nas várias formas de experimentação dessa prática. Ricardo (12) estava presente nesse “encontro”, pois havia sido comunicado que haveria a disputa de um troféu. Em conversa com os pais, tanto o pai como a mãe trouxeram relatos orgulhosos sobre as conquistas alcançadas pelo menino. Ambos demonstraram também certa preocupação com a segurança do “encontro” naquele dia, pois não havia uma plena interdição da rua. O pai se comportava como um técnico esportivo, instruindo o garoto a fazer o reconhecimento da pista, dando orientações de segurança para a chegada, sugerindo a utilização de técnicas na arrancada, etc. A mãe estava sempre atenta, com os olhos voltados para o filho e para a rua. Mesmo quando conversava comigo, raramente tirava os olhos do menino. Apesar de seu filho ter 12 anos e gozar de boa autonomia nos eventos de rolimã, a mãe estava bastante incomodada com a presença dos carros circulando pela rua destinada ao “encontro”. Na conversa que tivemos, contou de um acidente sofrido por Ricardo e endossou a importância do

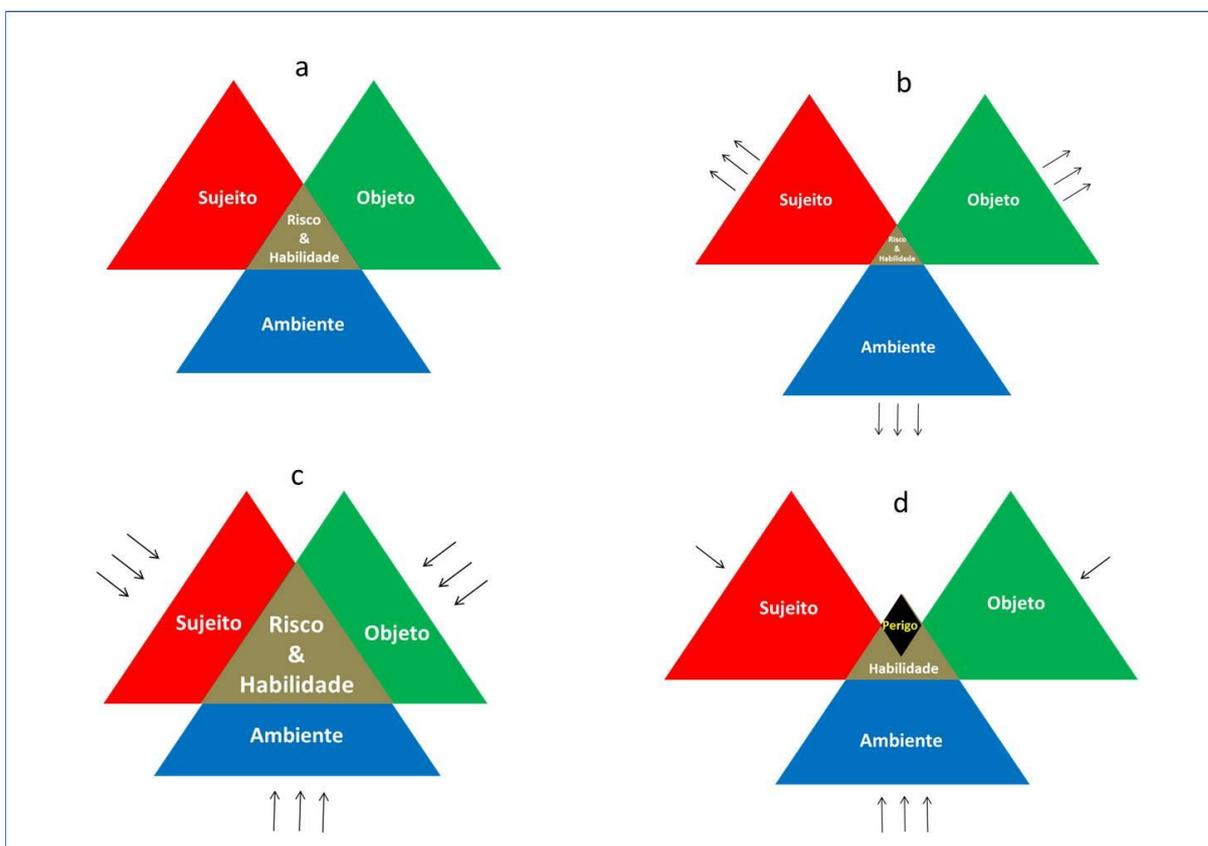
uso dos equipamentos de segurança. Outra mãe que me chamou a atenção nesse “encontro” foi a de Joaquim (6 anos). Pela pouca idade, sua autonomia tinha limites muito bem estabelecidos. Toda vez que o menino subia a rua, a mãe determinava, aos berros, o limite da descida: “- Joaquim, aí tá bom! Não vai muito alto!” Seu pai, sempre o aguardava no final da rua, dando orientações para o menino puxar o freio e entrando em sua frente para garantir que ele não passaria do limite da esquina. Apesar de haver uma grande diferença de idade entre os meninos e na forma de experimentar a prática (brincando e pilotando), o comportamento dos pais de Ricardo e de Joaquim guardavam certas semelhanças. As mães demonstrando, sem qualquer constrangimento, preocupação com a segurança de seus filhos e os pais assumindo posturas mais voltadas para a instrução de condução e controle dos carrinhos. Os comportamentos dessas duas famílias aludem a papéis sociais mais abrangentes, relacionados às noções de maternidade e paternidade.

Sobre essa questão, Brussoni *et al.* (2013) realizaram um estudo qualitativo com 18 casais heterossexuais canadenses com filhos de 2 a 7 anos e verificaram a tomada de decisão e as negociações relacionadas à segurança das crianças e seus envolvimento em atividades recreativas arriscadas. A maioria dos casais percebeu que os homens se sentiam mais à vontade com o risco do que as mulheres, e surgiram três padrões de comportamento: os pais como especialistas em risco; as mães como questionadoras dos riscos assumidos pelos pais; e os pais reconhecendo as preocupações de segurança das mães, mas persistindo em atividades de risco.

Não se trata de estabelecer generalizações ou reforçar estereótipos, mas os casos de Joaquim e Ricardo nos ajudam a compreender que o lugar da mãe, nos eventos de rolimã, está associado a uma constante vigilância e preocupação. Por outro lado, o pai assume conduta mais incisiva e aproximada, pois cabe, quase que exclusivamente a ele, a tarefa de “ensinar” a criança a guiar (e conseqüente lidar com o risco) os carrinhos de rolimã.

Nesse sentido, proponho pensar a relação entre o risco e a aprendizagem na prática do rolimã, considerando que os constantes e necessários ajustes no sistema sujeito-objeto-ambiente proporcionam um progressivo aumento dos riscos e, conseqüentemente, das habilidades dos praticantes. Na FIGURA 23 está representada a relação estabelecida entre os elementos que constituem a aprendizagem nessa prática.

Figura 23 - Aprendizagem da prática do rolimã



Fonte – Próprio autor

A FIGURA 23a demonstra como a interação entre sujeito, objeto e ambiente constitui as habilidades na prática do rolimã que, por sua vez, pressupõe algum risco. Na FIGURA 23b está representada uma situação onde a pessoa se afasta da prática (setas divergentes). Quando isso acontece, a tríade sujeito-objeto-ambiente se distancia e a ausência de interação entre esses elementos leva a uma retração nas habilidades. Nesse caso, não se espera que haja uma perda completa de aprendizagem, mas uma redução gradativa. A FIGURA 23c representa uma situação oposta, onde a pessoa progressivamente se envolve com a prática (setas proporcionalmente convergentes). Essa aproximação concatenada entre sujeito-objeto-ambiente promove um refinamento das habilidades que, proporcionalmente, eleva o risco inerente a essa prática. Por fim, na FIGURA 23d está ilustrada uma situação onde o sistema opera de forma descoordenada. As setas convergentes mostram que há uma interação entre os elementos, porém o ambiente oferece um desafio desproporcional. Exemplificando, isso pode ocorrer quando a pessoa, ainda em processo inicial de aprendizagem, se arrisca inadvertidamente em uma pista

muito longa e íngreme. Nesse caso, o risco dá lugar ao perigo, pois não há uma plena coordenação entre o sujeito, o objeto e o ambiente.

Apesar de uma vasta literatura (BALL, 2019; BRUSSONI *et al.*, 2015; 2017; BUNDY *et al.*, 2009; ENGELEN *et al.*, 2013; KARSTEN, 2005) indicar que as brincadeiras arriscadas promovem melhoras à saúde, comportamento e desenvolvimento das crianças, o prisma analítico que se propõe aqui não almeja identificar os possíveis benefícios da prática do rolimã, mas compreender a relação entre o risco e a aprendizagem dessa prática. Destarte, apesar de o rolimã poder categoricamente ser compreendido como uma atividade arriscada, o risco não é um mero adjetivo ou característica desta prática, mas seu elemento essencial. O interesse e o desejo por “andar”, “brincar” ou “pilotar” um carrinho de rolimã estão fundamentalmente relacionados ao risco que essas experiências oferecem.

Vale destacar também que essa relação entre risco e habilidade não ocorre de forma linear. Quando a pessoa se arrisca de forma progressiva, a tríade sujeito-objeto-ambiente passa por um reordenamento e as habilidades do sujeito tendem a aumentar. Porém, à medida que esse processo de educação da atenção (INGOLD, 2001) se torna muito bem-sucedido, é possível que o ganho de habilidade não seja mais acompanhado de um aumento nos desafios, podendo haver uma manutenção ou diminuição do risco. Para se manter interessado e envolvido pela prática, o sujeito procura novas formas de aprofundar suas relações com outros sujeitos (ex.: propondo uma disputa), com o objeto (ex.: experimentando novas manobras) ou com o ambiente (ex.: experimentando novas pistas). No entanto, é importante ponderar que essa relação entre risco e habilidade não ocorre necessariamente de forma progressiva, no sentido da melhora ou da evolução, pois as fronteiras entre o risco e perigo não são bem definidas. Ao experimentar uma situação de efetivo perigo, com ou sem consequências graves, é possível que a relação entre sujeito-objeto-ambiente se retraia ou se rompa por completo. Sobre esse aspecto, a minha própria “participação observante” (WACQUANT, 2002, p. 23) foi base para tal análise. Em ao menos duas oportunidades, a relação entre o perigo e a confiança foram evidenciadas a mim pela experiência em campo.

A minha primeira participação em um “corujão” ocorreu em um sábado à noite, na Av. Américo Vespúcio. Logo na descida de reconhecimento da pista, tive a real dimensão do que significa atingir velocidades mais elevadas com os carrinhos de rolimã. Os primeiros metros dessa via são os mais íngremes e o carrinho ganha

velocidade muito rápido. Estava no meu carrinho e ainda não havia me habituado de forma satisfatória com o par de freios de calçados que Douglas, líder da Equipe Sapolândia, havia me emprestado. Rapidamente ganhei velocidade, ultrapassei algumas pessoas e percebi que não estava conseguindo estabilizar meu carrinho. Passei a primeira lombada, o carrinho ganhou mais velocidade, a guia parecia estar completamente solta. Na segunda lombada, meu carrinho saltou e, assim que toquei no asfalto, perdi o controle da guia, o carrinho deu um giro completo e bati no canteiro central. Por sorte, a rotação do carrinho reduziu a velocidade e o choque não foi muito forte. Geraldo parou para verificar se eu precisava de ajuda. Apesar do arranhão no antebraço esquerdo, sinalizei que estava tudo bem e seguimos adiante, mas em velocidades bem baixas, pois já estávamos no trecho menos íngreme da pista. Nas descidas seguintes, fui mais cauteloso, utilizei de forma mais ostensiva os freios de calcanhares e abandonei meu principal instrumento de pesquisa, passando a usar os carrinhos dos colegas. Apesar do turbilhão de sentimentos desencadeados pela primeira descida, foi graças ela que experimentei uma velocidade no carrinho de rolimã que até então desconhecia.

Em outra oportunidade, vi minha confiança abalada por um acidente inesperado, em um dos “encontros” no bairro Buritis. Naquele dia, fui um dos primeiros a chegar e decidi fazer uma descida de aquecimento. Ao invés de parar na primeira esquina da via, resolvi ir mais adiante e finalizar na segunda interseção. O carrinho ganhou um pouco mais de velocidade e, como conhecia bem a pista, abri a curva para finalizar a descida com um “zerinho”. Durante a execução da manobra, enquanto o carrinho derrapava em um movimento circular, o rolimã traseiro do lado direito entrou em um pequeno buraco, fazendo com que o movimento fosse abruptamente interrompido, causando uma capotagem. O capacete evitou que o acidente tivesse grandes consequências físicas, mas além do braço direito escoriado, minha confiança naquele dia ficou severamente abalada.

Por isso, ainda que existam retrocessos, a aprendizagem da prática do rolimã pressupõe interesse e desejo e isso, necessariamente, passa pela assunção de riscos. Esse processo pode se dar de maneira progressiva ou de forma mais aguda, mas essas ações têm como propósito um reajuste no risco inerente à prática e, ao se arriscar, o sujeito aprende.

Nesta última seção coloquei em destaque elementos basilares dos processos de aprendizagem e participação das crianças nos eventos de carrinhos de rolimã da

RMBH. Para tanto, dissertei sobre as trajetórias de alguns meninos e meninas que protagonizaram os trabalhos de campos e revelaram particularidades e constâncias, mas também conflitos e divergências inerentes a tal prática. As observações e registros sobre o grupo pesquisado se somaram às minhas próprias experimentações e produziram um arcabouço empírico que apontaram para uma interação indissociável entre ambiente, objeto, sujeito e o risco na aprendizagem de uma prática essencialmente situada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, propus uma compreensão mais acurada sobre o fenômeno dos eventos de carrinhos de rolimãs que vêm estabelecendo nessa última década na RMBH. Para tanto, foi necessário entender quem são e como se organizam os sujeitos e grupos envolvidos em tal prática; identificar quais os lugares e eventos de rolimã mais recorrentes na RMBH; analisar e compreender as relações estabelecidas entre crianças, adultos, o contexto e as coisas; e descrever as formas de participação e aprendizagem das crianças com a prática do rolimã.

As primeiras impressões indicavam que tal fenômeno se tratava de uma ação ampla, coesa e coordenada de um grupo de pessoas em torno de um mesmo propósito. Com uma permanência prolongada em campo, esse entendimento ganhou contornos mais sinuosos e complexos. Apesar de cronologicamente esse movimento ter suas origens em um projeto denominado “Mundialito de Rolimã do Abacate”, as análises apresentadas centraram-se nas iniciativas estabelecidas por grupos que se inspiraram nesse projeto. O grupo “Rolimã das Gerais” foi criado em 2016 com o intuito de promover a prática do rolimã por meio de “encontros”, termo nativo designado a eventos com viés essencialmente lúdico, onde a participação de crianças e aprendizes é sempre incentivada. Em 2017, dissidentes do “Rolimã das Gerais” criaram o grupo “Rolimã BH Minas” que passou a se organizar de forma independente com agenda e eventos próprios, mas com a mesma estratégia de organização e divulgação através de redes sociais virtuais. O “Rolimã BH Minas” estabelece uma distinção bem clara em relação ao “Rolimã das Gerais”, com um intercâmbio maior com pessoas de outros estados e um propósito de promoção de uma prática competitiva do rolimã, através de “rolês”, “corujões” e “gp’s”.

Em um espectro temporal de agremiações e eventos relacionados ao rolimã, a última década foi marcada por alianças, rompimentos e disputas. A primeira tentativa de aliança foi entre o grupo “Rolimã das Gerais” e os organizadores do “Mundialito de Rolimã do Abacate”. O grupo que organizava os “encontros” do Mineirão possuía um grande volume de adeptos e o evento do bairro Salgado Filho, uma notável repercussão nas mídias televisivas. A união desses grupos parecia inevitável, mas não prosperou em função de uma contenda ocorrida no “Mundialito de Rolimã do Abacate” de 2018, envolvendo um integrante do grupo “Rolimã das

Gerais". Essa não foi a única, tampouco a maior, divergência entre os grupos de rolimã da RMBH. A mais impactante cisão no movimento talvez tenha sido a criação do grupo "Rolimã BH Minas". A partir dessa nova agremiação, equipes, eventos e pessoas tiveram que fazer escolhas. Por ser um *outsider* com intenções acadêmicas, eu era uma das poucas pessoas com trânsito livre dentro desses dois grupos.

Os eventos de rolimã organizados pelos grupos estudados caracterizam-se a partir de nomenclaturas, propósitos, públicos e dinâmicas distintas. Nos "encontros", fica evidente a participação e protagonismo das crianças, dos aprendizes e das mulheres. Nos "rolês", "corujões", "gp's" e eventos competitivos, a primeira impressão que se tem é que os homens são os grandes protagonistas. No entanto, apesar dessa presença feminina, ainda incipiente, mas simbolicamente importante entre os pilotos dos eventos competitivos, destaco também outras formas de participação das mulheres, que se manifestam de forma silenciosa e perimetral, mas relevante e necessária. Além de efetivamente viabilizarem boa parte da logística e organização de alguns eventos, a participação dos homens em "encontros", "rolês", "corujões" e "gp's", depende quase sempre do consentimento de suas mulheres. Dessa forma, o que o campo revelou gradativamente é que esses supostos lugares coadjuvantes ocupados pelas mulheres conferem a elas, de forma discreta, grande influência e poder nesse movimento do rolimã na RMBH.

Tal como as mulheres constroem diferentes formas de acesso e apropriação da/na prática do rolimã, o próprio movimento revela inúmeros enfrentamentos, disputas e restrições impostas pelo ordenamento de órgãos, instituições e agentes urbanos. Por isso, pilotos e equipes de rolimã, que estão sempre à procura de novas ladeiras e novos desafios, precisam sempre se esquivar das restrições impostas pelos regramentos da lógica urbana. Esse lugar/tempo marginal que a cidade frequentemente coloca a prática do rolimã repercute de diversas formas nessas pessoas que constituem o movimento.

A criação de grupos e equipes de rolimã promove um fortalecimento identitário entre os entusiastas dessa prática que, apesar de polissêmica e multifacetada, alimenta um desejo comum na busca por legitimidade e reconhecimento. Uma das formas mais recorrentes que tais grupos adotam para divulgar a prática do rolimã é o registro de fotografias e vídeos nos eventos. O desejo de legitimação e reconhecimento une pessoas, equipes e grupos, mesmo

entre aqueles que se rivalizam dentro do movimento. Isso fica evidenciado quando surgem oportunidades de participação em eventos com grande repercussão midiática. Nessas “ocasiões é possível ver os dois maiores grupos de rolimã da RMBH, “Rolimã das Gerais” e Rolimã BH Minas” se juntarem para participar e promover a prática do rolimã. Nesse amplo, contraditório e complexo contexto de pesquisa, as trajetórias de algumas crianças contribuíram significativamente para compreensão de alguns aspectos relevantes da aprendizagem do/no rolimã.

Bárbara (3 anos) e Bruno (1)⁴⁷, filhos de Eduardo, organizador dos “encontros” do da Praça do Papa e do “Buritis”, mostraram como a aprendizagem da prática do rolimã pode ocorrer ao longo de um percurso histórico entre gerações. Em uma família onde os pais e os avós foram, e continuam sendo, praticantes do rolimã, aprender tal prática não requer grande esforço. Imersos em um cotidiano atravessado de inúmeras formas por essa prática, seja pelo ofício do pai, ou pelos hábitos de lazer, o incentivo ou *affordance* (GIBSON, 2014) se materializa nos carrinhos fabricados em tamanhos personalizados e nos suportes (ex.: quando Bruno andava no colo do pai e da irmã) para uma experimentação diversa e reiterada da prática, em um moto contínuo que produz a prática, ao mesmo tempo em que produz seus praticantes (GOMES e FARIA, 2015).

Joaquim (6 anos) me ensinou que a aprendizagem do rolimã pode acontecer em contextos inesperados, em um processo difuso e diacrônico. A presença do menino na primeira etapa da Copa Sudeste de Rolimã, ocorrida em junho de 2022, no morro do Cavalo Doido, em Brumadinho, oportunizou a ele experiências singulares. Apesar de o evento não ter sido organizado em prol da participação das crianças, Joaquim foi presenteado pela organização do evento com um carrinho de rolimã novo, com tamanho apropriado à sua estatura e fez um grande sucesso ao conseguir pilotar outro carrinho de apenas uma roda. Em seu retorno ao Mineirão, na semana seguinte, o menino estava radiante, pois sua participação no campeonato em Brumadinho, além de ter rendido um novo carrinho, parece tê-lo colocado em outro patamar de confiança com a prática. O primeiro indício dessa mudança foi a sua plena segurança em descer toda a extensão da pista, sem hesitar no trecho de curva esburacado. Outros sinais de sua evolução foram o aumento perceptível de sua velocidade nas descidas e as sucessivas tentativas de zerinho de

⁴⁷ No início da pesquisa Bruno e Bárbara e tinham um e três anos de idade, mas atualmente estão com seis e quatro, respectivamente.

frente e de costas. No evento ocorrido no Morro do Cavalo Doido, além de experiências múltiplas com a prática, Joaquim viu e foi visto, torceu pelos pilotos e foi incentivado e enaltecido por eles. Aquela competição não levou em consideração a presença das crianças, mesmo assim, Joaquim encontrou o seu lugar, se engajou de diversas formas (praticante, ajudante, torcedor, etc), ganhou reconhecimento e experimentou múltiplas aprendizagens.

Ricardo (12 anos), Bernardo (13 anos), Natã (13 anos) e Carlos (14 anos) me ajudaram a perceber que o engajamento na prática do rolimã por parte das crianças, não depende apenas de um interesse pessoal, mas de estruturas sociais mais amplas. Em uma breve disputa ocorrida entre esse quarteto em um “encontro” na Rua dos Americanos, esse aspecto ficou muito evidente. Ricardo chegou ao encontro acompanhado dos pais, que vieram de Contagem (cidade circunvizinha) e trajava calça, tênis, capacete, blusa personalizada de piloto, colete de motocross, proteção para os cotovelos e um carrinho especialmente projetado para ele. Bernardo, Natã e Carlos eram amigos, moradores da região, usavam chinelos, bermudas, camisetas e não possuíam qualquer equipamento de segurança. Seus carrinhos foram emprestados pelo organizador do evento. Esse grupo de meninos colocou em destaque duas formas distintas de acesso e experimentação da prática do rolimã. Ricardo não costuma “andar” de rolimã nos arredores de sua casa, pois essa prática não faz parte da dinâmica cotidiana da localidade onde ele reside. No entanto, isso não impede que o menino mobilize seus pais para buscar outros contextos (“encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”) onde a prática do rolimã acontece. Por outro lado, Bernardo, Natã e Carlos têm suas vivências relacionadas ao rolimã circunscritas à dinâmica da prática ofertada na localidade onde moram. Se por um lado, esses meninos não gozam da mesma condição socioeconômica de Ricardo, que o permite transitar dentro e fora da cidade para “andar” de rolimã, por outro, os meninos do bairro Milionários não dependem do desejo e da disposição de seus familiares para experimentar tal prática, que lhes é cotidianamente oportunizada na ladeira da Rua dos Americanos. As apropriações desses meninos com a prática do rolimã fortalecem o entendimento central proposto por Lave (2015) na teoria da prática social de que toda atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas (feita de, é parte das) relações entre pessoas, contextos e práticas.

Na esteira dessa discussão, finalizo com as trajetórias de Benjamin (5 anos) e André (5 anos)⁴⁸ que me oportunizaram um registro e análise temporal mais prolongado de suas aprendizagens da/na prática do rolimã. Com incentivos materiais (carrinhos próprios), miméticos (participação efetiva da família na prática) e simbólicos (desejo dos pais) Benjamin e André construíram um progressivo engajamento com a prática do rolimã. As primeiras descidas ocorreram em 2019, na praça do Papa, em uma descida de apenas 70 metros de extensão e um leve declive. Em 2020, em decorrência do fechamento da Praça do Papa, devido à pandemia do Coronavírus, os meninos passaram a frequentar os “encontros” do Buritis. Nesse local, novos desafios e oportunidades se apresentaram aos meninos. A rua, de trecho mais longo e declive mais acentuado, trouxe para eles o desafio de experimentar velocidades maiores com os carrinhos. Com isso, novas oportunidades de aprendizagem também surgiram. Inicialmente, a utilização dos freios foi essencial, pois permitiu um reconhecimento desse novo trajeto, um aumento gradativo na velocidade das descidas, o desenvolvimento de algumas técnicas e a aprendizagem de novas manobras. No final do ano, nos meses de novembro e dezembro de 2020, os meninos se viram diante de outro desafio, o Mineirão. Além de trechos maiores, os “encontros” na esplanada desse estádio reúnem pessoas de diversas idades e localidades da cidade. De famílias a equipes de competição, esse local recebe pessoas com experiências diversas, mas desafia os aprendizes a compreenderem a dinâmica peculiar que se estabelece ali, em torno da prática do rolimã. Apesar de aprendizes nesse “encontro”, Benjamin e André já possuíam um histórico com a prática. Ao poucos os meninos perceberam o ambiente, ajustaram suas ações e se legitimaram como praticantes habilidosos. Esse processo de aprendizagem deve ser compreendido mais pela “noção de participantes cambiantes na prática em curso, do que por pressuposições naturalizadas sobre aquisição de conhecimentos” (LAVE, 2015, p. 40). Isso significa que, Benjamin e André não adquiriram conhecimentos acerca do rolimã, mas aprenderam na/com a prática, o que “envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo” (LAVE, 2015, p. 41).

Para além dessa rica trajetória, um breve, mas revelador comentário de Henrique, pai de Benjamin, descortinou um aspecto fundante da prática do rolimã.

⁴⁸ No início da pesquisa Benjamin e André tinham cinco anos de idade, mas atualmente estão com oito.

Em 2021, em um dos “encontros” no Mineirão, Henrique revelou que seu filho não vinha mais demonstrando interesse em “andar” de rolimã na Praça do Papa, pois “não achava mais graça”. Esse foi o local onde o menino iniciou sua trajetória com a prática do rolimã em 2019, mas, desde então, experimentou pistas com declives bem mais acentuados e trajetos mais longos. A “graça” que Benjamin busca no rolimã está relacionada à possibilidade de explorar suas habilidades com seu carrinho, algo que a pista da Praça do Papa não lhe oferece mais. O desejo pela prática não pode ser dissociado dos desafios que ela oferece e a redução drástica do risco pode levar ao desinteresse do sujeito pela prática (APTER, 2007; SAWYERS, 1994). Nesse sentido, afirmo que a relação entre o risco e a aprendizagem na prática do rolimã, considerando os constantes e necessários ajustes no sistema sujeito-objeto-ambiente, proporciona um progressivo aumento das habilidades de seus praticantes.

Vale destacar também que essa relação entre risco e habilidade não ocorre de forma linear. Quando a pessoa se arrisca de forma progressiva, a tríade sujeito-objeto-ambiente passa por um reordenamento e as habilidades do sujeito tendem a aumentar. Porém, à medida que esse processo de habilitação (*enskilment*) (INGOLD, 2001) se torna muito bem-sucedido é possível que o ganho de habilidade não seja mais acompanhado de um aumento nos desafios, podendo haver uma manutenção ou diminuição do risco. Para se manter interessado e envolvido pela prática, o sujeito procura novas formas de aprofundar suas relações com outros sujeitos (ex.: propondo uma disputa), com o objeto (ex.: experimentando novas manobras) ou com o ambiente (ex.: experimentando novas pistas). Esse processo pode se dar de maneira progressiva ou de forma mais aguda. Essas ações têm como propósito um reajuste no risco inerente à prática e, ao se arriscar, o sujeito aprende. No entanto, é importante ponderar que essa relação entre risco e habilidade não ocorre necessariamente de forma progressiva, no sentido da melhora ou da evolução, pois as fronteiras entre o risco e perigo não são bem definidas. Ao experimentar uma situação de efetivo perigo, com ou sem consequências graves, é possível que a relação entre sujeito-objeto-ambiente se retraia ou se rompa por completo. De qualquer forma, ainda que existam retrocessos, a aprendizagem da prática do rolimã pressupõe interesse e desejo e isso, necessariamente, passa pela assunção de riscos.

Dessa forma, ao buscar um entendimento mais burilado sobre os sujeitos, lugares e aprendizagens concernentes aos eventos de carrinho de rolimã na RMBH, encontrei um movimento marcado por disputas (entre grupos e pessoas), interesses e apropriações múltiplas (“brincar”, “andar” e “pilotar”) que limitam, ao mesmo que conformam, uma comunidade de prática (LAVE; WENGER, 1991). Nesse cenário, homens e mulheres, adultos e crianças, aprendizes e veteranos, participam, constituem e são constituídos (LAVE, 2019) por uma prática polissêmica (esporte ou brincadeira?), contraditória (diversão ou risco?) e invariavelmente situada (“encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”). Por isso, “brincar”, “andar” ou “pilotar” um carrinho de rolimã são habilidades que não se estabelecem por um acúmulo de representações mentais que se convertem em movimentos corporais, mas por uma agência perceptiva, através de um processo de educação da atenção (INGOLD, 2000).

Nesse sentido, é possível afirmar que os eventos de rolimã, guardadas suas características, são contextos de múltiplas aprendizagens, sobretudo para as crianças. Isso nos ajuda a contestar a sistemática e progressiva segregação socioespacial das crianças nas metrópoles modernas, que resultam em casos de confinamento e controle excessivo para alguns grupos e marginalização para outros (LANSKY; GOUVÊA; GOMES, 2014). No entanto, olhando por um prisma sociohistórico, são necessárias algumas ressalvas. Se por um lado ainda existam contextos onde as crianças possuem autonomia suficiente para organizar suas práticas com o rolimã em vias públicas, o próprio surgimento do fenômeno aqui estudado é bastante revelador. Ainda que as crianças encontrem caminhos e construam novos sentidos e significados para essa prática, os eventos de rolimã da RMBH são pensados, concebidos e organizados por adultos. Os dados produzidos aqui não são suficientes pra estabelecer análises comparativas com as formas de experimentação dessa prática em contextos de outrora. Entretanto, os eventos aqui estudados indicam mudanças no sentido de uma sofisticação material e simbólica, além de uma nevrálgica relação de dependência com a figura do adulto.

Sem a pretensão de forjar análises conclusivas e totalizantes, avalio que o presente estudo se soma, de forma modesta, mas pertinente, a um amplo e contemporâneo campo de pesquisa que vêm dando visibilidade às aprendizagens que emergem dos espaços públicos urbanos e às diversas formas de ser e estar das crianças nas cidades.

REFERÊNCIAS

APTER, Michael J. **Danger: Our Quest for Excitement**. Londres: Oneworld, 2007.

BALL, David J.; BRUSSONI, Mariana; GILL, Tim; HARBOTTLE, Harry; SIEGAL, Bernard. Avoiding a dystopian future for children's play. **International Journal of Play**, v. 8, n. 1, p. 3-10, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21594937.2019.1582844?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BERGO, Renata Silva. **Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática**. 2011. 249 f. Tese (Doutorado de Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-8M6HZ5/1/tese_renata_silva_bergo.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRUSSONI, Mariana; OLSEN, Lise; CREIGHTON, Genevieve; OLIFFE, John. Heterosexual gender relations in and around childhood risk and safety. **Qualitative Health Research**, v. 23, n. 10, p. 1388-1398, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1049732313505916>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRUSSONI, Mariana; GIBBONS, Rebecca; GRAY, Casey; ISHIKAWA, Takuro; SANDSETER, Ellen Beate Hansen; BIENENSTOCK, Adam; CHABOT, Guylaine; FUSELLI, Pamela; HERRINGTON, Susan; JANSSEN, Ian; PICKETT, William; POWER, Marlene; STANGER, Nick; SAMPSON, Margaret; TREMBLAY, Mark. What is the relationship between risky outdoor play and health in children? A systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 12, n. 6, p. 6423-6454, 2015. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/12/6/6423>. Acesso em: 15 jul. 2022

BRUSSONI, Mariana; ISHIKAWA, Takuro; BRUNELLE, Sara; HERRINGTON, Susan. Landscapes for play: Effects of an intervention to promote nature-based risky play in early childhood centers. **Journal of Environmental Psychology**, v. 54, p. 139-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.11.001>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BUNDY, Anita C.; LUCKETT, Tim; TRANTER, Paul J.; NAUGHTON, Geraldine A.; WYVER, Shirley R.; RAGEN, Jo; SPIES, Greta. The risk is that there is 'no risk': a simple, innovative intervention to increase children's activity levels. **International Journal of Early Years Education**, v. 17, n. 1, p. 33-45, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669760802699878>. Acesso em: 10 fev. 2022.

CAMPOS, Túlio. **A Escola e a Cidade**: experiências de crianças e adultos em excursões na Educação Infantil. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvêa. 2019. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. DOI <http://hdl.handle.net/1843/32669>. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32669>. Acesso em: 19 jul. 2022.

CAMPOS, Túlio; GOMES, Aline Regina. Infâncias e Cidade: experiências no contexto de territórios educativos. In: ENDIPE, 18, 2016, Cuiabá. **Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo**: cenas da Educação Brasileira. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2016. p. 643-647. Disponível em: <http://docplayer.com.br/128500282-Infancias-e-cidade-experiencias-no-contexto-de-territorios-educativos.html>. Acesso em: 03 abr. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHRISTENSEN, Pia Haudrup; MIKKELSEN, Miguel Romero; NIELSEN, Thomas Alexander Sick; HARDER, Henrik. Mobilidades cotidianas das crianças: combinando etnografia, gps e tecnologias de telefone móvel em pesquisa. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014128646>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COELHO, Luciano Silveira. **Infância, aprendizagem e cultura**: as crianças pataxó e as práticas sociais do Guarani. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8MLM2T/1/coelho_l_s_2011.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. Singularidades do tornar-se etnógrafo a partir de uma etnografia com crianças indígenas. **DESIDADES - Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, n. 32, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/download/44091/28824>. Acesso em: 20 mai. 2022.

COHN, Clarice. **A criança indígena**: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. 2000. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/31424605/cohdiss.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

COSTA, Lucio. Brasília revisitada 1985/87. **Revista Projeto Nº 100**. Brasília: Projeto Editores Associados, 1987, p. 115-122. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/brasil-ia-revisitada-1985-1987-por-lucio-costa/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**: Nova Série: Antropologia, n. 27, 1978. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/download/49240/26886>. Acesso em: 05 abr. 2022.

_____. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, p.

19-42, 1982. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/60601441/damattauniversoaula20190915-30619-qikixr.pdf> . Acesso em: 03 ago. 2022.

_____. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/26954/28732>. Acesso em: 03 ago. 2022.

DEBORTOLI, José Alfredo. Múltiplas linguagens. *In*: CARVALHO, Alysso (Org.) **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio; SENRA, Estevão Benfica; PIMENTA, Jennifer Gonçalves Ayres; BARBOSA, Raquel Souza. As experiências de infância na metrópole. *In*: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Org.). **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ENGELEN, Lina; BUNDY, Anita C.; NAUGHTON, Geraldine; SIMPSON, Judy M.; BAUMAN, Adrian Ernest; RAGEN, Jo; BAUR, Louise; WYVER, Shirley; PERRY, Gabrielle; JESSUP, Glenda. VAN DER PLOEG, Hidde P. Increasing physical activity in young primary school children—It's child's play: A cluster randomised controlled trial. **Preventive Medicine**. v.56, n.5, p 319–325, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2013.02.007>. Acesso em: 09 jan. 2022.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Trad. Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Being affected. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 435-445, 2012. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.14318/hau2.1.019>. Acesso em: 29 jul. 2022.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências**

do Esporte. Campinas. v.30, n.3, p.95-110, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/254v> Acesso em: 29 jul. 2022.

GIBSON, James J. The theory of affordances. The ecological approach to visual perception. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

_____. **The ecological approach to visual perception:** Classic Edition. East Sussex, UK: Psychology Press, 2014.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v. 10, n.1, p. 116-173, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3012>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. **PontoUrbe**, ano 2, p. 1-14, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1750>. Acesso em: 13 set. 2019.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Escolarização estranhamento e cultura. In: **CONBRACE, 15, CONICE, 2.** Recife, 2007. Anais... Recife: CBCE, 2007. p. 132-144.

GOMES, Ana Maria Rabelo.; FARIA, Eliene Lopes. Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. SPE, p. 1213-1228, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508144867>. Acesso em: 08 nov. 2019.

GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVEA, Maria. Cristina Soares. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (orgs.). **Infâncias na metrópole.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 47-69.

GOULART, Maria Inês Maфра. **A exploração do mundo físico pela criança:** participação e aprendizagem. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-6QRRUH>. Acesso em: 23 set. 2019

GUIMARÃES, Iara Vieira; LOPES, Jader Janer Moreira. As experiências espaciais das crianças no espaço urbano. **Educar em Revista**, v. 35, n. 73, p. 307-325. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.59690>. Acesso em: 09 out. 2020

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Caderno CEDES**, v. 18, n. 43, p. 8-25, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621997000200002>. Acesso em: 15 jul. 2020

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

_____. Beyond art and technology: The anthropology of skill. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). **Anthropological Perspective on Technology**. New Mexico, USA: University of New Mexico Press, Albuquerque, 2001. 17–32,

_____. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1925>. Acesso em: 16 jun. 2010.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2015.

KARSTEN, Lia. It all used to be better? Different generations on continuity and change in urban children's daily use of space. **Children's Geographies**, v. 3, n. 3, p. 275-290, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14733280500352912>. Acesso em: 15 nov. 2021

KARSTEN, Lia; KAMPHUIS, Annabel; REMEIJNSE, Corien. “Time-out” with the family: the shaping of family leisure in the new urban consumption spaces of cafes, bars and restaurants, **Leisure Studies**, Volume 34(2), 166-181, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02614367.2013.845241>. Acesso em: 01 jun. 2021.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental. **Educação e Sociedade**. Campinas. v. 27, n.96, – Especial. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000300009>. Acesso em: 25 mar. 2021

LANSKY, Samy. **Na cidade, com crianças**: uma etno-grafia espacializada. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8UQJDD>. Acesso em: 13 set. 2021

LANSKY, Samy; GOUVÊA, Maria Cristina Soares; GOMES, Ana Maria Rabelo. Cartografia das Infâncias em região de fronteira em Belo Horizonte. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 717-740. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014128647>. Acesso em: 10 fev. 2022

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press, 2005. 301p.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge Press, 1991. 138p.

LAVE, Jean. Teaching, as learning, in practice. **Mind, culture, and activity**, [s. l.], ano 3, v. 3, p. 149-164, 1996. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327884mca0303_2 . Acesso em: 21 abr. 2011

_____. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>. Acesso em: 15 mai. 2020

_____. **Learning and everyday life**. Cambridge University Press, 2019. 192p.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero: desafios atuais dos feminismos**, Florianópolis, ano 2013, v. 10, p. 1-11, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385055574_ARQUIVO_GiancarloMarquesCarraroMachado.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

_____. Skate na cidade, imagens da cidade: notas etnográficas sobre a conquista de picos. **Ponto Urbe [Online]**, [s. l.], ano 2012, v. 10, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.305>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em: 15 fev. 2022.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, v. 20, p. 13-38, 2010. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2276/2084> Acesso em: 27 ago. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A Diary in the Strict Sense of the Term**. California: Stanford University Press, 1989.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOULD, Michael. **The Routledge dictionary of cultural references in modern French**. Oxfordshire, UK: Routledge, 2020.

MUCHOW, M.; MUCHOW, H. H. The Life Space of the Urban Child. *In*: MEY, Gunter. (org.) **The Life Space of the Urban Child**: Perspectives on Martha Muchow's Classic Study. [S.l.]: Routledge, 2019. p. 63–146.

MÜLLER, Fernanda. Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 295-318, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623616161>. Acesso em: 23 set. 2020.

MÜLLER, Fernanda; NUNES, Brasilmar F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. **Educação e Sociedade, Campinas**, v. 35, nº. 128, p. 629-996, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-7330201435128129342>. Acesso em: 18 ago. 2019.

NUNES, Ângela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavantes. *In*: LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.) **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

OLIVEIRA, Karine Barbosa de. **Correr e viajar, isso é possível?**: A relação entre as corridas de rua e o turismo esportivo. 2022. 171 f. Tese (Doutorado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. A favor da etnografia. **Anuário Antropológico**, v.17, n.1, p. 197-223, 1993. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7404683.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.

PERROT, Michelle. O gênero da cidade. **História e Perspectivas**, Uberlândia (50), p. 23-44, 2014. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/historia_perspectivas/article/download/27517/15092/108279. Acesso em: 21 jun. 2022.

PIMENTEL, Álamo. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Revista Brasileira de Educação**. v. 20 n. 62, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206208>. Acesso em: 01 mai. 2020.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. *In*: PINTO, Manuel; SARMENTO, M. (Coord.). **Crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?** Religião e Infância no semi-árido nordestino. 2007. 227 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

_____. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, p. 225-270, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012007000100006>. Acesso em: 04 dez. 2018.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (Belo Horizonte). Fundação Municipal de Cultura (org.). **Virada Cultural**. Belo Horizonte, 26 jan. 2018. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/festivais/viradacultural>. Acesso em: 11 ago. 2020.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (Belo Horizonte). Portal Belo Horizonte (org.). **Praça Israel Pinheiro - Praça do Papa**. Belo Horizonte, 27 jun. 2019. Disponível em: <http://portalbelohorizonte.com.br/trade/principais-atrativos/praca-israel-pinheiro-praca-do-papa>. Acesso em: 13 out. 2020.

RODRIGUES, José Carlos. **Ensaios em antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.

SANDSETER, Ellen Beate Hansen. Categorising risky play—how can we identify risk-taking in children's play?. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 15, n. 2, p. 237-252, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13502930701321733>. Acesso em: 14 ago. 2020.

_____. Characteristics of risky play. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 9, n. 1, p. 3-21, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14729670802702762>. Acesso em: 13 out. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância**: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina S. (orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1166>. Acesso em: 17 fev. 2018.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; SAUTCHUK, João Miguel M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: sobre etnografias e engajamentos. **Mana**, v. 20, n. 3, p. 575-602, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000300006>. Acesso em: 09 out. 2019.

SAWYERS, Janet K. The preschool playground: Developing skills through outdoor play. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 65, n. 6, p. 31-33, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07303084.1994.10606937>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (MG). ESTADO DE MINAS GERAIS. EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº 02/2010 - SEPLAG. [Operação e manutenção, precedida de obras de reforma, renovação e adequação do COMPLEXO DO MINEIRÃO]. **Contrato de Concessão Administrativa**: órgão oficial do estado, Belo Horizonte, p. 1-72, 21 dez. 2010. Disponível em: <https://www.compras.mg.gov.br/images/stories/arquivoslicitacoes/2017/SEPLAG/06.02.2017/edital-de-licitacao-do-novo-verificador-independente-retificado.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SOUSA, Emilene Leite de. **Que trabalhaiis como se brincásseis: trabalho e ludicidade na infância Capuxu**. Orientador: Simone Carneiro Maldonado. 2004. 237 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2004. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/7112>. Acesso em: 23 set. 2021.

_____. **Umbigos enterrados:: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. Orientador: Antonella Maria Imperatriz Tassinari. 2014. 422 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.,

Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130980>. Acesso em: 5 ago. 2022.

_____. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Iluminuras**, v. 16, n. 38, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/57434> Acesso em: 2 jul. 2022.

STEBBINS, Robert. **Serious Leisure**: a perspective for our time. New Jersey: Transaction, 2008.

STEPHENS, Neil; DELAMONT, Sara. Roda Boa, Roda Boa: Legitimate peripheral participation in diasporic capoeira. **Teaching and Teacher Education**, v. 26, n. 1, p. 113-118, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tate.2009.09.003>. Acesso em: 21 jun. 2020.

STEPHENSON, Alison. Physical risk-taking: dangerous or endangered?. **Early Years**, v. 23, n. 1, p. 35-43, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0957514032000045573>. Acesso em: 16 jan. 2022.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, 1997. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19272/000207739.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 ago. 2022.

TASSINARI, Antonella. Concepções de infância indígena no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, out, 2007. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/download/138/144>. Acesso em: 29 out. 2018.

TOREN, Christina. Como sabemos o que é verdade? O caso do *mana* em Fiji. **Mana**, v.12, n.2, p.449-477, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000200008>. Acesso em: 14 nov. 2019.

TREMBLAY, Mark S. *et al.* Position statement on active outdoor play. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 12, n. 6, p. 6475-6505,

2015. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/12/6/6475>. Acesso em: 23 set. 2020.

VAN DER BURGT, Danielle; GUSTAFSON, Katarina. "Doing Time" and "Creating Space": A Case Study of Outdoor Play and Institutionalized Leisure in an Urban Family. **Children, Youth and Environments**, 23(3): 24-42, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7721/chilyoutenvi.23.3.0024>. Acesso em: 24 ago. 2021

VAN VLIET, William. Exploring the forth Environment. An examination of the home range of cities and suburban teenagers. In: **Environment and Behaviour**, 1983. p. 567-588. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0013916583155002> Acesso em: 13 abr. 2021.

VELHO, Otávio. **Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro**. Aula inaugural proferida ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. Rio de Janeiro: 15 de mar. 2006. (Palestra)

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Educação em revista, v. 33, p. 7-47, 2001. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n33/n33a02.pdf> . Acesso em: 09 nov. 2022

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 4, 2002.

WAGNER, Roy. **The Invention of Culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer, trabalho e qualidade de vida. In: **Congreso de Educación Física e Ciencias do Deporte dos Países de Língua Portuguesa**. 1998. Disponível em: <http://www.clubedarecreacao.com.br/wp-content/uploads/2014/05/008-Artigo-WERNECK-Lazer-Trabalho-e-Qualidade-de-Vida.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ZEIHER, Helga. Shaping daily life in urban environments. In: **Children in the city**. Routledge, p. 84-99, 2003. Disponível em: https://shahrsazionline.com/wp-content/uploads/2016/01/Children-in-the-Citywww.shahrsazionline.com_.pdf#page=85 Acesso em: 12 out. 2021.

GLOSSÁRIO

Bina – Termo que designa uma vitória expressiva de um oponente sobre outro durante uma descida de rolimã.

Corujão – Rolês ocorridos no período da noite.

Encontro – Eventos com viés essencialmente lúdico, onde a participação de crianças e aprendizes é sempre incentivada.

Gp - Eventos competitivos, com grande estruturação logística e prevalência de pilotos experientes.

Riscando o Asfalto – O termo utilizado pelos pilotos quando querem dizer “estrear” ou “experimental” uma pista.

Rolê – Eventos efêmeros e itinerários em locais ermos com trechos longos e íngremes com prevalência de pilotos experientes.

Zerinho – Manobra também conhecida como “drift” ou “pião”, que consiste em dar um giro parcial ou total com o carrinho de rolimã.

Zoação – Termo que significa zombaria ou deboche.

ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Participação e aprendizagem das crianças nos encontros de carrinho de rolimã na cidade de Belo Horizonte

Pesquisador: Fernanda Müller

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32801320.0.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.242.124

Apresentação do Projeto:

Trata-se de versão do projeto de pesquisa que responde diligências do parecer de número 4.197.495.

A pesquisa tem por objetivo investigar e compreender os processos de participação e aprendizagem das crianças nos encontros de carrinho de rolimã na cidade de Belo Horizonte, com o intuito de compreender processos de formação e constituição humana, para além da educação escolar. A pesquisa desenvolvida segundo os procedimentos metodológicos da pesquisa etnográfica e prevê registros in loco através de fotos, filmagens e anotações em um caderno de campo.

A definição dos participantes da pesquisa irá depender da frequência de participação nos encontros de carrinho de rolimã. Isso significa que adultos e crianças cuja participação tenha ocorrido de forma esporádica, não serão considerados participantes.

Ao longo do trabalho de campo, ou ao fim deste, adultos e crianças poderão ser convidados a participar de entrevistas semiestruturadas. A escolha desses participantes e a definição das perguntas serão feitas pelos pesquisadores com o intuito de produzir dados não revelados pelo trabalho de campo.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 4.242.124

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os processos de participação e aprendizagem das crianças nos encontros de carrinho de rolimã na cidade de Belo Horizonte.

Objetivos Secundários:

Para delinear melhor o objeto, apontamos também alguns objetivos específicos:

- identificar quem são os sujeitos e quais os encontros de carrinho de rolimã mais recorrentes na cidade de Belo Horizonte;
- analisar e compreender as formas de interação e agência entre crianças, adultos e o contexto;
- revelar as diversas formas participação e aprendizagem que fluem e constituem a brincadeira do carrinho de rolimã.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A metodologia utilizada na pesquisa prevê a utilização de entrevistas, registros audiovisuais e uma observação participante durante o trabalho de campo. Isso permite uma inserção interativa do pesquisador no contexto investigado onde gradativamente se estabelece uma relação de confiança mútua entre as pessoas envolvidas. Entretanto, caso algum participante dessa pesquisa sinta-se incomodado ou constrangido pelo uso dos instrumentos supracitados, ele poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem a necessidade de apresentar justificativas.

Benefícios:

O processo de urbanização contemporâneo tem afastado as crianças dos espaços públicos, reduzindo-as a vivências esporádicas (encontros de carrinho de rolimã), buscando naturalizar a lógica de que “lugar de criança é na escola” ou “em casa”. Nesse sentido, espera-se poder produzir dados que nos ajude a entender os processos de aprendizagem, formação e constituição humana, para além da educação institucionalizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de doutorado de educação do programa de Pós- Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, da FaE/UFMG.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 4.242.124

O pesquisador já vem participando de encontros de carrinho de rolimã em BH, organizado por um rapaz que possui um perfil público voltado para este fim no Instagram onde faz as chamadas para os encontros e publica fotos. Ele deixa claro que essa participação ainda não é parte do estudo de campo, mas uma vivência preliminar que o permite uma melhor compreensão da situação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No parecer de número 4.197.495 já haviam sido considerados adequados a folha de rosto, o parecer consubstanciado do programa de pós-graduação da FaE, o projeto completo e os instrumentos de coleta.

Em resposta às diligências, os seguintes termos foram revistos, conforme descrito:

1) Formulário de informações básicas do projeto revisto trocando o termo “requisitados” por “convidados” ao se referir ao convite às pessoas para participarem da entrevista.

2) Em todos os TCLEs (participante maior de 18 anos e responsáveis por menores) e TALEs (crianças até 11 anos, e crianças de 12 a 17 anos) foram revistos para:

a. deixar claro que qualquer atividade da pesquisa pode ser interrompida a qualquer momento se desejado pelo participante;

b. explicitar que não haverá remuneração associada à participação;

c. troca do trecho palavra “afirma que sabe dos riscos” por “afirma que foi informado sobre os riscos e benefícios”;

d. E no caso dos TCLEs foi incluído campo para inclusão do nome do participante, além de sua assinatura

Na descrição do estudo apresentada nos TCLEs e TALEs o participante é informado que o material coletado será usado apenas para a pesquisa. No parecer consubstanciado foi solicitado que caso houvesse a previsão de uso de voz e imagem na divulgação da pesquisa, tal fato deveria ser claramente descrito nos termos (TCLEs e TALEs) e o pesquisador deveria incluir no projeto o Termo de Cessão e Uso de Imagem, em documento separado, para solicitação do consentimento do participante para este uso. Embora os pesquisadores não tenham respondido explicitamente este ponto em sua carta de encaminhamento fica confirmado o entendimento que imagens e voz só serão utilizados para a realização da pesquisa, mas não sua divulgação.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 4.242.124

Recomendações:

Deixar claro ao indicar os contatos nos TCLEs e TALEs que os pesquisadores devem ser contactados para dúvidas em relação à pesquisa, e o COEP caso haja dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os pesquisadores fizeram a revisão do projeto atendendo às diligências solicitadas no parecer de número 4.197.495 para sua adequação. Na condição de se levar em consideração as recomendações acima indicadas para esta versão do projeto, sou, S.M.J. favorável à sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1547052.pdf	10/08/2020 09:00:48		Aceito
Outros	ALTERACOES.pdf	10/08/2020 08:59:54	Luciano Silveira Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEate11corrigido.pdf	10/08/2020 08:57:46	Luciano Silveira Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE12a17corrigido.pdf	10/08/2020 08:57:31	Luciano Silveira Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpaiscorrigido.pdf	10/08/2020 08:56:42	Luciano Silveira Coelho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLÉacima18corrigido.pdf	10/08/2020 08:56:14	Luciano Silveira Coelho	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.242.124

Ausência	TCL Eacima18 corrigido.pdf	10/08/2020 08:56:14	Luciano Silveira Coelho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Luciano2019.pdf	06/05/2020 20:20:46	Luciano Silveira Coelho	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	06/05/2020 20:18:43	Luciano Silveira Coelho	Aceito
Outros	Roteiro Entrevista Crianças.pdf	06/05/2020 20:18:02	Luciano Silveira Coelho	Aceito
Outros	Roteiro Entrevista Pais.pdf	06/05/2020 20:17:16	Luciano Silveira Coelho	Aceito
Parecer Anterior	Parecer Projeto.pdf	06/05/2020 20:14:14	Luciano Silveira Coelho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 27 de Agosto de 2020

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

ANEXO II – Matéria sobre o encontro de rolimã do Buritis

Agosto de 2020

Buritis

11

EDITORIAL | OPINIÃO | LAZER/EDUCAÇÃO | POLÍTICA | ESPECIAL | CULTURA | POLUIÇÃO | SAÚDE | SERVIÇOS | IMÓVEIS | PAINEL/TENDÊNCIA | SEGURANÇA

Saudosismo

INFÂNCIA "RAIZ"

Buritis promove encontros de carrinhos de rolimã

Quem tem mais de 30 anos e teve a oportunidade de ter uma infância com mais liberdade, provavelmente tem no corpo algumas cicatrizes originadas de uma das brincadeiras mais divertidas e emocionantes da época. Descer ladeiras a bordo de um carrinho de rolimã. Os carrinhos, feitos de madeira com rolamentos de aço como rodinhas, eram pura adrenalina e uma diversão garantida. Porém, com o passar dos anos, a brincadeira foi sumindo. As ruas repletas de veículos e o avanço da tecnologia foram os principais inimigos. No entanto, pelo menos aqui no Buritis, esta brincadeira resurgiu e tem atraído cada vez mais participantes.

Há cerca de dois anos o morador da Avenida Senador José Augusto,

teve a ideia de voltar a andar de carrinho de rolimã. Querida que a filha

hoje com 4 anos, sentiu-se um pouco da emoção da brincadeira que marcou sua infância. Com os conhecimentos de AutoCAD que possui decidiu então construir um carrinho, encontrar uma rua segura no bairro e apresentá-la à brincadeira. Mal sabia que, assim como ele, muitos outros pais do Buritis também iriam abraçar a ideia. Toda vez que ia levar a filha - e ele também - para descer de rolimã, alguém o abordava e demonstrava interesse em participar. Dai nasceu a ideia de promover encontros no bairro. "Comecei a andar na pista da Henrique Badaró Portugal, mas o único local indicado para descer lá é um cruzamento que é muito movimentado. Então, estava perigoso. Encontramos essa avenida, a José de Oliveira Vaz, que é uma descida muito tranquila, ideal para andar".

Os encontros acontecem, normalmente, nas manhãs de sábado.



Voltar da descida arrastando os carrinhos é outra GRANDE DIVERSÃO DA BRINCADEIRA

Hoje, em torno de 30 pessoas de todas as idades participam. A empresária, moradora na Rua Ernani Agrícola, é um exem-



Manhã de sábado de AS FILHAS agora estão reservadas para andar de carrinhos de rolimã

plo de que a brincadeira é para todas as faixas etárias. Já desceu a ladeira com as filhas de 7 e 9 anos e até com a mãe de 60 anos.

"É uma experiência libertadora. As meninas chegam exaustas em casa. Quando eu saio com os carrinhos, as pessoas passam e comentam. Quem está de carro buzina. Desperta o interesse mesmo".

Uma das grandes responsáveis pelo sucesso do encontro de carrinhos de rolimã no Buritis é a empresária, sócia-proprietária da Padaria Pão da Serra. Como o seu empreendimento fica na Henrique Badaró conhecida desde que iniciou a brincadeira com a filha. Acheu muito legal e decidiu participar com as filhas, as gêmeas, de 5 anos.

De acordo com, as filhas idênticas são uma atração na sua padaria. Com o início do isolamento, muitos pais lhe perguntaram como estava fazendo para conter a energia das garotinhas. Então, respondeu: as levo para

andarem de carrinho de rolimã. Logo, se interessavam e perguntavam onde aconteciam os encontros e como poderiam participar. "Além



Os PAIS DE vieram de longe trazer o filho para brincar com seu carrinho no Buritis



foi o principal idealizador do encontro

de divertido, fazer bem para a saúde e para a coordenação motora, andar de carrinho de rolimã é uma atividade muito segura neste momento, uma vez que as pessoas não precisam ficar próximas".

brinca que levar as crianças para andar de carrinho de rolimã tem sido um pretexto para muitos pais também entrarem na brincadeira. "Tem muitos que chegam aqui e descem antes dos filhos (rurs). Nestes tempos difíceis, ter uma distração saudável como essa pode fazer muita diferença na vida das pessoas".

E o encontro do Buritis tem ganhado fama. Não são apenas moradores do bairro que participam da brincadeira. O representante comercial e a esposa

trouxeram o filho, de 5 anos, para descer com seu carrinho na avenida do bairro. E o caminho foi longo. Eles são moradores no bairro União, que fica na região nordeste de Belo Horizonte.

Apesar da distância, os pais dizem que vale muito à pena o esforço. "Tirar as crianças do celular, do vídeo-game, é algo muito difícil. Então, quando me pede para levá-lo para andar de carrinho de rolimã, de forma alguma posso negar", diz. "Ver o quanto ele está interessado é muito legal. O mesmo escolhe os adesivos que prega no carrinho. Está muito empolgado e isso passa pra gente", completa

Oportunidade

estava sem trabalhar desde que Beatriz nasceu, quando deixou a gerência de uma fábrica de ração. Ao construir o carrinho, que é bem mais moderno e seguro do que aqueles da sua infância, muitas vezes feitos de caixotes de madeira, viu uma oportunidade de transformar o hobby em profissão. Assim, toda vez que chega uma pessoa interessada em participar do encontro, mas não tem o carrinho, oferece o produto. "Ninguém vai ficar sem brincar. Comecei devagar e hoje já posso uma linha extensa. São carrinhos para todos os tamanhos, acolchoados, seguros, e agora ainda posso plotá-los".

A plotagem dos carrinhos até valeu um fato interessante na vida de

Dois de seus trabalhos foram alusão aos carros da Lotus e McLaren, pilotados por Ayrton Senna na Fórmula 1. Ao postar as imagens no seu Instagram começou a ser seguido por Galvão Bueno. "Nossa, achei muito legal. Ele não quis ficar conversando, mas já foi um grande incentivo para eu seguir meu trabalho".

Além de levar seus produtos nos encontros, quem tiver interesse em conhecer o trabalho de Estevam também pode acessar o Instagram

Estevam

ANEXO III – Repercussão internacional da Copa Sudeste de Rolimã



Brumadinho acolhe terceira edição do Grande Prémio de Carrinhos de Rolamentos

De **Bruno Sousa** • 19/06/2022



LIPUTAN 6



HEADLINE HARI INI

Ik Kuat Tahan Subsidi BBM Membengkak, Jokowi Harus Bagaimana?

Home » Berita Foto

FOTO: Berlomba Menuruni Bukit dengan Kendaraan Buatan Sendiri

oleh **Arny Christika Putri** pada 20 Jun 2022 10:00

BARRON'S

AFP NEWS

Fast And Furious At Brazil's Soapbox Cart Championship



Douglas MAGNO
June 20, 2022

dailymotion

Q Pesquisar

Il Biblioteca

Login

Iniciar sessão



mês passado

Brazil's Soapbox Cart Championship kicks off

euronews (in English) Seguir

Competitors travel at speeds more than 100km/h in the Brazilian Soapbox Cart Championship in Brumadinho, Minas Gerais state. The carts are made wood or iron and the course is 3km of steep descents.



Actualités



[Société](#)
[Santé](#)
[Environnement](#)
[Fait divers](#)
[People](#)
[Culture](#)
[High-tech](#)
[Insolite](#)
[Vidéos](#)

[Toutes les vidéos Societe](#)

Brésil: championnat de caisses à savon

par AFP FR  info

Le championnat brésilien de caisses à savon s'est tenu samedi dans le Minas Gerais, au Brésil. Sur trois kilomètres, ces petits bolides ont dévalé des pentes abruptes roulant parfois jusqu'à 100 km/h.

Brumadinho, Brésil

4FP  

AFP Agence France-Presse 

@afpfr

Le championnat brésilien de caisses à savon s'est tenu samedi dans le Minas Gerais, au Brésil. Sur trois kilomètres, ces petits bolides ont dévalé des pentes abruptes roulant parfois jusqu'à 100 km/h [#AFP](#)

 [@douglasmagnoDM](#) 

[Translate Tweet](#)

ANEXO IV – Repercussão midiática do acidente fatal com rolimã



Homem morre após perder controle de carrinho de rolimã e bater em placa de sinalização em Divinópolis

Vítima participava de uma disputa no Bairro Lagoa Parque quando ocorreu o acidente.

Por G1 Centro-Oeste de Minas

07/05/2018 09h34 · Atualizado há 4 anos



O TEMPO

ELEIÇÕES 2022 POLÍTICA BRASÍLIA ESPORTE CIDADES ECONOMIA CULTURA O TEMPO LIVE PODCASTS SUPER NOTÍCIA PROMOÇÕES

PERDEU O CONTROLE

Homem morre em acidente com carrinho de rolimã em Divinópolis

Vítima tinha 37 anos e foi arremessado em um poste após bater em passeio



Por Bruno Menezes

Publicado em 7 de maio de 2018 | 14h37 - Atualizado em 7 de maio de 2018 | 16h37



TAGEM ▼ ILHA RECORD 2 ▼ ELEIÇÕES 2022 ESPORTES ▼ JR 24H ▼ MONITOR7 ▼ RECORD TV ▼

Homem morre em acidente com carrinho de rolimã em Minas Gerais

Vítima perdeu o controle do brinquedo, foi arremessada contra um poste de sinalização e chegou sem vida ao hospital

MINAS GERAIS | Paulo Henrique Lobato, Do R7
07/05/2018 - 15H40

COMPARTILHE:    



07/05/2018 10h24 - Atualizado em 07/05/2018 10h37

Homem perde controle de carrinho de rolimã e morre ao bater em poste



NOTÍCIAS

Homem morre em acidente com carrinho de rolimã em Minas Gerais



Redação RIC Mais

A- A+



PORTAL GERAIS > BLOG > ÚLTIMAS NOTÍCIAS > ACIDENTE COM CARRINHO DE ROLIMÃ DEIXA UMA VÍTIMA FATAL EM DIVINÓPOLIS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

📌 Acidente com carrinho de rolimã deixa uma vítima fatal em Divinópolis

REDAÇÃO - 07/05/2018
ATUALIZADO 2018/05/07 AT 9:42 AM

COMPARTILHAR